

Quando eu era menino

Rubem Alves

PAPIRUS

Quando eu era menino

Rubem Alves

Ilustrações:
Paulo Branco



>>

Para
Mariana, Camila,
Ana Carolina,
Rafaela e Bruna,
minhas netas.

Rubem Alves

Sumário

A máquina do tempo

A casa

O fogo

A mina d’água

A água

A terra

A horta

O dente da Camila

A bisavó

A noite

O lixo

O caminho da horta à boca

Só quero um presente

Relógios

O ovo

O vazio

Brinquedos

Brincar é difícil...

As dores...

Doenças e remédios

Monjolos e carros de bois

A mudança

Homenagem

Sobre o autor

Outros livros de Rubem Alves

Redes sociais



Grande é a poesia, a bondade e as danças, mas a coisa melhor do mundo são as crianças.

Fernando Pessoa

A MÁQUINA DO TEMPO

Minhas netas: Hoje eu sou velho. Mas já houve um tempo em que fui criança como vocês. Mas o tempo passa e aquilo que era deixa de ser. O tempo é isto: o poder que faz com que coisas que existem deixem de existir para que outras, que não existiam, venham a existir. Se o tempo não tivesse passado eu continuaria a ser menino e vocês não existiriam. Vocês só existem porque eu envelheci. Eu posso passear no seu mundo, que existe. Mas eu gostaria que vocês passeassem no mundo da minha meninice, que não existe mais. Acho que vocês gostariam, porque era um mundo tão diferente...

Imaginem que eu convido vocês a dar um passeio no Jardim Zoológico. Isso é fácil. Basta entrar num carro e ir até o Jardim Zoológico. É assim no mundo do Espaço. A gente vai de um espaço para outro viajando.

Mas o mundo em que eu vivi não se encontra em nenhum lugar do espaço. Não é possível pegar um carro e ir até ele. Meu mundo de menino está no Tempo – um tempo que passou, que não existe mais. Para ir para um Tempo diferente, carros e aviões não adiantam. É preciso um outro meio de transporte. É preciso embarcar numa Máquina do Tempo.

Vocês nunca viajaram numa Máquina do Tempo? Pois vão viajar agora! A Máquina do Tempo está dentro da nossa cabeça. Ela se chama Imaginação. Quando vocês se lembram das últimas férias e dão risadas imaginando o que aconteceu, vocês estão viajando na Máquina do Tempo:

vocês foram para o passado. O passado ficou vivo de novo nos seus pensamentos.

Então, por favor: entrem na minha Máquina do Tempo! Tomem seus lugares. Apertem os cintos, porque vamos decolar, como os aviões decolam. Olhem com atenção para fora das janelas. Prestem atenção no mundo lá de fora, tal como ele é agora, o mundo em que vocês vivem. Quando começarmos nossa viagem na Máquina do Tempo ele vai desaparecer. Sabem por quê? Porque quando entramos no passado entramos num tempo em que ele não existia. A prova de que estamos realmente viajando para o passado é o desaparecimento das coisas que existem e o aparecimento de coisas que não existem mais. Vocês já viram filmes de dinossauros. O mundo dos dinossauros é diferente do nosso. Lá não existem as coisas do nosso mundo – por exemplo, relógios e bicicletas. Mas existem coisas que não existem no nosso mundo: plantas diferentes, bichos diferentes.

Vamos decolar! Prestem atenção nas coisas que vão desaparecendo. Primeiro vão desaparecer as coisas grandes. Depois, as coisas da nossa casa. Finalmente, as coisas que nos pertencem.

Vejam: os grandes prédios estão sumindo! Estão virando fumaça que o vento sopra até que desaparecem.

É. No mundo da minha infância não havia grandes prédios.

Agora é a vez dos *shopping centers*. Estão virando fumaça também, e o vento está soprando. Vejam o vazio que fica no seu lugar, depois que o vento sopra a fumaça!

Esfumaçam-se também os supermercados.

Vocês podem imaginar-se vivendo num mundo onde não houvesse *shopping centers* e supermercados? Onde é que vocês iriam fazer compras

e passear?

Milhões de garrafas de Coca-Cola, milhões de hambúrgueres, milhões de saquinhos de batatas fritas, milhares de McDonald’s! Tudo transformado em fumaça.

Plástico: tudo se faz com plástico no nosso mundo: saquinhos, garrafas, canetas, copos, piscinas, barracas! Tudo esfumaçado.

Epa! Isso também é demais! É o asfalto que está virando vapor. Sai dele uma fumacinha e era uma vez as ruas asfaltadas. Carros! Esfumaçaram-se também. As ruas sem asfalto estão vazias de carros. Como é possível viver sem carros? Ir de um lugar para outro – para a escola, para a casa das amigas, para a praia – sem carro? No mundo da minha infância não havia carros. No mundo da minha infância a gente usava muito as pernas. A gente andava. Andava tanto que não era preciso sair para dar caminhadas, nem andar em esteiras em academias de ginástica e clubes.

E, por falar em clubes, vejam! Também os clubes estão virando fumaça.

E aquele enorme avião, levando mais de 300 passageiros! Entrou numa nuvem e não saiu. Virou nuvem! Mas há um aviãozinho voando solitário no céu! Aquilo não é um avião: é um aeroplano. Mas até o pequeno aeroplano virou nuvem. O tempo comeu até o nome.

Prestem atenção agora. Minha Máquina do Tempo vai entrar na sua casa. Vejam como as coisas vão desaparecendo. Desaparece, primeiro, a televisão. No meu mundo de criança as pessoas viviam sem televisão. Vejam como o aparelho de som vai se transformando. Agora ele toca CDs. Esfumaçado, ele se transforma e passa a tocar discos de vinil. Mais esfumaçado ainda, vira um gramofone a manivela. Ah! Vocês não sabem o

que é um gramofone a manivela? Um dia eu conto. E aí, então, até o gramofone some. Fica só a fumaça! Desaparece também o aparelho de rádio.

Vejam como suas casas estão ficando vazias! Geladeira, fogão a gás, máquina de lavar roupa, forno de micro-ondas, liquidificador, torradeira – tudo desaparece.

Sem geladeira não há gelo. Sem gelo não há sorvete. É. Também os sorvetes viraram fumaça...

Meu Deus! Isso não! Tudo, menos isso! Telefone, não vire fumaça! Eu te amo! Não posso viver sem você! Sem você, como é que vou conversar com minhas amigas? Como é que vou marcar encontros? Como é que vou namorar? Primeiro, vai-se o telefone celular. Puff! Esfumaçado! Depois, os outros telefones. Mas o que é aquilo pregado na parede? Há um homem girando uma manivela e gritando! Aquilo era o bisavô dos telefones de agora. Mas nem telefones como aquele havia no meu mundo de criança.

Tudo ficou escuro de repente. O que aconteceu? Foi a eletricidade que virou fumaça. Como vocês sabem, sem eletricidade não há luz elétrica. Mas não fiquem aflitas. A luz vai logo voltar. Alguém vai acender uma lamparina ou uma vela. Graças a Deus havia fósforos! Mas, se andarmos mais para o passado, vamos chegar a um tempo em que as caixas de fósforos também vão desaparecer. Como é que se fazia fogo sem fósforos? Como se acendiam as coisas? Quem sabe ainda vamos falar sobre isso!

Sem eletricidade, sem luz, sem televisão, sem rádio, sem som, sem telefone: as noites deviam ser terríveis! O que é que se fazia à noite?

Onde estão as esferográficas coloridas que estavam nas bolsas de vocês? Tão fácil escrever com esferográfica: acabou, joga fora; compra outra. Pois elas sumiram. Eram de plástico. E as bolsas? Sumiram também. Também eram de plástico. Vocês vieram nesta viagem sem sapatos? Vieram de tênis? Onde foram parar seus tênis? Sumiram também. Ah! Que vontade de mascar chicletes! Vocês têm um nos seus bolsos? Não está mais nos bolsos? Só há uma fumacinha saindo de seus bolsos? Vamos ao seu quarto de brinquedos. Epa! Que fumaceira! Deve estar havendo algum incêndio... Não. É que tudo se esfumaçou. Computador, *videogames*, bonecas, jogos comprados em lojas, bichinhos eletrônicos...

Que coisa poderosa é o Tempo! Andando para trás, o mundo em que vivemos vai desaparecendo. É preciso que as coisas que existem agora desapareçam para que as coisas que existiam naquele tempo apareçam! A imaginação nos faz ver que outras formas de vida são possíveis. Nosso mundo não é o único. E foi nesse mundo passado, quando não existiam as coisas que o progresso criou e sem as quais achamos que não podemos viver, que coisas maravilhosas aconteceram!

Foi nele que viveram sábios como Buda, Sócrates, Jesus. Cientistas como Kepler, Galileu, Newton, Pasteur, Darwin, Mendel. Artistas como Michelangelo, Rafael, Leonardo Da Vinci. Filósofos como Platão, Aristóteles, Descartes, Rousseau. Santos como São Francisco. Escritores como Esopo, La Fontaine, Shakespeare, Goethe, Camões, Machado de Assis. Músicos como Vivaldi, Bach, Mozart, Beethoven.

Peçam a seu pai – ou a sua mãe, ou a sua professora – para lhes contar estórias sobre esses homens. Se eles não souberem, que tratem de saber! Se nos programas da escola de vocês não houver lugar para falar sobre esses homens, reclamem com a diretora! Enviem uma carta à

Secretaria de Educação, reclamando! Vocês têm o direito de saber. Eles têm o dever de ensinar.

Que coisa fascinante esta: que tantas coisas maravilhosas tenham surgido nesse mundo passado tão vazio daquelas coisas que nós achamos indispensáveis para viver! Talvez não sejam tão indispensáveis assim...

PARA PENSAR



Vamos brincar de fazer de conta. Fazer de conta é imaginar uma coisa que não existe. Pois vamos imaginar uma catástrofe. Catástrofe é uma coisa terrível que acontece. Vamos imaginar que um asteroide gigante – asteroides são pedras, algumas pequenas, outras enormes, que giram no sistema solar –, pois vamos imaginar que um asteroide gigante chocou-se com a Terra. Todos os homens morreram. Felizmente morreram só os homens e não os animais. Todos os homens, menos os moradores da cidade de São Paulo e os índios de uma tribo da Amazônia. Que grupo terá mais chances de sobreviver nessa situação? Os moradores de São Paulo ou os índios da tribo?



Das muitas, muitíssimas coisas que estão na sua casa, de chicletes a computador e carro, quais são essenciais para a vida? Quais são as coisas sem as quais você passaria muito bem?



Em suas solidões felizes a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico, aquele que nos une ao mundo.

Bachelard

A CASA

Acho que estamos chegando. Estou sentindo cheiro de capim-gordura. Capim-gordura era um capim que cobria os pastos. Os bois e as vacas comiam. Tinha um cheirinho bom, de que não me esqueço. Quando o capim floria, os campos ficavam cor-de-rosa, porque as flores do capim-gordura são cor-de-rosa. Naquele tempo a gente sentia bem o cheiro das plantas. E também porque estou vendo uns ipês-amarelos floridos. Precisou que os prédios, os carros e o asfalto desaparecessem para que os ipês floridos nos campos aparecessem. A gente deixa de ver umas coisas para poder ver as outras...

Uma casa branca com janelas e portas azuis, sozinha, no meio dos pastos! Lá longe, umas choupanas... Eu não nasci aqui. Nasci na cidade. Nossa Senhora das Dores da Boa Esperança. Naquele tempo toda cidade tinha nome de santo. Os moradores punham nomes de santos nas cidades para se sentirem protegidos. É sempre bom ter uma Nossa Senhora como protetora. O nome era comprido. Deixaram a “Nossa Senhora” de lado. Ficou só “Dores da Boa Esperança”. Mas também esse nome era comprido. Ficou só “Dores”. Assim, eu nasci em Dores...

Meu pai, o bisavô de vocês, tinha um nome esquisito, nunca vi igual: Herodiano. Eu não colocaria nome de Herodiano num filho meu. O curioso é que havia outros Herodianos. O que me disseram é que houve lá um juiz importante, que falava difícil e bonito, que se chamava Herodiano. Parece que toda mãe queria que seu filho fosse importante,

falador difícil e bonito como o Doutor Herodiano... Daí os Herodianos. O nome era complicado. Mais fácil um apelido: Diano. Era assim que meu pai era conhecido.

Pois ele, seu bisavô, era rico. Tinha uma casa chique, com alpendre. Ah! Vocês não sabem o que é alpendre? Alpendre era o nome para o lugar da casa que hoje tem o nome de varanda. Com jardim, pé de manacá perfumado, jasmim, pé de romã, vidros nas vidraças, portas com fechaduras, assoalho de tábuas, encerado, água encanada, torneiras, privada com descarga de puxar cordinha e banheira. Um conforto.

Nasci em casa. Nessa casa chique. Naquele tempo crianças não nasciam em maternidades. Cada cidade tinha as suas parteiras. Parteiras eram mulheres que haviam aprendido com outras parteiras mais velhas as técnicas de ajudar as mulheres grávidas a pôr seus filhos no mundo. Não, não tinham curso de enfermagem. Não haviam ido à escola. Muitas delas nem sabiam ler. Acho que quando nasci minha mãe ficou desapontada. Ela já tinha três meninos. Tinha rezado muito para que eu fosse uma menina. Não fui. Ela teve de se conformar. Fui o último. Caçula.

Meu pai era dono da única loja boa da cidade, tinha casas, fazendas, era dono do cinema mudo e até negociava café com países estrangeiros. Mas aí deu um *sarapiteco* numa tal de “Bolsa” de Nova York e quem era rico ficou pobre. Não me peçam para explicar. Eu não entendo direito essas coisas de “Bolsa”... Meu pai perdeu tudo o que tinha. Não foi o único. No mundo inteiro, homens muito ricos ficaram pobres da noite para o dia. Muitos não aguentaram a perspectiva da pobreza, a humilhação de não ter dinheiro, e preferiram se matar. Meu pai não. Ele tinha a capacidade de sempre ver alguma luzinha no fim do caminho. E assim, aos 40 anos, com quatro filhos pequenos, pobre, sem nada, ele se preparou para recomeçar a vida do zero. Abandonado pelos amigos. Porque quando

rico fica pobre, os amigos desaparecem. Quando ele era rico, tudo era festa. O Diano pagava as contas. Agora, o Diano quebrado, havia sempre o perigo de que ele pedisse algum dinheiro emprestado...

Um cunhado, fazendeiro, propôs-lhe: “Vá tomar conta da minha fazenda!”. Meu pai não tinha outra alternativa. Aceitou. E foi assim que vim morar nessa casa branca com portas e janelas azuis, sozinha no meio dos campos. Do tempo passado de riqueza, eu não me lembro nada. Minhas memórias começam aqui, onde acabamos de chegar.

Tudo é diferente! Tudo é novidade! Que estranho: que as coisas velhas, que não existem mais, possam ser novidade! Nessa casa velha, por exemplo, tudo é novo para vocês. Vocês nunca viram uma casa assim. A começar pelo degrau de entrada, que é uma pedrona assentada na terra! Naquele tempo não havia casas de materiais de construção. Na cidade era possível comprar tijolos para com eles fazer as casas. Nas cidades havia olarias, que são os lugares onde se fazem e se queimam os tijolos. Tijolo, para ser forte, tem de ser queimado em forno. Mas aqui, longe de tudo, não havia tijolos.

As pessoas têm de aprender a se virar com o que têm. Se não há tijolos para construir as paredes, o jeito é fazer as paredes sem tijolos. Se não há cimento, o jeito é fazer as paredes sem cimento. Pois os esquimós não fazem seus iglus com pedaços de gelo? E os índios brasileiros, com paus e folhas de palmeiras? E os índios da América do Norte, com paus e couro de animais? Inteligência é isto: saber usar o que se tem para fazer o que se deseja.

E foi assim, usando a inteligência, que o nosso matuto inventou um jeito de construir casas sem ferro, sem tijolos e sem cimento: pau a pique.

Uma casinha de pau a pique, das bem pobrezinhas, se faz assim. Primeiro se escolhe um lugar plano, que é limpo de todos os matos e pedras. Depois, nos cantos da casa que vai ser (até o mais pobre, antes de começar a fazer a casa no terreno, já fez a casa nos pensamentos. Nos seus pensamentos está a “planta” da casa...), fincam-se paus de madeira forte, que não apodreça com a umidade. Depois se amarram com cipó (não havia pregos) nos paus fincados, paus colocados em cima, na horizontal. Amarram-se também paus nos lugares onde vão ser as portas e as janelas. E paus para o futuro telhado. Feita essa armação forte, trança-se, entre os paus, uma grade de paus finos. A casa fica parecendo uma prisão ou, quem sabe, um galinheiro. Aí vem a parte divertida. Os amigos se reúnem em mutirão para amassar barro grudento. Tem de ser grudento, porque se não for, quando o barro secar, as paredes se esfarinham. Um segredo técnico: se se misturar bosta de vaca com o barro, o barro fica mais forte, dá mais liga. Das vacas se usa tudo, dos chifres à bosta. E esse é o nome que tem de ser falado. Bosta. Não serve cocô. Não serve fezes. Não serve excremento. De vaca, é bosta. Se não for bosta não dá liga nem serve para adubar. Aí começa a brincadeira. Um grupo de dentro da casa e outro de fora. Cada um com seu monte de barro. E começam a pôr o barro na treliça de madeira. É assim que começa. Mas frequentemente termina de outro jeito, especialmente se os construtores forem jovens. É fácil passar do “pôr” o barro para o “jogar” o barro... Mas as treliças são buracos amarrados com pauzinhos. O barro passa para o outro lado e acerta a cara de quem está do lado de lá – e o mutirão se transforma numa batalha alegre... Não há telhas para cobrir o teto. Teto se faz com sapé amarrado. Sapé é um capim que cresce nos campos. Não serve para nada. Só para cobrir. Está pronta a casa, de chão batido. Faltam duas coisas. As camas, que se fazem com paus fincados no chão e bambus atravessados – têm o

nome de “jirau” – onde se põe o colchão de palha de milho, e o fogão de lenha.

A casa da fazenda onde morei foi feita com a mesma tecnologia, melhorada, porque era casa de fazendeiro. Tinha assoalho de tábuas de madeira, levantado do chão, por causa da umidade. As paredes eram mais grossas. A casa era maior. Tinha sala de visitas, sala de jantar, quartos e cozinha. As janelas e portas eram feitas com maior capricho. As paredes eram pintadas de branco porque cal com água era a tinta mais fácil e mais barata. Não sei explicar de onde vinha a tinta azul. Os primeiros moradores dos Estados Unidos também pintavam a madeira de suas casas de azul. Produziam tinta azul misturando a gordura do leite com umas amoras azuis que lá crescem selvagens pelos campos, chamadas *blueberries*.

Vocês perguntam pelo banheiro... Ah! Não havia banheiro. Aquela era a casa da música do Vinícius: “Era uma casa muito engraçada...”. Quem quisesse fazer xixi ou cocô tinha duas alternativas. Primeira: fazia ao ar livre, nas moitas de bananeira, atrás de alguma árvore. E assim as coisas eram devolvidas à circulação natural da vida, transformadas em adubo. Ou – segunda alternativa – podia fazer uso da “casinha”. Eu me lembro que, no grupo onde estudei, quando algum menino da roça queria ir ao banheiro ele levantava a mão e pedia: “Fessora, posso ir na casinha?”. A casinha era uma casinha de 1,50 x 1,50 m (façam essa medida no chão, para vocês terem uma ideia do tamanho), com uma porta, sem janela. No meio havia um buraco fundo, coberto com um assoalho de madeira, no meio do qual havia um buraco... Era assim! “Ninguém podia fazer xixi, porque privada não tinha ali.” Mas tinha penico. Porque de noite, com chuva, quem era doido de sair no escuro, por onde rondavam lobisomens e almas do outro mundo, para ir até a casinha? Estão achando

isso estranho? Pois eu lhes digo que no famoso palácio de Versailles, dos reis perfumados da França, não havia um só banheiro. Mas havia penicos em abundância... Imaginem agora: um rei com coroa na cabeça, uma rainha com coroa na cabeça, assentados num penico...

PARA PENSAR



Os animais também constroem casas. Os moluscos, por exemplo, fazem conchas maravilhosas. Os moluscos são animais de corpo mole que seriam facilmente comidos. Também os pássaros. E as minhocas. Você e seus amigos e amigas poderiam fazer um álbum com figuras das casas que os pássaros e os moluscos fazem.



É professor na Universidade Federal de Juiz de Fora um senhor que se dedicou por toda a vida a colecionar conchas de moluscos. Seu nome é Maury Pinto de Oliveira. Quem se especializa em moluscos é um “malacologista”. Que nome mais estranho. Pois o professor Maury tem uma coleção fantástica com milhares de conchas. Você pode imaginar uma concha de 120 quilos? Está lá...



Cada povo constrói casa de um jeito. Numa cidade da Espanha há um bairro onde as casas são cavernas cavadas num morro. Aconteceu, faz muito tempo. Eram de um grupo diferente e foram expulsos da cidade. Como não tinham para onde ir, começaram a usar cavernas e a fazer cavernas. Estão ainda lá, e são lindas. Mas, é claro, não têm janelas... Faça uma brincadeira com sua família: cada um vai pesquisar um tipo de casa e vai dizer como ela é feita. Há casas feitas de gelo, de couro, de pano, de madeira, de pedra, de folhas de coqueiro, de barro, de adobes, de tijolos, de metal, sobre rodas, sobre a água...



Tantas
infâncias tive,
tantas, que me
perderia
ao contá-las.

Alexandre
Arnoux

O FOGO

Quando nossos antepassados, há milhões de anos – sofrendo a chuva, o frio, o sol, o vento e o perigo dos bichos selvagens –, descobriram que numa caverna estariam protegidos, eles inventaram a casa. Acontece que cavernas são raras. Não existem em qualquer lugar. Sem cavernas, com chuva, frio, sol, vento e bichos ferozes, a inteligência dos homens começou a funcionar. É sempre assim. A inteligência funciona quando o corpo padece. E eles começaram a pensar em como construir uma coisa que desse a proteção que uma caverna dava. E foi assim que as casas foram inventadas. Toda casa é uma caverna construída pelos homens, melhorada e enfeitada. Também nossos antepassados enfeitavam suas cavernas com pinturas. A segurança não basta para fazer os homens felizes. Eles querem a beleza. (Vocês já visitaram uma caverna? Vocês poderiam pedir a seus pais que, para variar, não fossem para as praias apinhadas nas próximas férias. Seria legal visitar uma caverna... Existe até um esporte que consiste em explorar cavernas.)

Foi assim que essa casa de pau a pique onde morei quando criança foi inventada. Era uma casa boa. Protegia da chuva, do frio, do calor do sol, das cobras, dos cães selvagens e das onças... Sim, havia onças... Era tão boa que estou aqui, vivo. Aquela casa me protegeu. E porque estou vivo, vocês estão vivas. Se eu tivesse morrido, vocês não existiriam, porque seus pais – meus filhos – não teriam nascido...

Aquela era a casa melhor e mais bonita que eu conhecia. As outras eram as choupanas dos caboclos, de chão batido e sem pintura nas paredes. Na minha casa quando chovia havia muitas goteiras. Chovia dentro de casa. O jeito era pôr bacias, baldes e panelas no lugar onde a água pingava. Era até gostoso dormir ouvindo o pingue-pingue das goteiras. A água caía direto das telhas porque a casa não tinha forro. Olhando para cima eu via as telhas e os paus redondos do telhado. Via também os ratos que passeavam pelas madeiras durante a noite. Havia também gretas nas portas e janelas por onde, no inverno, entrava um vento frio. Mas, como eu já disse, eu não conhecia casas melhores. Eu achava que as casas eram assim. E eu não me sentia pobre nem sofria. Aquela era a minha casa, enfeitada com roseiras e dálias no jardim, e malva perfumada em latinhas de massa de tomate.

Minha casa era assim (seu pai, sua mãe ou sua professora pode ajudar vocês a fazer uma planta): a porta da frente dava para uma salinha de entrada. Era a sala onde as visitas se assentavam para conversar. Tinha três cadeiras, um banco de madeira e um baú. Três quartos com uma cama com colchão de palha de milho e um armário. E uma cozinha grande com uma mesa de madeira, dois bancos compridos, um guarda-comida e um fogão de lenha. Guarda-comida era um armário com porta de tela fina onde se guardava a comida, pois geladeiras não havia. O fogão de lenha ficava sempre aceso, com um bule de café na chapa quente. A porta da frente era a única que tinha fechadura. As outras portas e as janelas eram fechadas com trancas e tramelas. Na porta de entrada havia um buraquinho por onde passava um barbante amarrado ao trinco. Qualquer pessoa que chegasse podia puxar o barbante, abrir o trinco, entrar na casa e ir tomar café na cozinha. Naquele tempo não existia medo de ladrões e malfeitores. Todo mundo era amigo. O medo só existia à noite... De noite

era escuro lá fora, as sombras davam medo e havia barulhos estranhos. Os cães latiam. Galos com pesadelo cantavam fora de hora. As noites eram misteriosas. De noite era preciso que a casa estivesse bem fechada por causa dos lobisomens e das mulas sem cabeça que saíam de seus esconderijos, junto com os bichos e as assombrações. Hoje não há mais. As luzes e a televisão fizeram com que eles se mudassem para longe. Hoje as noites não têm mistérios.

Nossos antepassados que viviam nas cavernas descobriram que uma caverna com uma fogueira dentro é uma casa melhor. Fogo é melhoria: dá luz, calor, espanta o medo, espanta os bichos. E, por acidente, eu acho, eles descobriram que com o fogo se pode fazer comida. A história da humanidade está ligada ao domínio do fogo. (Vejam o filme *A guerra do fogo* – é divertido e instrutivo.)

Hoje é fácil acender o fogão: gira-se um botão para o gás sair, aperta-se outro botão para produzir uma faísca, e o fogo está aceso. Naquele tempo era complicado fazer fogo. Exigia um longo preparo e uma arte delicada. Primeiro, era preciso catar lenha no mato. Ainda hoje, nas regiões mais pobres do Brasil, a gente pode ver as mulheres levando feixes de lenha equilibrados miraculosamente em sua cabeça. Era preciso ter achas grossas de lenha, para o fogo que fica queimando, e gravetos pequenos, para o foguinho inicial de curta duração, necessário para acender as achas grossas. A arte começava na forma de trançar paus grossos com os gravetos. Fósforos já havia. A gente risca os fósforos sem pensar. Paus de fósforo deveriam ser objeto de estudo, nas escolas. Já pensei mesmo em oferecer um curso sobre a história do pau de fósforo, história que começa quando um ancestral nosso pegou, pela primeira vez, um pau que um raio incendiara. Num pau de fósforo está resumida a luta dos homens, através dos milênios, para dominar o fogo. Objeto técnico

incrível. É esfregar a cabeça dele numa superfície áspera e ele acende. (Perguntem ao pai de vocês ou à sua professora por que o fósforo acende quando se esfrega sua cabeça numa superfície áspera.) Os paus já estão trançados no fogão. Não havia álcool para ajudar. Não havia jornais para queimar. Capim seco sim. Tudo arranjado do jeito certo, encosta-se o fósforo aceso no capim. E o milagre acontece: o fogo. Quando o fogo é aceso, anuncia-se a comida: o café, o biscoito, o bolo de fubá, o feijão, o frango ensopado. Ainda hoje eu fico comovido quando, viajando pelo interior, vejo a fumaça saindo da chaminé das casas dos pobres. Casa de rico não tem chaminé. Fogão de lenha aceso anuncia que existe vida naquela casa. Fogão de rico não faz fumaça. Por isso é que comida feita em fogão de lenha é mais gostosa.

Mas... e os pobres que não têm caixa de fósforos? Aí está um segredo: depois de acabado o fogo, as brasas podem ser guardadas debaixo da cinza. É preciso que sejam cobertas de cinza. Caso contrário, apagam. Você olha para o fogão, tudo apagado – e não sabe que é só mexer na cinza com um pau para que as brasas vermelhas apareçam. Aí, as brasas, colocadas debaixo dos gravetos e do capim – é só soprar. Não precisa de fósforo: o sopro acende as brasas. E o milagre acontece.

Brasas debaixo das cinzas: essa imagem é usada como metáfora (se vocês não sabem o que é metáfora perguntem ao pai, à mãe ou à professora) para algo que acontece com a gente. Tivemos um grande amor que nos fez sofrer. O tempo passou. Agora tudo parece esquecido. Não está. Está como as brasas debaixo das cinzas: basta um sopro para que o fogo se acenda e a paixão volte... Fernando Pessoa tem um verso em que ele fala de um “anjo que com suas asas soprou as brasas de ignoto lar...”.

Mas, e se as brasas se apagarem? O jeito é pedir fogo emprestado para uma vizinha. “A senhora me empresta um pau de lenha aceso?”

“Claro! Pode levar!” Com o pau de lenha aceso na mão, ela saía correndo para que ele chegasse aceso à sua casa. Tinha de correr para que o fogo não se apagasse. Quem pede fogo emprestado não tem tempo para conversa fiada. Daí um ditado que se diz a quem chegou e saiu rapidinho: “Veio buscar fogo?”.

Numa cidade onde morei depois de grande, Lavras do Funil, havia uma “Rua do Fogo”. Acho que ainda há. Nunca entendi a razão desse nome. Aí meu irmão Ismael me explicou: nos tempos antigos, muito antigos, fósforo era objeto de luxo. Não se encontrava fácil. Alguém, então, teve uma ideia brilhante: vender fogo. Assim, naquela casa havia fogo aceso sempre, dia e noite. Se faltasse fogo na casa de alguém, era só ir até a “Rua do Fogo” e comprar fogo.

Fazer uma fogueirinha é coisa gostosa. É por isso que os pais gostam de fazer churrasco. Eles se sentem voltando às suas origens, às cavernas, onde o churrasco apareceu, por acidente, quando um pedaço de carne crua caiu no braseiro enquanto nossos antepassados dormiam. Quando acordaram, ficaram bravos: carne queimada. Como não tinham nada mais para comer, comeram a carne queimada mesmo. E perceberam que ela era gostosa e muito mais macia. Não existe culinária mais primitiva que o churrasco...

PARA PENSAR



Tecnologia são as ferramentas que usamos para fazer uma coisa. Ferramentas são coisas que usamos para fazer outras: uma faca, uma agulha, um fósforo, uma bicicleta. Quando as ferramentas ficam complicadas, elas se chamam “máquinas”. O Pequeno Príncipe – você já leu o livro? – gostava de beber água indo até a bica e pegando o líquido com as mãos em concha. Para beber água, ele não se valia de tecnologia. Mãos não são ferramentas. Mas se uso uma folha de inhame – inhame é

uma planta de folhas grandes e bonitas – para pegar a água da mina, já estou fazendo uso de uma tecnologia: a folha de inhame não é parte do meu corpo. É algo que eu uso para fazer o que eu quero. Já um copo de vidro representa uma tecnologia muito mais complicada. Uma folha de inhame se encontra pronta na natureza. Um copo de vidro precisa ser inventado e feito. Você sabe de que o vidro é feito? Imagine: como será que os homens descobriram o jeito de fazer o vidro?



Um fósforo é uma coisa maravilhosa! Mas é tão comum que nem prestamos atenção. Cada pau de fósforo é um fogo que se carrega no bolso, adormecido! É só riscar e o fogo acorda! Eu fico pensando na história do pau de fósforo: quanto tempo se passou, quantas coisas tiveram que ser descobertas até que ele fosse inventado. Façam uma brincadeira na imaginação: tentem contar a história do pau de fósforo. Uma dica: a história começa quando um dos nossos antepassados, que vivia numa caverna, pela primeira vez viu um pau pegando fogo e o pegou com sua mão. Preciso confessar uma coisa: não sei nem quem, nem quando, nem como o pau de fósforo foi inventado. Se você ficar sabendo, por favor, me avise.



Todos os povos gostam de inventar estórias. É divertido e faz pensar. Os gregos antigos, que viveram há mais de dois mil anos, eram grandes inventadores de estórias. Pois eles diziam que houve um herói chamado Prometeu, que, contrariando as ordens dos deuses, subiu aos céus, roubou-lhes o fogo e deu-o aos homens. E foi assim que começou a nossa história. Sem o fogo, nosso mundo não poderia existir. Por quê?



Na idade do envelhecimento a lembrança da infância devolve-nos aos sentimentos finos, a essa "saudade risonha" das grandes atmosferas baudelerianas.

Bachelard

A MINA D'ÁGUA

Minhas netas: O mundo de quando eu era criança era tão diferente do mundo em que vocês e eu vivemos agora que parece que ele aconteceu há muito, muito tempo mesmo, no tempo daquelas estórias antigas que começavam sempre assim: “Era uma vez, numa terra distante, há muito tempo...”.

Será que minha infância aconteceu no tempo do “era uma vez”? Nossa viagem na minha Máquina do Tempo nos fez viajar 62 anos na direção do passado, quando eu era um menino de cinco anos. Vocês vão dizer: “Mas, vovô, 62 anos é muito tempo mesmo! Você viveu no tempo do ‘era uma vez’!”. Vocês são crianças de 10, 11 anos de idade. Sessenta e dois anos é, para vocês, muito tempo, um tempo que vocês nem podem imaginar. Quando eu tinha a idade de vocês eu sentia do mesmo jeito. Mas não é muito tempo quando pensamos nos milhares de anos, nas centenas de milhares de anos que medem o tempo em que nossos antepassados começaram a povoar o mundo. Vocês já ouviram falar sobre eles na escola, os homens pré-históricos, que viviam nas cavernas e usavam instrumentos de pedra... Pois eu vou dizer uma coisa muito estranha. Vocês vão ter que pensar para entender. Eu acho que o mundo em que eu vivi estava mais próximo do mundo desses nossos antepassados, há milhares de anos, que do mundo de vocês, o mundo em que nós vivemos!

Isso pode parecer absurdo: dizer que 62 anos é mais que milhares de anos. Mas o tempo é coisa matreira. No passado o tempo andava muito

devagar, porque as mudanças aconteciam muito devagar. Vocês podem imaginar quantas centenas de anos levou para que os homens descobrissem a maneira de produzir fogo? Ou o tempo que levou para que eles aprendessem a fazer cerâmica? Durante milhares de anos os homens só usaram instrumentos de madeira e de pedra. Podem imaginar o tempo que passou até que eles descobrissem os metais? E mais: calculam o tempo que passou até que eles aprendessem a usar os metais? Para usar metais, para transformar os metais em ferramentas, eles tinham de já dominar a tecnologia do fogo – porque é preciso fogo para fundir os metais. E qual teria sido o acidente que fez com que eles descobrissem que os metais, colocados no fogo, a altas temperaturas, derretiam? Que momento extraordinário deve ter sido aquele em que um homem, pela primeira vez, produziu uma lâmina afiada que podia cortar o couro, cortar a madeira, cavar a terra, virar faca e espada! Seus companheiros devem ter olhado para ele com assombro e respeito – quase como se ele fosse um deus! Peçam para seu pai ou seu professor lhes contar o mito de Prometeu, o herói que roubou o fogo dos deuses!

Quando as mudanças acontecem muito devagar, o tempo anda muito devagar. Ao contrário, quando as mudanças acontecem depressa, o tempo anda depressa. E foi isto que aconteceu: desde que nasci, as mudanças começaram a acontecer de maneira cada vez mais rápida. E a razão por que as mudanças passaram a acontecer de forma cada vez mais rápida se deve a isto: antes as descobertas aconteciam por acidente. Mas, de repente, os homens aprenderam a fazer as mudanças de propósito. Não precisavam esperar que acidentes acontecessem. Aprenderam que, usando o pensamento, eles podiam fazer as coisas que desejavam. A coisa mais importante que aconteceu na história da humanidade foi isto: os homens aprenderam a pensar para fazer as coisas que eles desejavam.

No lugar/tempo da minha infância as mudanças andavam de carro de boi. No nosso tempo as mudanças andam de avião a jato! A distância que um avião a jato percorre em uma hora, um carro de boi, andando sem parar, dia e noite, levaria 270 horas para percorrer! Assim, posso dizer que o mundo em que eu vivia quando menino de cinco anos estava mais próximo do mundo dos nossos antepassados que do mundo em que vivemos agora. Em 62 anos o mundo experimentou mais transformações – voou mais – que durante todos os milhares de anos passados em que nossos ancestrais viveram!

Eu vivi, assim, muito perto do início da história do homem! O jeito como as coisas eram feitas no meu tempo de menino era o mesmo jeito pelo qual elas eram feitas muitos séculos antes. Vou dar um exemplo. No meu tempo de menino a gente fazia sabão em casa. Para isso se usavam sebo de vaca e um líquido preto que era obtido fazendo filtrar água através da cinza. Faz alguns anos, visitei, nos Estados Unidos, uma aldeia que é uma réplica (réplica = cópia) de uma das aldeias onde viviam os primeiros norte-americanos, nos séculos XVI e XVII. Pois encontrei, num canto da aldeia, o lugar onde eles faziam sabão com a descrição de como eles o faziam. Pois eles faziam sabão do mesmo jeito como se fazia na minha casa! Então era como se eu, há 62 anos, vivesse no mesmo tempo em que viveram os tais norte-americanos, 400 anos antes!

No meu mundo a gente vivia perto do nascimento das coisas. Eu via as coisas nascendo! Vou explicar. Veja o caso do fogo, sobre que já falamos. Na minha infância o fogo tinha que renascer a cada manhã. Ele nunca estava pronto. A dona de casa que, de manhã, tirava as brasas de sob a cinza e arranjava os paus, os gravetos, os pauzinhos e o capim em volta e sobre as brasas estava fazendo o fogo nascer. Porque as brasas não são fogo. Não produzem chamas. São fracas demais para cozinhar. As

brasas são apenas sementes de fogo que podem virar fogo se houver alguém que saiba como incendiá-las! E a dona de casa então soprava as brasas para que o capim se incendiasse, e o capim incendiado acendesse os pauzinhos que, por sua vez, acenderiam os paus! Quando isso acontecia era uma alegria. O fogo nascia porque ela sabia fazê-lo nascer! Ela conhecia seus segredos! As mulheres eram parteiras e guardiãs do fogo!

Nas casas de hoje o fogo já aparece pronto. Não é preciso saber coisa alguma do mistério do seu nascimento. A gente torce um botão e aperta outro: o fogão a gás se acende. Basta apertar um botão do isqueiro para que o fogo apareça. A gente esfrega o fósforo na lixa no lado da caixa e o pauzinho pega fogo. O fogo já vem pronto. A gente nunca vê o fogo sendo parido pela arte de uma pessoa.

Nunca vi uma criança assentada quieta olhando o fogo de um fogão a gás. Fogo de fogão a gás não tem graça. Mas vejo vocês, crianças, olhando, fascinadas, o fogo da fogueira, o fogo do fogão de lenha, o fogo da lareira! Por que será? Vocês têm uma explicação?

E a água? A água, nas nossas casas, não tem mistério. A gente abre a torneira e a água sai. Ou vai ao supermercado e compra água engarrafada. Examinem a casa de pau a pique e fogão de lenha onde vivi: onde estão as torneiras? Não há torneiras! Se não há torneiras, como é que a gente vai ter água? Se a gente quisesse ter água, a gente tinha de ir até o lugar onde a água nascia! Pois a água nasce! Nasce de dentro da terra. Nosso corpo está cheio de veias. Nas veias corre o sangue. Quando a gente corta um dedo, o sangue jorra. Pois a terra é igual ao nosso corpo. Dentro dela há veias. Dentro das veias da terra corre a água: os veios d’água! A água é o sangue da terra. É a água que faz a terra viver. O lugar onde as veias da terra são cortadas e a água jorra se chama mina ou fonte. Na mina a gente vê a água saindo de dentro da terra. Na mina a gente vê a água nascendo.

Vocês já viram uma mina? Já viram a água nascendo? Acho que vocês nunca viram a água nascendo! O que vocês veem é a água saindo da torneira, a água dentro da garrafa. Água sem mistério! Porque quando a gente olha para a mina, e vê a água saindo de dentro da terra, a gente sente que está diante de um milagre. Se vocês quiserem ver um milagre acontecendo, tratem de procurar uma mina...

A água saindo de dentro da terra vai, aos poucos, cavando um buraco à sua volta. Como se fosse uma bacia. Nessa bacia se acumula a água pura, cristalina, transparente, fresca. Olhando lá no fundo, a gente vê o lugar exato onde a água sai de dentro da terra. Coisa parecida com uma erupção vulcânica: erupção de água. E nesse lugar onde a água jorra, as areinhas são jogadas para cima. À volta da mina tudo é vida, tudo é verde. Terra e água fazem vida. Crescem as avencas, crescem samambaias, crescem plantas de todos os tipos. E se a gente está com sede, é só fazer as mãos em concha, mergulhar na água da mina, pegar a água e beber. Ou usar uma cuia. Ou uma folha de inhame. É impossível beber água numa mina sem ter pensamentos de gratidão por haver na natureza coisa tão bela.

Meu pai trabalhava no campo. Com foice e enxada. O sol era forte. O corpo coberto de suor. Ficava com sede. Pensava na mina. Mas não ia beber. Trabalhava mais. Queria ficar com mais sede. E aí, quando a sede era insuportável, ele ia para a beirada da mina e bebia a água friinha... Ele me contou que isso – ele, com sede insuportável, bebendo a água da mina – era uma das maiores felicidades de que ele se recordava, em toda sua vida... É preciso que vocês deem um jeito de conhecer uma mina. Eu juro: uma mina é uma coisa mais maravilhosa que tudo aquilo que vocês possam ver num *playcenter*. A água nascendo... A vida nascendo... A natureza nascendo. Pois, se vocês não o sabem, é nas minas que a natureza

nasce...

PARA PENSAR



Das coisas que há na sua casa, quais são aquelas que você viu nascer?



O tempo se parece com um baú. À medida que os minutos, as horas, os dias, os meses, os anos vão passando, o baú vai crescendo, crescendo, ficando cada vez maior. No Baú do Tempo, nós guardamos as coisas que fazemos. Há pessoas que vivem vidas muito compridas. Seu Baú do Tempo é grande. Mas, quando olhamos dentro do baú, ele está quase vazio. Elas puseram poucas coisas dentro do seu baú. Outras, que viveram vidas curtas, têm seu Baú do Tempo cheio com uma infinidade de coisas. Essas pessoas têm muitas estórias para contar... Os homens estão sobre a Terra há muitos milhares de anos. O Baú do Tempo da Terra é enorme! Mas foram muito poucas as coisas que foram colocadas dentro dele, até o início do século passado, se comparadas com a infinidade de coisas que estão sendo colocadas nesses últimos anos. A razão para isso é a seguinte: no passado as invenções e descobertas aconteciam por acidente. Por isso eram poucas. Havia poucas coisas a colocar dentro do baú. Mas, com a chegada da ciência, os homens descobriram um método de inventar coisas. Aí eles desandaram a inventar todas as coisas que queriam: carro, avião, televisão, antibióticos, telefone... Agora os homens o que querem? Por isso, dentro do Baú do Tempo, do ano em que nasci, 1933, até o ano em que estamos vivendo, tem infinitamente mais coisas que dentro do baú de centenas de milhares de anos, desde que o homem apareceu. Será que você é capaz de fazer uma lista com dez coisas que foram inventadas e colocadas dentro do Baú do Tempo depois que você nasceu?



A criança que subsiste em nós deve tornar-se realmente o sujeito de nossa vida de amor.

Bachelard

A AGUA

Todo mundo tem saudade de uma mina – ainda que nunca tenha visto uma. É que na alma... Ah! Vocês não sabem o que é alma! Eu explico. Alma é um lugar, dentro do corpo, onde ficam guardadas as coisas que a gente amou e se foram. Elas se foram, mas não morreram. O amor não deixa que elas morram. Ele as guarda nesse lugar chamado alma. Ficam lá, esquecidas, dormindo... Mas, de repente, a gente se lembra! E quando a gente se lembra, vem a saudade... Saudade é o que a gente sente ao lembrar de uma coisa gostosa que foi embora... Onde estão as minas? Vocês nunca viram uma. Mas eu garanto: em algum lugar da sua alma, e na alma de todo mundo, há uma mina de água cristalina. E a gente gostaria de beber da sua água, com as mãos em concha...

O Pequeno Príncipe... Vocês já devem ter lido o livro. Se não leram, tratem de ler. Não vejam vídeo nem ouçam o CD com a estória. Leiam. Os vídeos são ruins porque eles não deixam a gente imaginar a imaginação da gente. O que está no vídeo é a imaginação de um outro. E os CDs não são humanos. Eles vão contando a estória sem parar, mesmo quando a gente gostaria que eles fizessem uma pausa. Quando a gente está lendo, ao contrário, a alma vai produzindo seu próprio vídeo: a imaginação é um vídeo só nosso. Lendo, a estória fica sendo minha; é a minha estória. E é possível parar, quando quer, voltar atrás, ler de novo. O Pequeno Príncipe vivia num asteroide. Caiu, por acidente, aqui na Terra e foi andando, encontrando-se com homens, conhecendo costumes, com olhos de criança. Tudo lhe parecia espantoso! Pois ele se encontrou com um homem que lhe

tentou vender pílulas de matar a sede. “Para que servem as pílulas de matar a sede?”, perguntou o principezinho. O vendedor se espantou. Como era possível alguém tão ignorante, que não percebesse os benefícios da técnica e da ciência? E tratou de explicar:

Os cientistas e pesquisadores verificaram que, durante um mês, as pessoas perdem 30 minutos só para ir aos filtros, geladeiras e bebedouros para beber água. Gastam esse tempo porque têm sede. Se não tiverem sede elas não gastarão mais esse tempo. A pílula de matar a sede, como diz o nome, mata a sede. Não sentindo sede, não precisam beber água. Não indo beber água, economizam, por mês, 30 minutos.

O Pequeno Príncipe ficou espantado. “E o que é que eu faço com esses 30 minutos?”, ele perguntou. “Com esses 30 minutos você faz o que você quiser”, respondeu o vendedor.

Trinta minutos para fazer com eles o que eu quiser! Que coisa maravilhosa! E o que eu quero fazer com esses 30 minutos? Ah! Já sei! Se eu tivesse 30 minutos para fazer com eles aquilo que eu quisesse, eu iria tranquilamente andando até uma mina, para beber água...

Eu também gostaria de poder ir até aquela mina sobre a qual lhes falei, na última vez em que estive contando sobre o mundo em que vivi na minha infância...

Mas as minas apresentam um problema: sede, a gente tem o tempo todo; mas não há minas em todos os lugares. Isso era um problema sério para os homens que tinham de fazer longas caminhadas por lugares que não conheciam, para caçar. Eles não podiam ficar na dependência de encontrar minas que eles não sabiam se existiam, ao longo dos caminhos desconhecidos. E era também um problema para aqueles que trabalhavam na agricultura. Frequentemente as minas ficavam muito longe do lugar do

trabalho. E havia também o problema das pessoas doentes, fracas e velhas, que não tinham forças para caminhar até as minas.

Há um ditado que diz: “É a necessidade que faz o sapo pular”. Tradução: “É a necessidade que faz a cabeça pensar”. Quando a gente não sente necessidade, a inteligência não se move. Fica paradona, preguiçosa. E se recusa a aprender um punhado de coisas que, na escola, querem que ela aprenda. Às vezes a inteligência se recusa a aprender precisamente porque ela é inteligente! Ela pergunta: Para que aprender uma coisa de que não necessito? Mas a sede é uma necessidade. Sem água a gente morre. E a inteligência logo se deu conta de que, se não houver um jeito de levar a água aos lugares onde não há minas por perto, há o perigo de morrer. E aí, pôs-se a pensar.

As mãos em concha são a solução simples para quem está ajoelhado ao lado da mina. Mas, e se a pessoa não puder se ajoelhar, por reumatismo ou velhice? Os homens observadores viram que havia umas grandes folhas nas quais a água ficava depositada, depois da chuva. Folhas de inhame. (É lindo ver as gotas de chuva, redondas e brilhantes, guardadas nas folhas de inhame. Quem viu uma vez não esquece. Fica guardado na alma...) Perceberam, então, que as folhas de inhame podiam ser usadas para substituir as mãos. Com duas vantagens. Elas são muito maiores que as mãos: guardam mais água. E, por não terem dedos, a água não escorre pelo meio deles. Folhas de inhame substituem as mãos, quando aquilo de que se necessita é a água. Assim, passaram a usar folhas de inhame para pegar a água da mina.

Folhas de inhame para substituir as mãos... Quando a gente fala em tecnologia a gente pensa sempre em máquinas complicadas. Não é nada disso. Técnica é tudo o que se faz para melhorar algum órgão do corpo. Óculos são melhorias dos olhos. Facas são melhorias dos dentes. Arcos e

flechas são melhorias dos braços. Sapatos são melhorias dos pés. Bicicletas são melhorias das pernas. Cotonetes são melhorias dos dedos. Pois foi assim que a técnica nasceu: quando os homens aprenderam que podiam usar coisas que encontravam na natureza como ferramentas para atender às suas necessidades.

Mas não é possível ir viajar levando água numa folha de inhame! Para levar água longe seria necessário um objeto que prendesse a água. Aí eles observaram uns frutos curiosos, parecidos com abóboras, que não serviam para comer, vazios por dentro, que nasciam de trepadeiras. Cabaças, cuias. A imaginação funcionou: cabaças são muito melhores que folhas de inhame. Cortadas no meio, funcionam como se fossem conchas grandes. Ou copos. (Os índios fazem lindos artesanatos sobre cuias. E os gaúchos, movidos pela necessidade de tomar mate, aprenderam que cuias são maravilhosas para nelas preparar o chimarrão...) É fácil guardar água numa cuia. Inteira, com um furinho que se tampa com um sabugo de milho, vira um cantil. Cantis e garrafas são cabaças melhoradas. Mas, para não ter o trabalho de ficar segurando a cabaça de água com a mão, pode-se amarrá-la com um cipó ou uma embira, à volta da cintura. Cipós e embiras são melhorias das mãos: as mãos ficam livres para segurar as armas ou as ferramentas. (Sei que vocês não devem saber o que é embira. Mas não vou explicar. De propósito. Se vocês estiverem curiosas, vão consultar o dicionário. Uma das coisas mais importantes que vocês devem aprender na escola é consultar um dicionário ou uma enciclopédia. Mais importante que “saber” é “saber achar”. O bom professor não é aquele que ensina a coisa pronta; é aquele que ensina vocês a achar.)

Difícil era levar a água da mina até a casa. Não havia canos. Havia uma árvore que podia ser usada como cano, por ser oca por dentro: a embaúba. Ela se parece com um mamoeiro. Viajando por aí a gente a

reconhece no meio das matas pelo prateado de suas folhas. Mas embaúbas não crescem em todos os lugares! Foi pela observação do jeito de as águas correrem que a inteligência encontrou uma solução. Os homens perceberam que a água sempre anda por conta própria. É só lhe dar um leito por onde correr que ela corre, sem que a gente precise fazer força. Aí veio a ideia de se fazerem miniaturas de rios que levassem a água de onde ela estava até o lugar onde queriam que ela estivesse. Assim se inventaram os “regos”. Um rego é um riozinho artificial, para a água correr. Mas há uma coisa que a água não faz: ela não sobe morro...

Daí se deduz a primeira regra de como fazer a água chegar até perto da casa: é preciso que a mina d’água esteja mais alta que a casa. Estando mais alta, faz-se o rego e a água corre, até chegar a casa... Se estiver mais abaixo, o jeito é ir até lá e trazer a água num pote ou jarro... Potes ou jarros são vazios cercados de argila por todos os lados, menos o de cima... O importante no pote é aquilo que não existe: o vazio que está dentro dele. A cerâmica só tem a função de segurar o vazio... Porque é do vazio que a gente precisa. É o vazio que contém a água.

Difícil era tomar banho. Especialmente no tempo de frio. Era preciso esquentar água no fogão de lenha, e como não havia banheiro e chuveiro dentro da casa, o jeito era tomar banho de bacia, com canequinha. Complicado. O que significa que não se tomava banho todo dia. Banho diário é invenção moderna, felicidade não conhecida naqueles tempos. O que se usava, mesmo, era lavar os pés numa bacia. Foi assim durante milhares de anos. Jesus lavou os pés dos seus discípulos. Muitas vezes eu lavei os pés do meu pai.

PARA PENSAR

Em tempos antigos a terra estava cortada por rios de água cristalina onde viviam peixes. Com o chamado progresso, entretanto, os rios estão ficando poluídos porque eles se tornaram depósito de todos os lixos e venenos que o progresso produz. Os homens, pela ganância do dinheiro, estão destruindo as florestas e suas sombras, necessárias para a água. Sem as florestas, as terras se transformam em desertos e o calor faz secar minas e rios. Além disso, a população do mundo está crescendo sem parar e a necessidade de água cresce também. Imaginem o que aconteceria numa grande cidade se, por causa de uma seca, os reservatórios de água ficassem secos! Sem água pra beber, sem água pra lavar, sem água pra descarga das privadas, sem água para tomar banho...

Por amor à água é preciso replantar às margens dos rios, regatos e fontes. Por amor à água é preciso que paremos de jogar lixo nos rios. Quem faz isso somos nós (quanta porcaria eu vejo flutuando nas águas de rios e riachos! Quem faz isso são as indústrias que jogam seus detritos químicos nos rios. Você conhece alguma indústria que esteja fazendo isso?).

Que coisas poderiam ser feitas para proteger nossas reservas de água?

Seria bonito se as prefeituras e escolas fizessem uma campanha para a limpeza das águas. Já imaginaram: prefeitos, vereadores, juízes, médicos, advogados, padres, pastores, professores, adultos, crianças, todos juntos, andando pelas margens dos rios e limpando a sujeira? Isso agrada mais a Deus que milhares de rezas e promessas.



Nos grandes infortúnios da vida cobramos coragem quando somos o sustentáculo de uma criança. A inquietação que temos pela criança sustenta uma coragem invencível.

Bachelard

A TERRA

Minhas netas: coisa gostosa é brincar! Brinquedos dão alegria: bonecas, pipas, piões, bolas, petecas, balanços, escorregadores... Os brinquedos podem ser feitos com os mais diferentes materiais: madeira, plástico, metal, pano, papel. Mas há brinquedos que são feitos com algo que a gente não pode nem tocar, nem pegar: brinquedos que são feitos com palavras. Uma piada é feita com palavras. Piadas são brinquedos porque não servem para nada mas fazem a gente rir! Aquela música “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...” é também um brinquedo feito com palavras. Poetas são as pessoas que fazem brinquedos com palavras. Pena que haja muitas pessoas que não sabem brincar com os brinquedos feitos com palavras chamados poemas! É uma pobreza! Eu faço brinquedos com palavras. As coisas que escrevo são brinquedos. Se vocês leem o que escrevo e gostam é porque vocês estão brincando com o brinquedo de palavras que fiz.

As palavras têm estranhos poderes. Um deles é tornar possível brincar com coisas que não existem. Unicórnios, elefantes voadores, bois que falam, flores que choram, um pé de feijão que cresce até atingir os céus: essas coisas não existem. Mas nas *estórias* elas existem. Shakespeare, um famoso escritor inglês, escreveu uma das mais lindas estórias de amor jamais escritas: *Romeu e Julieta*. Ao ler as palavras que Shakespeare escreveu, Romeu, Julieta e o seu amor ficam vivos, muito embora nunca tenham existido. Nunca existiram de verdade, mas existem

na alma da gente. A alma é esse estranho lugar onde coisas que nunca existiram existem. No final da estória todo mundo chora...

Outro brinquedo que se faz com palavras se chama *história*. Estória e história são palavras parecidas, mas são muito diferentes. As estórias são feitas com coisas que nunca aconteceram. A história é feita com coisas que aconteceram no passado. Não existem no presente. Mas, pelo poder das palavras, elas se tornam presentes. A história, assim, é um turismo que a gente faz por tempos e espaços que não existem mais.

É isso que temos estado fazendo. Entramos na minha "Máquina do Tempo" e fomos para o passado da minha infância, que não existe mais. Mas, pela magia das palavras, ele está voltando a existir.

No nosso turismo pelo mundo das coisas que não existem mais, o mundo da história, nós já visitamos a casa de pau a pique, o fogão de lenha, a mina d'água. Hoje vamos andar por um outro lugar. Mas, para chegar lá, vou ter que dar uma volta.

A criancinha, durante o tempo em que está na barriga da mãe, não tem que fazer nada para viver. Não precisa respirar. Não precisa comer. A mãe faz tudo por ela. Mas é só ela sair da barriga da mãe para ela ter que fazer coisas para viver. A primeira coisa que a criança faz ao nascer é respirar. A primeira respiração é o início da vida em que ela terá de fazer coisas para sobreviver. Se não respirar, morre. Mas, depois de respirar, a primeira coisa a ser feita para não morrer é comer. Não é preciso ensinar o corpo que é preciso respirar. Ele já nasce sabendo. Não é preciso ensinar o corpo que é preciso comer. Ele já nasce sabendo. Prova disso é a boquinha da criança mamando o vazio, mesmo antes de ter sido apresentada ao seio da mãe.

O ar, não é preciso procurar. Ele está em todo lugar. Mas a comida não está em todo lugar. Está no seio da mãe. É preciso procurar. Vocês já viram aquelas ninhadas de cachorrinhos recém-nascidos, arrastando-se, empurrando-se, lutando para chegar até as tetas da mãe? Por vezes há mais cachorrinhos que tetas e, se não houver quem ajude, os mais fracos morrem de fome. As criancinhas, mais incompetentes que os cachorrinhos, são incapazes de procurar o seio. É preciso que a mãe as ajude.

O leite das mães acaba. Mas a fome não acaba. É preciso, então, encontrar um substituto para o seio. Os bichos e os homens vão então procurar comida na natureza. A natureza é o grande seio de onde tiramos comida.

A fome é a necessidade fundamental que nos move. Vocês não se dão conta disso porque a geladeira está sempre cheia. Se a geladeira estivesse vazia e não houvesse o que comer, vocês compreenderiam. A fome dói muito. Nossos antepassados pré-históricos saíam pelos campos e florestas procurando frutas, ervas e raízes que servissem para comer. Mas como saber o que é bom para comer? Há milhares de variedades de raízes. Como foi que chegaram a descobrir aquelas que eram boas para comer? É possível que tenham tido enormes indigestões e cólicas, chegando mesmo a morrer, ao experimentar raízes venenosas, como é o caso da mandioca. Era uma felicidade quando, de repente, descobriam o ninho de alguma ave, cheio de ovos! Ou uma colmeia de abelhas, cheia de mel. Era uma festa! Caçar era mais complicado porque os animais não ficam parados como as frutas e as raízes. Eles não são bobos. Não querem virar comida. Eles também querem viver! Era preciso correr atrás deles. Mas os animais são rápidos e os homens são lerdos. E os pássaros, que voam? A inteligência teve de trabalhar para inventar a arte de atirar pedras, de

construir arcos e flechas, de armar armadilhas, arapucas, anzóis, redes. Quando eu era menino eu gostava de fazer arapucas e pegar passarinhos. Não era por maldade. Naquele tempo era preciso. Armando uma arapuca e pegando um passarinho eu me sentia – sem saber – como um caçador pré-histórico ou um indiozinho que consegue flechar seu primeiro pássaro. Com que orgulho ele deveria mostrar seu feito a seus pais! Estava ficando grande! Estava se tornando capaz de encontrar alimento.

Mas era uma canseira! Acordar, todo dia, sem saber o que vai comer! “Será que vamos encontrar frutas? Será que vamos encontrar ovos? Será que vamos caçar alguma coisa?”. Aí nossos antepassados perceberam que seria mais fácil ter os bichos presos num cercado e as plantas crescendo num lugar próximo. Assim se iniciaram a domesticação dos animais e a agricultura. Quem vive de caçar e de colher frutos não pode ficar num mesmo lugar. Tem de ir andando por onde estão as frutas e por onde andam os animais. Assim, não podiam ter casas fixas. Andavam com suas casas nas costas, feito caramujos. Viviam em tendas. Tendo as plantas e os animais num lugar fechado, eles podiam construir casas fixas.

Vocês acordam de manhã. Estão com fome. O que fazem? É fácil. Vão à geladeira. Está tudo lá dentro. A geladeira é um maravilhoso substituto para o seio da mãe. É o seio da casa! É só abrir a porta e comer. Falta alguma coisa? É só ir ao supermercado, grande seio da cidade. Lá tem de tudo. Não é preciso plantar, colher, caçar. Frutas, legumes, ovos, mel, leite, pão, chocolate, manteiga, presunto, mortadela, azeitona, macarrão, linguiças, carnes, bebidas: está tudo lá. E não só as coisas necessárias para matar a fome. Muitas coisas que comemos sem precisar, sem estar com fome, só por prazer. O prazer de comer é um perigo. Por causa dele muitas pessoas comem demais e vocês sabem o resultado... Compramos se tivermos dinheiro. Supermercado e geladeira não são seios

de mãe. Seio de mãe é gratuito. Geladeiras e supermercados não são. Só come quem paga... Por isso há muitas pessoas que têm fome – que chegam a morrer de fome (enquanto outras ficam obesas por comer aquilo de que não precisam...).

Lá, no lugar onde vivi, não havia nem geladeira nem supermercados. Não havia seios prontos. Se a gente quisesse comer, tinha de ir atrás da comida, tinha de construir o seio: fazer uma horta, plantar, criar galinhas, patos, perus, porcos, cabritos, bois... Assim, quando se fazia a pergunta "o que vamos comer?", não havia geladeira para ser aberta. A gente tinha de perguntar: "O que é que há na terra?". Claro: só havia na terra aquilo que havia sido plantado. Feito a fábula da cigarra e da formiga: quem não plantou vai ficar com fome.

A coisa mais importante era a terra. A terra é o seio do mundo. Não é em qualquer terra que as plantas crescem. Era preciso procurar a terra boa. O pessoal que vivia no campo só de olhar para os matos que crescem naturalmente, sem ser plantados, sabia se a terra era boa ou não. Quando a terra era boa, eles diziam, e ainda dizem, com prazer: "Terra gorda!". Terra que tem muita vida para dar.

Na cidade as pessoas passaram a ter medo da terra, a achar que terra é sujeira. Essa é a razão por que, em muitas casas, os jardins são substituídos por lajotas. Deixam só um buraco bem pequeno no meio, onde plantam um arbusto solitário e triste. A terra mesmo, com sua vida, fica debaixo das lajes que estão sempre limpas... Mas terra não é sujeira. Terra é vida. É na terra que a vida cresce. Na próxima vez que você for ao supermercado, preste atenção: tudo o que está lá veio da terra. Garrafas de vinho? Veja as parreiras carregadas de uvas! Pão? Veja os campos cobertos de trigo! Carne? Veja os animais pastando! Iogurte? Vem do leite que vem da vaca que come capim... Macarrão? Vem da farinha que vem

do trigo que cresce nos campos... Ovos? Vêm das aves que comem milho que cresce da terra.

Por isso, por compreenderem que toda vida vem da terra, os homens de muitos séculos atrás perceberam que ela é sagrada. Sem terra não há vida. Terra, grande mãe, fonte de vida! E houve mesmo religiões que, por ocasião do plantio da terra, faziam grandes celebrações nos campos que terminavam em orgias sexuais. Pois plantar não é um ato sexual? Faz-se um buraco na terra e, dentro desse buraco, coloca-se uma semente. Assim, durante a semeadura, os casais faziam amor no meio do campo – na esperança de que a terra compreendesse que era isso que estava sendo feito com ela: um ato de amor. Esperando que, desse ato de amor, nascesse a vida!

PARA PENSAR



Você e sua família ou seus colegas podem fazer uma brincadeira: fazer a árvore genealógica das coisas até chegar na Mãe Terra. Árvore genealógica é a gente ir escrevendo numa folha os pais, os avós, os bisavós, e todos os parentes. Eu, Rubem, sou filho do Herodiano e da Carmen que, por sua vez, são filhos de Altino e Sophia, lado do meu pai, e Evaristo e Delminda, lado da minha mãe. Tomem, por exemplo, um livro. O livro é feito de papel. Papel é feito de árvore. Árvore nasce da terra. O sapato. O sapato é feito de couro. O couro é tirado da vaca. A vaca come capim. O capim nasce na terra. Faça, então, a árvore genealógica do sabonete, da pasta dental, da escova, da panela de alumínio, da faca, da mesa, do lápis, do carro, do pão, da manteiga, do mel, do ovo, do café, do chá, do hambúrguer, do cachorro-quente e de tantas coisas que lhe derem na cabeça. Você verá que todas essas coisas terminam numa mãe única: a terra.



Brincadeira legal é modelar argila. Só a sensação de apertar a argila molhada já é gostosa. Com a argila você poderá experimentar ser escultor ou escultora: fazer bichos, pessoas, vasos. Muitos artistas populares, do Nordeste, de Minas, de Goiás, fazem artesanatos lindos com a argila. O nome de alguns deles: _____. Peça

para seu pai, sua mãe ou sua professora que lhe mostre. Você pode também procurar em revistas.



Quando as crianças brincam e eu as oiço brincar, qualquer coisa em minha alma começa a se alegrar.

Fernando Pessoa

A HORTA

Minhas netas: Heitor Villa-Lobos foi um compositor brasileiro. Era um apaixonado pelo nosso país e resolveu pintar o Brasil com sons. Pintar com sons? É isso mesmo. Os pintores pintam com cores. A gente olha para um quadro e os olhos veem coisas que não estão por perto, e, talvez, mesmo coisas que não existem. Cândido Portinari (sua tela *Paisagem* – arara, bananeira, banana, macaco – é linda!), Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Di Cavalcanti, Alfredo Volpi são artistas que nos fazem ver coisas que nossos olhos não veem. Os músicos, diferentes dos pintores, usam sons para pintar. A gente ouve a música e os olhos começam a ver coisas. Não acreditam? Villa-Lobos compôs uma música chamada *O trenzinho do caipira*. Ouvindo, a gente vê uma maria-fumaça resfolegando e apitando. Villa-Lobos pintou índios dançando, crianças brincando, serestas românticas (perguntem ao pai de vocês o que é “seresta”...). E, dentre suas músicas, uma se chama *Alegria na horta*.

Alegria na horta? Isso mesmo. A horta é lugar de alegria. Tem alegria no supermercado? Tem. Mas é uma alegria diferente daquela que cresce na horta. No supermercado as verduras e os legumes já vêm prontos e embrulhados em plástico. Na horta a gente vê as verduras e os legumes nascendo. Verduras e legumes nascem na horta porque a gente semeou. Semear é fazer amor com a terra. Vocês conhecem aquela música do Milton Nascimento chamada *Cio da terra*? Se não conhecem, tratem de conhecer. É muito bonita. “Cio” é “desejo sexual”. O Milton, nascido

na cidade de Três Pontas, bem pertinho de onde eu nasci, Boa Esperança, sabe muito bem essas coisas sobre o que estou falando. O mundo onde ele viveu menino se parecia com o mundo onde eu vivi menino. E ele, músico-poeta, tratou de colocar em sons e palavras o mistério da terra que ele viu e sentiu: terra dura e seca, cheia de pedras e pragas, querendo ser terra fértil. Vem alguém, tira os matos, arreda as pedras, ara, aduba, rega... A terra fica alegre. Cheiro de terra molhada faz bem ao corpo. Terra afofada, regada, adubada é terra pedindo: “Quero ficar grávida! Façam buracos! Ponham sementes dentro de mim! E eu transformarei as sementes que vocês semearem em coisas vivas, boas para ver, cheirar e comer!”.

As pessoas gostam de louvar a natureza. Eu também. Natureza é beleza, é força, é vida. Os tigres se parecem com a natureza. Eles são também belos, fortes e cheios de vida. Eu os acho animais maravilhosos – longe de mim. Eu jamais entraria numa jaula com um tigre. Os tigres matam. A natureza é tigre. Ela é cruel. Duvidam? Vejam o filme *Náufrago,* com Tom Hanks. Esse filme é uma versão moderna do livro *Robinson Crusoé*, muito antigo, que eu, pessoalmente, acho muito mais interessante. Vocês já leram o *Robinson Crusoé* ? Pois tratem de ler. Seria interessante que seu professor, na escola, lesse esse livro para vocês. A aula seria uma delícia – e vocês acabariam por querer ter e ler o livro, para chegar logo ao fim. Imaginem que vocês estão sozinhas, numa ilha deserta. Que é que vocês fariam? Seria preciso arranjar água, comida, abrigo... Natureza-tigre eu quero contemplar – de longe! A história da humanidade pode ser contada como a luta dos homens para domar a natureza-tigre, para fazer com que o tigre fique amigo.

A horta, como o jardim, é um lugar onde a natureza ficou amiga. Para que ela fique amiga é preciso que seja amada e cuidada. A natureza

só fica amiga quando os homens cuidam dela. É por isso que há alegria na horta – lugar onde a natureza é cuidada.

Cuidados: primeiro era preciso capinar a terra, tirar os matos, cavar fundo, para que a terra ficasse macia. Depois, estercar. Misturar bosta de vaca, de cavalo, de galinha, reduzida a pó, com a terra. Aí a terra fica fértil. Que transformação fantástica: bosta, malcheirosa e feia, sendo transformada em comida! Não só em comida: em beleza – as flores são belas, os legumes são fascinantes. Em perfume: a hortelã é perfumada – e seu perfume nada tem a ver com o cheiro da bosta que lhe deu vida. A natureza tem o poder mágico de transformar coisas em outras. Ela é a grande alquimista (perguntem ao professor de vocês o que é “alquimista”).

O que se encontrava na horta? Abóbora, abobrinha, moranga, mandioca, cará, inhame, batata, cebola, cebolinha, ervilha, vagem, alho, quiabo, couve, ora-pro-nóbis, chuchu, tomatinho, agrião, espinafre, milho, pimenta, pimentões, hortelã, bucha, manjericão, salsa, almeirão...

A primeira alegria era quando o brotinho aparecia de dentro da terra: a semente germinou, está viva, quer crescer. Aí a gente vai cuidando dele como se cuida de uma criancinha, tirando os matos, regando, pondo estacas, amarrando. Chega um momento em que a planta quer dar fruto. Mas, para isso, ela tem que, primeiro, virar flor. É da flor que nasce o fruto. Quando se fala em flor a gente pensa em rosa, violeta, orquídea, cravo, gérbera – essas flores que são vendidas em floriculturas. Vocês já viram a flor da abóbora? A flor do quiabo? São lindas. Mas não são encontradas nem nas floriculturas, nem nos supermercados. Assim, as pessoas não sabem que os legumes tiveram uma outra beleza que aquela que têm, quando vendidos.

Falei em tomate, mas, na verdade, lá onde eu vivia não havia tomates como esses que comemos. Havia tomatinhos vermelhos que cresciam selvagens, sem que ninguém os plantasse. Era divertido pegar os tomatinhos vermelhos e comer! E era bom pegar folhas de hortelã, esfregar na mão e cheirar. O cheiro da hortelã é tão bom que ele foi colocado nas pastas de dente. A hortelã tem o cheiro de uma manhã fresca. Toda manhã, ao escovar os dentes, sinto-me de novo na horta, cheirando hortelã. Lindos são os pés de pimenta, verdes com centenas de pequenas frutas vermelhas. Menino, eu não me atrevia a tocar nelas. Meu irmão, teimoso, embirrou de colher pimenta. Colheu. E se esqueceu de que havia colhido. Passou a mão no olho. Foi uma gritaria. E ainda dizem que “pimenta nos olhos dos outros é refresco”. Esse é um ditado popular malvado que revela muito sobre a alma dos seres humanos. Por que será que os homens começaram a misturar a pimenta ardida com a comida? Não sei. Só sei que acho bom. Dizem que pimenta faz mal. Não estou convencido. Os passarinhos gostam de pimenta, comem pimenta e gozam de boa saúde. E como tudo o que entra pela boca tem de sair na outra extremidade, as sementes das pimentas são espalhadas por todos os lugares. Os baianos comem pimenta, os mexicanos comem pimenta, os indianos comem pimenta – e não me parece que eles tenham menos saúde que os outros que não a comem. Em Pocinhos do Rio Verde, onde tenho um pedacinho de terra, há muitos pés de pimenta carregados de frutinhas que começam a ficar vermelhas. Na sopa, quando a pimenta é demais, o nariz começa a pingar e pode mesmo ter um ataque de espirros... É divertido!

Bom mesmo seria se vocês pudessem plantar uma hortinha. Visitei Berlim muitos anos atrás. Berlim está na Alemanha e foi arrasada durante a Segunda Guerra Mundial pelos bombardeios aéreos. Terminada a guerra,

ficaram aqueles terrenos vazios onde antes havia casas. Notei que eles estavam cultivados. Contaram-me, então, que o governo cedia aqueles terrenos para quem quisesse plantar hortas. Cada qual queria ter a horta mais bonita. Assim, em vez de irem malhar na academia de ginástica em aparelhos metálicos para tentar manter a forma e ter saúde, muitas pessoas iam cuidar dos seus jardins. Com uma diferença: quem está malhando na academia fica olhando no relógio, para saber quanto tempo falta – pois é muito chato ficar pedalando numa bicicleta ergométrica que não sai do lugar –, enquanto quem cuida da horta não quer que o tempo passe, pois é gostoso mexer com as plantas.

Se vocês não podem plantar uma hortinha, quero fazer uma sugestão: que vocês chamem suas mães para fazer compras na feira. É muito mais divertido que fazer compras nos supermercados. As pessoas se conhecem. Ficam amigas. E tratem de abrir os olhos para ver bem! Uma amiga, cozinheira acostumada a cortar cebolas, um dia, ao prestar atenção na cebola que cortava, levou um susto: nunca havia percebido que uma cebola era tão bonita: dezenas de anéis circulares, brilhantes, como se fossem um vitral de uma catedral. Vejam vocês mesmas. Olhem para os legumes e as hortaliças como se fossem obras de arte. Observem as formas, as cores, a ordem dos elementos numa espiga de milho, no tomate, no pimentão, numa cabeça de alho! As hortaliças não são só para ser comidas: elas são para ser vistas!

Junto à horta crescia o pomar: laranja, mexerica, mamão, cidra, uvaia, banana, pitanga, limão vermelho, manga, jabuticaba, limão-do-mato, jambo, caqui... Felicidades: uma jabuticabeira florida, perfumada, milhares de abelhas zumbindo! A forma e a cor da pitanga e do caqui! Uma laranja cortada ao meio, milhares de garrafinhas transparentes onde o suco está guardado!

Houve um pintor chamado Giusepe Arcimboldo (1527-1593) que compôs rostos humanos usando cenouras, berinjelas, rabanetes, tomates, cebolas, alho, uvas, azeitonas, pêssegos, figos... Não sei de onde lhe veio essa ideia, nem como ele conseguiu. Talvez ele acreditasse que nós somos hortas e pomares onde crescem frutas, legumes e hortaliças. Quem sabe ele estava certo.

PARA PENSAR



Ganhei um livro muito divertido: *Brincando com seus alimentos*, de autoria de Elffers, Joost e Freymann, Saxton (DBA Artes Gráficas, São Paulo, 1998). Vou explicar essas palavras. Quando se fala sobre um livro a primeira coisa é o título do livro, em itálico. Depois o nome do autor ou autores, sobrenome primeiro. Depois o nome da editora, que é a empresa que fez o livro. A seguir a cidade onde está a empresa e, finalmente, o ano em que foi publicado). Vocês já notaram que por vezes uma batata se parece com um porquinho, uma abóbora se parece com um pato? Pois esse livro contém dezenas e dezenas de bichos que se fazem com verduras, frutas e legumes. Pimentões, cebolas, abóboras, rabanetes, alface, limões, bananas, cebolas, peras são transformados em camelos, ursos, caras, tartarugas, ratos, mulheres com cabelos desgrenhados, polvos... É gozadíssimo! Boa brincadeira para fazer como arte, nas escolas...



A propósito, houve um pintor chamado Arcimboldo, que viveu entre 1527 e 1593, há muito tempo, portanto. Ele pintava rostos, inclusive de reis, usando legumes, frangos, frutas, peixes, flores, galhos. Há uma coleção de livros de arte chamada *Taschen* que publicou telas de Arcimboldo. Vá numa livraria e veja. Você vai querer ter um para você. É muito divertido. Fico a pensar: Como foi que o Arcimboldo teve a ideia? Não é caro: um décimo do preço de um tênis bom. O tênis acaba. O livro do Arcimboldo não.



A terra é sagrada. É nossa mãe. Viemos dela. Vivemos dela. Pois tudo o que comemos é produzido pela terra: verduras, frutas, legumes, cereais, carnes. Por isso é preciso protegê-la. Terra não é depósito de lixo. Nas casas e nas escolas as crianças e os adolescentes devem aprender a respeitar a terra. Somente devem ser jogadas na terra as coisas biodegradáveis, isto é, coisas que a terra “come”. Mas há

coisas que a terra não come, como pneus, garrafas e sacos de plástico, latas, vidros. Essas coisas não podem, jamais, ser jogadas na terra, nos rios, ou no mar. Coisa bonita seria se as crianças e os adolescentes que vivem perto do mar tirassem uma manhã por semana para catar lixo que os adultos espalharam. E as crianças e os adolescentes que vivem nas cidades cuidassem de limpar as praças e as ruas que os adultos sujaram. E aqueles que vivem nas montanhas fizessem o mesmo nos campos e nas matas. Quem sabe os adultos criariam vergonha e passariam a proteger a terra!



A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros e continua a nos enriquecer sem que o saibamos.

Franz Hellens

O DENTE DA CAMILA

Minhas netas: viajei para longe, de avião. Fui para outros espaços. Vi coisas que todo mundo vê, coisas que estão lá e podem ser fotografadas: praças, igrejas, mosteiros, castelos, cenários. Todo turista que se preza tem uma câmera fotográfica. Eles pensam que a câmera fotográfica é uma gaiola onde se podem prender as coisas que se viram. Mas a fotografia não prende nada. Porque aquele momento, quando eu estava olhando através do visor da câmera, com o dedo no botão, não existe mais. Agora é passado.

As coisas que vi, embora bonitas, não me fizeram feliz. Não me fazem falta. Mas as pessoas que conheci me fizeram feliz. Fazem-me falta. Também elas podem ser fotografadas. Mas, na fotografia delas, o que traz felicidade não é a fotografia: é a memória, a saudade, o desejo de estar junto de novo. O que realmente importa não pode ser fotografado. O Pequeno Príncipe disse: “o essencial é invisível aos olhos”. O jeito de sorrir, o carinho escondido nos gestos, a música da fala (já notaram que toda fala tem uma música? Algumas falas são suaves como o som de um oboé; trazem felicidade. Outras mais se parecem com o barulho dos pratos; causam espanto e medo...). Essas coisas não se guardam em fotografias. Guardam-se na alma, num quarto chamado “saudade”. No quarto “saudade” ficam guardadas as coisas que queremos que existam para sempre, pessoas e lugares/tempo para os quais gostaríamos de voltar... Quero voltar para lá. Não para ver museus, praças, castelos e *shoppings*. Quero voltar para me reencontrar com aquelas pessoas que me deram alegria. Sobre elas vou falar num outro dia.

Hoje temos de voltar a um outro lugar de saudade – pelo menos saudade minha: quando eu era menino. Tenho saudades do meu tempo de menino, sem

luz elétrica, sem sorvete, sem brinquedos comprados, sem tênis, sem chicletes, sem telefone. Dentro de todos os adultos mora o desejo secreto de voltar à infância. Dizia o poeta português Fernando Pessoa: “Grande é a poesia, a bondade e as danças... Mas o melhor do mundo são as crianças...”.

Um avião pode me levar à Europa, em dez horas de voo. Mas não há avião que me leve à infância, porque ela mora no passado. Não existe mais. Existe no quarto da saudade. E, como já disse, para viajar pelo espaço da saudade é preciso voar numa máquina do tempo. A máquina do tempo que nos leva ao espaço da saudade se chama poesia. Os poetas são seres que constroem máquinas do tempo chamadas “poemas” – e por meio deles entramos no mundo encantado do nunca mais.

Vocês se lembram: estávamos na horta e sua alegria, em meio a pés de couve, abóboras, quiabo, cebolinhas, tomatinhos, mandioca, jiló, abobrinhas verdes, agrião, ora-pro-nóbis... Meu plano era continuar pela horta, pelo galinheiro, pelo chiqueiro, pelo curral... Mas aconteceu algo importantíssimo que fez minha poesia andar por outros caminhos.

A Camila, priminha de vocês, minhas netas, completou sete anos. Telefonou-me. “Vovô!”. Havia entusiasmo, alegria, decisão e urgência em sua voz. “Oi, Camila!”, respondi. “Meu dente caiu!”, ela me comunicou, triunfante. E com razão. Que acontecimento extraordinariamente importante na vida de uma criança é a queda do primeiro dente! Ela estava me dizendo, sem saber: “Vovô! Eu estou ficando grande!”.

Na minha infância havia muitas coisas boas que não existem mais. Isso é triste. Mas havia muitas coisas ruins que não existem mais. Isso é bom. Eu viajei na minha máquina do tempo para a minha infância e me lembrei de algo ruim de que não tenho saudades, nem quero que se repita: eu tinha dor de dente! Naquele tempo não se sabia que os dentes são importantes e que devem ser cuidados com carinho.

Eu disse que o corpo, para viver, precisa tirar da natureza aquilo que ele não tem mas de que necessita. Ele não pode viver sem ar. Os pulmões chupam da natureza o ar de que o corpo necessita. Ele precisa comer. A criancinha, para comer, só precisa saber chupar. A natureza foi sábia. Não deu dentes às criancinhas. Porque, se tivessem dentes, na gula de comer, acabariam por morder o seio da mãe. E a mãe começaria a ter medo de amamentar o nenezinho. Chega um momento quando o leite não basta. O corpo quer comer. Aí, os dentes vão aparecendo, devagarinho. É uma festa quando o primeiro dente, rompendo a gengiva depois de muita coceira e dor, aparece. Enxadas, enxadões, rastelos e pás são ferramentas para cultivar uma horta. Os dentes são as ferramentas de que o corpo dispõe para comer o que a horta produz. Sem dentes, você conseguiria comer uma cenoura?

A sabedoria da natureza me assombra. Tudo acontece tão certinho. A boca é uma oficina perfeita. E os dentes são ferramentas. Na frente, há os dentes que funcionam como o fio de uma faca. Imagine o fio da faca cortando nabos, cenouras, carne, pão. Deram o nome de “incisivos” a esses dentes. “Incisivo” vem de “incisão”, que significa “corte”. Ao lado deles estão os “caninos” – de “cão”, dentes pontiagudos, de vampiro, próprios para fazer buracos, ponta de faca, instrumento de perfuração. E, lá no fundo, os molares. Antigamente havia uma profissão que desapareceu: os moleiros. Os moleiros eram donos de moinhos. Moinhos são máquinas de moer grãos. Há moinhos movidos a vento, como aqueles da Holanda e contra os quais D. Quixote investiu com sua lança, cavalgando seu corcel Rocinante (se vocês não sabem o que é um corcel, consultem o dicionário. Se vocês não têm um dicionário, tratem de comprar um. É muito divertido... Na Escola da Ponte, que visitei em Portugal, as crianças, tão logo aprendem a ler, aprendem a consultar o dicionário). E há os moinhos movidos pela força da água, que são os que eram comuns no Brasil. O moinho é uma melhoria do pilão. Ele mói os grãos fazendo com que eles passem por baixo de uma pedra redonda, muito pesada, chamada “mó”, que vai girando e moendo. Daí os últimos dentes da oficina da

boca terem o nome de “molares”: são as mós, os moinhos da boca, que moem as coisas duras. Milho maduro, só cavalo come. Moído vira fubá. Bolo de fubá, polentinha frita, que delícia!

O dente da Camila caiu. Que felicidade! Lembro-me de quando meu primeiro dente caiu. Primeiro ele ficou mole. Com o dedo, eu o fazia ir para um lado e para outro. Isso me dava aflição. Os grandes me ensinaram o truque: amarrar uma linha no dente e puxar com força. Amarrei a linha, mas me faltava coragem. A linha ficou pendurada, saindo pela boca. De vez em quando dava um puxãozinho. Até que, de repente, peguei a linha e puxei forte. O dente saiu. Ganhei uma pratinha de dois mil-réis.

Fiquei feliz quando meu dente caiu porque ele me fez sofrer muito. Dor de dente. Doía tanto que eu tinha inveja das galinhas, por não terem dente. Sofri porque, naquele tempo, a gente não fazia como se faz hoje, escovar os dentes pela manhã, à noite e após cada refeição, com pasta e usando fio dental. A gente não sabia que era preciso cuidar. Nem sabia como cuidar. Chupava bala, comia rapadura, chupava cana e só escovava de manhã e à noite – isso quando escovava. E naquele tempo o fio dental ainda não tinha sido inventado. O jeito era usar um espinho de laranjeira como palito. Os pobres mesmo não escovavam nunca. Sofriam dor de dente e só pensavam em ir ao dentista para arrancar o dente. Dentista era... Tiradentes... Desejavam a felicidade das galinhas que não têm dentes. Lá havia um homem pobre, sem um dente sequer, apelidado de Sapucaia. Queria ter dentes, mas não tinha dinheiro para ir ao dentista e fazer dentadura. Uns malvados disseram a ele que comer pimenta diariamente, daquelas vermelhas, fazia nascer dente. Ele acreditou e passou a comer, diariamente, uma colher de sopa cheia de pimentas. O Sapucaia morreu sem um só dente, mas com a boca quente...

Quando caiu o meu dente ficou um buraco na frente...

Os grandes riam de mim. Diziam que eu tinha uma porteira aberta na boca. Eu nem ligava. Estava feliz por meu dente ter caído. Ficava passando a

ponta da língua no buraco, para ter certeza de que ele, o buraco, estava lá. Eu sabia que um outro iria nascer. Mas os grandes, que riam de mim, com seus dentes esburacados, tinham um destino parecido com o do Sapucaia. Se não quisessem comer pimenta, o remédio era botar dentadura, que se tirava da boca quando se ia dormir. O pior era que, perdidos os dentes, estavam também perdidos os beijos...

PARA PENSAR



Que felicidade, de manhã, com a boca ruim, escovar os dentes com uma pasta com gosto de hortelã! A boca fica tão fresquinha e o bafo fica perfumado... Acho que ninguém sabe quem foi esse benfeitor da humanidade e protetor dos namorados, o inventor da pasta de dentes! Beijar uma boca perfumada de hortelã é mais gostoso! Será que ele tinha mau hálito? Ou a sua namorada? As ideias sempre surgem provocadas por algo que nos incomoda...



Há tantas coisas simples como a pasta de dentes (no meu tempo de criança se chamava "dentifrício"...) que nos dão felicidade e a gente nem se dá conta, porque passaram a fazer parte do cotidiano. Cotidiano é aquilo que acontece todo dia. Quando eu era menino, era muito complicado escrever. Não havia canetas-tinteiro nem esferográficas. Muito antigamente, para escrever se usava uma pena de ave. Mergulhava-se a ponta da pena num tinteiro, um vidro cheio de tinta. Mas a tinta ficava líquida no papel e era necessário secá-la para que não borrasse. Para secar a tinta usava-se um papel chamado "mata-borrão". Depois as penas de ave foram substituídas por penas de metal que eram introduzidas num pauzinho redondo chamado "caneta", que quer dizer "cana pequena". A mão da gente ficava toda suja de tinta. E é claro que não se podia sair pela rua carregando penas, canetas e tinteiros no bolso. Agora há as esferográficas! É tão fácil. Será que você é capaz de fazer uma lista de coisas comuns que tornam a vida mais agradável? Escova de dentes, fio dental, pasta de dentes, chuveiro quente, sabonete, xampu, caneta esferográfica, aspirina... Vamos. Continue a lista.



Vou lhe fazer uma pergunta, uma adivinhação. Você vai ter que pensar muito para responder. Que foi que, nos últimos 500 anos, mais contribuiu para a nossa saúde? Peça a seu pai, a sua mãe, a seus amigos que participem. Faça uma lista dos palpites. A resposta você vai encontrar num outro lugar.



Quem será o maior do reino dos céus? Jesus chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e lhes disse: “Em verdade vos digo, se não transformardes vossos corações e mentes e não vos fizerdes como crianças, não entrareis no reino dos céus”.

Mateus 18. 1-4

A BISAVÓ

Minhas netas: hoje é o Dia das Mães. Vou falar sobre a minha mãe, sua bisavó, que vocês não chegaram a conhecer. Ela morreu antes de vocês nascerem.

Para falar sobre minha mãe, vou dar uma explicação inicial. Gosto de escrever. Especialmente para crianças. Tanto para crianças como vocês quanto para as crianças que moram, escondidas, dentro dos adultos. Se eles deixassem as crianças que moram neles saírem do lugar onde estão presas, eles poderiam brincar e ficar mais bonitos.

Escrevendo, eu uso sempre “metáforas”. O nome é difícil, mas é fácil explicar. Metáfora é quando, olhando para uma coisa, a gente vê outra. Neruda, poeta, olhou para uma cebola e viu que ela se parecia com uma “rosa de água com escamas de cristal”. Ora, cebola é cebola. Não é rosa. Mas o poeta viu, na cebola, uma rosa. Cecília Meireles pensou sobre a vida dela e viu um barco navegando por um mar sem fim. Ora, a vida não é um barco navegando. Mas a poetisa viu, na própria vida, um barco a navegar no mar azul...

Pois eu vou usar uma metáfora que vocês, a princípio, não entenderão – mas entenderão, porque toda criança tem olhos e imaginação de poeta: no tempo da minha mãe, sua bisavó, as mulheres eram como árvores. Agora, elas se parecem com pássaros... “Árvores” e “pássaros” são metáforas para as mulheres.

Vocês se lembram da estória da Cinderela? O nome antigo era *Gata borralheira*. Vejam: dizer que uma menina é “gata borralheira” é uma metáfora. Ela era uma menina; não era uma gata. Borralheira é que gosta de borralho. Sabem o que é borralho? Borralho são as cinzas quentes que ficam no fogão de lenha, depois de apagado o fogo... Pois a estória moderna daquela menina triste, do Walt Disney, conta que ela tinha uma “Fada Madrinha”... Na estória original – muito antiga – não havia nenhuma “Fada Madrinha”. Era diferente. A mãe da menina havia morrido. E agora ela, a menina, estava nas garras de uma madrasta malvada e duas filhas invejosas que a mantinham presa na cozinha – perto do borralho. Abandonada... Não, não, não! Não estava abandonada. Mesmo morta, sua mãe continuava a protegê-la. Quem a protegia não era uma Fada Madrinha; era sua mãe! E sabem como ela a ajudava? Ela, mãe, morava numa árvore que a menina plantara no quintal da casa. A árvore estava sempre cheia de pássaros. Os pássaros eram os anjos da mãe. Eram os pássaros que ajudavam a Gata Borralheira...

As mulheres, nos tempos antigos, nos tempos da minha infância, eram árvores.

No meu sítio, lá em Pocinhos do Rio Verde, tenho árvores plantadas para todos os meus amigos que morreram. Plantei também uma árvore para a minha mãe. Ainda não plantei uma árvore para o meu pai porque ainda não encontrei a árvore-metáfora que se parece com ele. Como pode uma árvore se parecer com uma pessoa? Pode. Para o meu pai, escolhi uma laranjeira. Meu pai adorava chupar laranjas. Ele ia descascando as laranjas com incrível técnica, sem jamais ferir a fruta. Laranja com casca ferida é ruim de chupar. As cascas inteiras, ele ia pendurando no braço esquerdo. Cascas de laranja, secas, são um combustível maravilhoso. Eram usadas, de manhã, na feitiçaria de acordar as brasas para acender o

fogo, como já expliquei. Essas laranjeiras modernas, enxertos, não são laranjeiras de verdade. Árvores anãs, mirradas – as laranjas ao alcance da mão. Para ser metáfora do meu pai a laranjeira tem de ser das antigas, que demoravam para crescer e ficavam altas, as laranjas amarelas lá em cima, fora do alcance das mãos! Era preciso subir na laranjeira para apanhar as laranjas. Era o que eu fazia com meus amigos. Subíamos na laranjeira e chupávamos sem parar. Cada um com seu canivetinho. Já havíamos aprendido a arte de descascar laranjas como o meu pai. Eram tantas as laranjas que chupávamos que ficávamos com vontade de fazer xixi. Pois não havia problema: fazíamos xixi do alto das laranjeiras e morríamos de dar risada, vendo o xixi cair e se empoçar na terra. Essa é uma das vantagens de ser homem: fazer xixi do alto de uma laranjeira... Quando eu encontrar uma muda das laranjeiras antigas plantarei como metáfora do meu pai. E então, os passarinhos, especialmente os sanhaços azuis, anjos dele, virão chupar as laranjas.

Para minha mãe plantei um pé de camélia. Camélias são flores lindas – tão perfeitas, algumas brancas, outras vermelhas. Fui a Santiago de Compostela, no norte da Espanha. Dizem que Deus, em Santiago, é mais forte que em outros lugares. Por essa razão, os que acreditam fazem longas peregrinações a pé para chegar até lá, onde se encontra uma gigantesca catedral. Não fui a pé. Fui de carro. Visitei a catedral. Não me senti mais perto de Deus. Senti-me mais longe. Uma construção feia, pesada, escura. Deu-me tristeza. Mas, saindo triste da catedral, entrei nos imensos parques que há por lá. Tudo era luz, cor, leveza, pássaros voando e cantando, a vida explodindo em todos os lugares. Fiquei inundado de alegria. O Criador não fez nenhuma catedral no Paraíso. Se gostasse teria feito. Plantou árvores. Camélias... Nos parques fora da catedral havia camélias por todos os lados – árvores enormes, cobertas de flores. Sempre

que vejo a beleza surgindo me sinto próximo de Deus. Deus é beleza mansa. Sugiro que, no futuro, se façam peregrinações a Santiago de Compostela para ver as camélias. Porque se São Tiago foi enterrado por lá, como se diz, garanto que ele não está dentro daquela igreja escura. Está é passeando pelos parques. Os passarinhos e as flores são os anjos de São Tiago!

Eu olhava para as camélias e me lembrava da camélia que plantei para a minha mãe...

Disse que antigamente as mulheres se pareciam com árvores. As árvores não saem do lugar. Crescem onde plantamos. Indefesas. Não reagem, não fogem, não gemem – nem mesmo quando são cortadas a machado. Pois assim eram as mulheres: nasciam, e pelo resto de sua vida teriam de obedecer aos homens. Primeiro, tinham de obedecer às ordens do marido. Carlos Gomes fez até uma cantiga de conselhos para uma jovem que queria se casar; ele a advertia de que, com isso, ela iria perder a liberdade: “a vontade ao marido há de fazer, que esse dever o casamento traz...”. Na verdade, nem antes de casar elas estavam livres. Estavam à mercê da vontade dos pais. Era o pai que decidia se ela devia se casar, quando e com quem. E não tinham também a liberdade de decidir por uma profissão. Lugar de mulher era na casa, no fogão, na máquina de costura. As mulheres não eram donas do seu corpo, não mandavam no seu destino. Árvores à mercê da vontade do jardineiro, sem poder fugir... Como gostariam de ser pássaros, e voar para longe, longe...

Não podendo ser pássaros, as árvores dão flores. Flores são os pássaros das árvores. Flores são voos que não conseguiram voar e se cristalizaram em beleza e perfume. Quem dá uma flor a alguém está lhe dando um desejo de voar.

Minha mãe era uma árvore que queria voar e não podia. Aí, como a camélia, ela começou a dar flores. As flores que minha mãe dava apareciam em forma de música. Menino, eu a ouvia estudando piano horas seguidas. Enquanto tocava piano, ela voava pelo mundo da beleza que nem pai nem marido podiam impedir: a alma é livre.

Por que uma pessoa gosta de música? Eu acho que uma pessoa gosta de música, primeiro, porque a música já nasce com a gente. Ela está lá, no fundo da alma, dormindo. Mas é necessário que haja alguém que desperte essa "Bela Adormecida". No caso de minha mãe, eu suspeito que tenha sido um professor de piano... Ah! Os professores de piano, seres perigosos, sedutores... O Vinícius de Moraes compôs uma música malandra chamada "Aula de piano" que colocaram, indevidamente, junto com as canções infantis de *A arca de Noé*. Minha mãe, vez por outra, referia-se a seu professor de piano. O nome dele era Riciotti – nem sei se é assim que escreve. Vi uma foto dele. Másculo. Tinha bigodes torcidos, voltados para cima. Fantasiar não faz mal... Fantasio que minha mãe, adolescente, ficou apaixonada por ele. Tenho mesmo a suspeita de que ele a amou e chegou mesmo a compor uma valsa para ela: "Ela aos 15 anos". Se estou errado, meus irmãos que me corrijam. Mas, como diz o ditado italiano, "se não é verdadeiro, foi bem imaginado". Como no filme *Festa de Babette*, em que a jovem ficou apaixonada pelo professor de canto. Proibidos de amar pelo pai e dono dela, eles faziam declarações de amor cantando duetos apaixonados de ópera! Gosto de imaginar que tenha sido assim.

Professor de música! Pobretão. Meu avô, trisavô de vocês, Capitão Evaristo, rico comerciante, dono de sobrado colonial e carro importado, jamais iria permitir que filha sua se casasse com um pobretão. Minha mãe se casou com meu pai, seu bisavô, um homem muito bom, divertido,

manso, que não tinha cultura musical mas era rico. Depois, como eu já contei, ele ficou pobre... “Carminha”, ele dizia com carinho, “toque uma daquelas valsinhas boas pra dormir”. Minha mãe atendia ao seu pedido inocente, interrompia a balada em sol de Chopin e tocava a valsinha. Logo ele dormia como uma criança...

Minha mãe era uma camélia mansa cujas flores eram a música. Há determinadas peças que, ao ouvir, sempre me lembro dela. Se vocês quiserem conhecer um pouco a alma da sua bisavó, é só pedir, e eu colocarei para tocar os CDs com as músicas que ela amava.

Outro jeito que as mulheres-árvores tinham de florir eram os filhos. Se elas não podiam voar de verdade, voavam imaginando os filhos voando. Viviam uma vida simples, modesta, sempre plantadas no chão – e eram sempre uma sombra e um colo onde os filhos tristes encontravam conforto. Especialmente nas coisas gostosas que só as mães sabiam fazer na cozinha. Fazer o prato predileto do filho: era o jeito que elas tinham de dizer às noras: “Você nunca tomará o meu lugar!”.

Claro, havia umas mulheres revoltadas por não poder voar. Viravam cactos, só espinho. E os filhos sofriam. Minha avó era assim – que Deus a tenha. Mas não minha mãe, que aprendeu ternura com uma velha escrava chamada Iaiá. Por vezes as mães verdadeiras não são as mães de barriga – são as mães de coração.

As mulheres, hoje, cansaram-se de viver para fazer vontade de pai e de marido. Estão se transformando em pássaros: querem voar – determinar seu destino, ser dona de sua vida. Liberdade: esse é um direito de todo ser humano.

Quando vocês tiverem a minha idade e forem escrever sobre suas mães, em vez de dizer que elas eram árvores vocês dirão que elas eram

pássaros! E como os pássaros são belos no seu voo! Podem ser suaves como as gaivotas ou terríveis como os gaviões... Mas mesmo os pássaros precisam de uma árvore onde descansar e fazer seus ninhos...

PARA PENSAR



As árvores são belas. As aves são belas. Mais belas são as árvores quando as aves nelas fazem seus ninhos e em seus galhos cantam seus cantos. E mais felizes são as aves se há árvores. Como poderiam viver as aves se árvores não houvesse? Onde iriam dormir? Onde iriam fazer seus ninhos?



Árvores velhas com galhos fortes são boas para nelas amarrarem-se balanços. Balançar é uma delícia. Quem sabe balançar não precisa que ninguém empurre. O balanço balança só com o alternado movimento das pernas e do tronco. Isso é meio misterioso! Fazer o balanço balançar sem ninguém o empurrar... Peça a seu professor de ciências que lhe explique esse mistério! Se seu pai e sua mãe são bravos, leve-os a balançar em algum lugar. Eles vão rir e ficar mansos...



Quais as vantagens de ser árvore? Lembre-se de que isso vale não só para as árvores. Vale para as pessoas também.



Quais as vantagens de ser pássaro?



O balanço é gostoso porque, ao balançar, nós nos sentimos pássaros, prontos a levantar voo. Mas se lembre: isso é possível porque o balanço está amarrado na árvore...



Escreva uma estória sobre árvores e pássaros. Você deseja ser árvore ou pássaro?



Se eu morrer muito novo, ouçam isto: Nunca fui senão uma criança que brincava.

Alberto Caeiro

A NOITE

Minhas netas: Vocês já devem ter notado que os adultos estão assustados. Começaram a falar uma palavra que nunca falaram antes: “apagão”. Parece que o tal de “apagão” é um monstro terrível, quem sabe um ET malvado, vindo do planeta Mongo. Parece que o tal monstro “apagão” chega através da eletricidade, pois eles, os adultos, começaram a apagar lâmpadas, desligar televisão, implicar com banhos demorados. Eles estão com medo. A notícia é que, quando o “apagão” chega, todas as luzes da cidade se apagam. Tudo fica escuridão. Uma coisa é o escuro sabendo-se que basta apertar um botão para que a luz apareça. Outra coisa é o escuro sem remédio: não adianta apertar o botão do interruptor porque o escuro continua escuro. Já imaginaram a noite sem luz, sem televisão, sem jeito de ler, sem barzinho, sem festa, as ruas escuras, a cidade no escuro? Medão...

Lá na roça onde eu morava quando era menino, na casa de pau a pique, fogão de lenha e “casinha” do lado de fora, havia muitos fantasmas. Eu mesmo nunca vi nenhum. Mas os grandes haviam visto e contavam casos de lobisomem, mula sem cabeça, saci e almas do outro mundo. Num de seus livros, Monteiro Lobato conta muitas estórias sobre eles. Eu acreditava e tinha medo. Mas nunca ouvi falar nesse tal de “apagão”, que apaga todas as luzes. A razão para isso eu explico: para haver um “apagão” é preciso que antes tenha havido um “acendão”. O “acendão” acende tudo, liga tudo: lâmpadas, geladeira, chuveiro, televisão, forno de

micro-ondas, tocador de CD, secador de cabelo, torradeira, máquina de fazer café, forno elétrico, aquecedor... O “apagão” é o fantasma que desliga e apaga o que o “acendão” ligou e acendeu. Mas lá onde eu morava, na roça, não havia eletricidade. Não havendo eletricidade, não havia “como” acender. E não havia “o que” acender. Não havendo o “acendão”, não havia o perigo de acontecer o “apagão”.

A gente tinha de aprender a conviver com o escuro, com a noite.

O Sol ia baixando, chegando perto da linha do horizonte – noite chegando. Essa chegada da noite tem o nome de “crepúsculo”. Crepúsculo é uma hora mágica. Parece que a natureza toda para. É triste e bonito.

Durante o dia a passarinhada voa doida, alegre, em todas as direções, procurando insetos distraídos. Quando o crepúsculo chega, seu voo fica diferente: eles voam numa única direção – querem voltar para casa. Vocês já viram os patos selvagens voando em formação de “V”, ao final da tarde, contra o céu azul? É bonito. Eu sempre me perguntava: “Quem foi que ensinou os patos a voar desse jeito?”. Acho que ninguém sabe a resposta. Há muitas perguntas para as quais não há respostas. E as galinhas, que durante o dia inteiro só olham para o chão, ciscando à procura de bichinhos, ao cair da tarde voltam para o galinheiro, sua casa. Seu bisavô, meu pai, gostava de observá-las espichando os pescoços, olhando para cima, ensaiando o voo para um galho de árvore ou um pau do poleiro. Elas sabem que a noite é perigosa. O escuro é perigoso. A noite é o tempo quando os bichos da noite saem de suas tocas, bichos que têm olhos de enxergar no escuro e gostam de comer galinhas...

O escuro da noite! Do lado de fora da casa a gente podia olhar em todas as direções: não se via uma única luz. Breu. Quando o tempo estava bom, o céu negro aparecia iluminado por milhares de estrelas. Nas cidades

as luzes ofuscam a luz das estrelas. Nas cidades o mistério do universo, que nos faz pensar e nos torna mais sábios, é trocado pelo besteirol da televisão. (Se “apagão” é o nome do fantasma do escuro, eu batizo de “besteirão” um fantasma que sai da televisão e se apossa das pessoas sem que elas percebam...). Quem para para ver o céu? Eu era pequeno mas o céu estrelado já me causava assombro. Como foi que ele começou? Uma grande mancha de luz branca atravessava o céu. É a Via-Láctea. Quantas estrelas! Milhões? Bilhões? (Na roça havia uma superstição. Diziam que contar as estrelas com o dedo apontado fazia nascer verrugas...). Via-Láctea quer dizer “Caminho de Leite”. Os gregos antigos explicavam esse nome dizendo que aquela mancha aparecera quando um jato de leite esguichara do seio de uma deusa! Talvez eles tivessem razão. O leite da mãe é sempre uma luz no escuro da noite. Por isso os nenezinhos dormem, sem medo, enquanto mamam...

Havia também a luz da Lua. Nas noites de Lua cheia os campos e as matas ficavam iluminados. Diziam-me que a Lua era morada de São Jorge em luta diária com um dragão. Por que é que São Jorge não matava logo o tal dragão, pondo fim à luta diária? Acho que, se matasse o dragão, ele iria se sentir muito sozinho. O dragão era sua única companhia... Se ficasse sem ter o que fazer, sozinho, na Lua, o pobre São Jorge ficaria louco! Há uma canção que é parte da alma dos brasileiros mais velhos, aqueles que não nasceram nas cidades, composta por Catulo da Paixão Cearense. Ela fala do luar: “Não há, ó gente, ó não, luar como esse do sertão!”. Acho que vocês gostariam dela. Peçam para suas mães ou suas professoras lhes ensinar a cantar.

De vez em quando uma estrela cadente aparecia e rápido riscava o céu com sua luz, para logo desaparecer. Diziam que eram mágicas; o primeiro desejo que se tivesse, depois de vê-las, seria realizado.

E havia, também, sobre os campos negros de escuridão, a luz dos vaga-lumes. Centenas, milhares: brilhavam, como estrelas, acendendo e apagando suas luzinhas. Eu me admirava que houvesse bichinhos voadores que carregavam lanternas no seu traseiro... Ainda hoje não me explicaram esse mistério: um bicho que tem, como parte do seu corpo, uma lanterna. Haverá perigo de apagão para os vaga-lumes? Já imaginaram se nós, à semelhança dos vaga-lumes, tivéssemos nossos traseiros iluminados?

A casa era também escura. Não havia eletricidade nem lâmpadas. Era preciso acender as lamparinas que queimavam querosene com um cheiro forte, enchendo o ar de fuligem. Ou velas. As velas nos ensinam uma lição: para brilhar é preciso morrer. As velas, à medida que iluminam, vão morrendo. A cera dura fica mole com o calor, derrete-se e escorre, como se fossem lágrimas. E, por fim, a vela se reduz a um toquinho, até que se apaga definitivamente. Quem contempla a chama de uma vela queimando fica tranquilo e sábio...

Sem luz elétrica, sem rádio e sem televisão – a noite era uma hora tranquila. Um amigo me contou que na cidade em que morava quando menino eram frequentes os “apagões”. A cidade ficava às escuras. E pasmem: ele ficava feliz! Como não havia televisão para ver, seu pai acendia uma vela, colocava-a sobre a mesa, e ele, o pai e a mãe jogavam baralho e conversavam. O pequeno “apagão” fazia com que eles estivessem próximos de um jeito que não acontecia quando a luz elétrica estava acesa. A luz da vela provoca intimidade. Ela aproxima as pessoas. Será que se as luzes se apagarem todos vão continuar nos seus quartos, vendo televisão? Escuridão faz bem para a família...

O melhor lugar era a cozinha. Lá havia o fogo do fogão de lenha, o café, o bolo de fubá, a pipoca. Quando fazia frio, meu pai punha uma

bacia cheia de brasas no chão e nós nos assentávamos à volta das brasas. Tudo escuro, apenas os rostos avermelhados pelo vermelho das brasas. A gente tirava os sapatos e esticava os pés na direção do fogo...

Os adultos contavam histórias. Histórias de “antigamente”, do “tempo do Onça”, dos tempos quando se amarrava cachorro com linguiça... Histórias de quando eram pequenos, de viagens, de bichos, de onças, de cobras, de macacos, de almas do outro mundo, histórias engraçadas, histórias de dar medo, histórias de fazer chorar.

Quando já estava tarde da noite, lá pelas oito horas, tomava-se leite com farinha de milho, ou leite com goiabada mole. Era hora de ir para a cama. Cobrir as brasas do fogão com cinza, para que estivessem vivas pela manhã. Apagar as velas. Apagar as lamparinas. Escuridão de sertão. O cricri dos grilos, os pios das corujas, o barulho da água no monjolo, o barulho dos ratos correndo nas madeiras do telhado. Hora de medo. Por isso, ao ir para a cama, era preciso rezar. Minha mãe me ensinou a rezar assim: “Agora me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe a minh’alma, ó Senhor. Amém”.

PARA PENSAR



Você sabe que o dia e a noite são produzidos pelo movimento de rotação da Terra. A Terra gira como um pião, em torno do seu eixo. É fácil compreender como isso acontece. Apague as luzes do seu quarto. No meio de uma mesa acenda uma vela. A um palmo da vela coloque uma laranja. O lado da laranja voltado para a vela fica iluminado: é dia. E o lado traseiro da laranja fica escuro. Não recebe a luz da vela. É noite. Se você fizer a laranja girar, o lado que estava no escuro fica iluminado e o lado que estava iluminado fica escuro. Assim se alternam, dia e noite, noite e dia. Durante muitos séculos os homens não sabiam que a Terra girava. Na verdade, é difícil acreditar que ela gire, porque tudo parece parado. Mas as aparências enganam. A ciência apareceu quando os homens perceberam que não se deve acreditar nas

aparências. A verdade frequentemente é o oposto do que parece ser. Agora, um probleminha divertido que você poderá resolver, se você souber pensar. Há um planeta, o mais próximo do Sol, onde não acontece a alternância de dia e noite. Em Mercúrio um lado é sempre dia e o outro lado é sempre noite. Será que você pode descobrir por quê? Faça a experiência com a laranja. O que é preciso acontecer para que, em Mercúrio, um lado seja sempre dia e o outro lado seja sempre noite? Lembre-se de que Mercúrio, como a Terra, gira em torno do Sol.



Os pensamentos que temos à luz do dia são diferentes dos pensamentos que temos à noite, especialmente quando não há luz elétrica, e a luz vem de uma vela, um fogão ou uma lareira. A razão para isso é simples. De dia, com muita luz, somos invadidos pelos milhares de coisas que estão à nossa volta. Pensamos o que está de fora. De noite, com pouca luz, poucas coisas a serem vistas, começamos a pensar os pensamentos que moram dentro de nós. Um escritor maravilhoso, Gaston Bachelard, escreveu um livrinho com o título *A luz de uma vela*. Apague as luzes do seu quarto, acenda uma vela, e fique olhando para ela. Verá que seus pensamentos serão diferentes. Essa é a razão por que os apaixonados jantam à luz de velas: porque o amor mora no lado de dentro... E a razão por que nos lugares santos se acendem velas.



Quando acabarem as escolas quero nascer outra vez.

Adélia Prado

O LIXO

Minhas netas: Vocês já pensaram em brincar com lixo? Eu nunca havia pensado! Lixo é coisa suja, nojenta, não é coisa com que se brinque! Pois eu me levantei hoje com vontade de brincar com lixo. Isso mesmo! Doideira? Ao final vocês verão que doido não sou eu... Brinquei assim: fui andando pela casa, prestando atenção em todos os objetos e anotando num caderno aqueles que vão se transformar em lixo. Lixo é tudo aquilo que não serve para nada, que não é para ser guardado, que deve ser jogado fora. Na minha casa há muitos objetos que nunca jogarei fora. Dependendo de mim, nunca virarão lixo: meus livros, meus CDs, meus quadros, fotografias de pessoas queridas, objetos de arte, objetos que pertenceram a pessoas que amo, como aquelas duas taças de cristal, uma vermelha, a outra azul, que foram da minha mãe... Outros objetos, entretanto, têm um destino certo: o saco de lixo. Comecei no banheiro: escovas de dente, aparelhos de barbear, tubos de pasta de dente, fio dental, embalagens plásticas de xampus, de cremes, de remédios, papel higiênico. Continuei a fazer minha lista no quarto: lâmpadas, pilhas dos mais variados tipos, tênis, sapatos, roupas. Na cozinha a lista ficou enorme: embalagens plásticas dos incontáveis produtos de limpeza, embalagens de adoçantes, de leite, de sucos, de *catchup*, arroz, fubá, doritos, sucrilhos, aveia, macarrão, maisena, nescau, margarina, manteiga, danone, de sopas prontas, garrafas plásticas de água mineral, de Coca-Cola, de guaraná, de vinagre, latas de refrigerantes, de cerveja, de azeite, de óleo, de sardinha, de atum, de massa de tomate, de molhos, garrafas de vidro das mais

variadas formas, montes de sacos de papel, de sacos de plástico, de jornais e os próprios sacos plásticos onde se guarda o lixo. No escritório: esferográficas, papéis usados. Na sala: garrafas de Jack Daniels, de vinhos, de licores, guardanapos. Na garagem: os pneus do carro e o próprio carro, que vai ficar velho e será vendido para um ferro-velho...

Lixo a gente põe nos sacos de lixo, vêm os lixeiros, põem os sacos de lixo em caminhões, e o lixo desaparece da nossa vista. Desaparece da nossa vista, mas não desaparece de verdade, porque nada no mundo, desaparece. O lixo vai para um outro lugar, longe dos olhos. E a montanha vai crescendo, crescendo, sem parar. Até quando as montanhas de lixo poderão crescer?

Imaginem, agora, que milhões ou mesmo bilhões de pessoas estão produzindo lixo sem parar e livrando-se dele por meio de sacos de lixo. Faz uns dias tive a alegria rara de ouvir um homem inteligente e tranquilo dando uma entrevista na televisão. Falou sobre o problema do lixo. Disse que os cálculos já haviam sido feitos: o lixo que se produz diariamente no mundo corresponde a um quilo de lixo por pessoa. Isso, evidentemente, é uma média. Se vocês não sabem o que é “média”, perguntem ao pai ou ao professor de vocês. O fato é que há pessoas que não produzem lixo algum, enquanto há outras que produzem muitos quilos de lixo. Vocês querem saber quanto de lixo é produzido diariamente no mundo? Façam o cálculo. Quantos são os habitantes do mundo? Cada um deles produzindo um quilo de lixo... Dividam por mil: vocês terão o resultado em toneladas. Peçam a um professor – preferencialmente o professor de ciências – para fazer um cálculo do tamanho da montanha de lixo produzido diariamente. Agora, multipliquem por 365: vocês terão o tamanho da montanha de lixo que é anualmente produzida pelo progresso. Sim, sim! Pelo progresso. Porque é o progresso que produz lixo. Todos os objetos que, no meu apartamento,

vão se transformar em lixo são produzidos pelo progresso. Sem o progresso eles não existiriam. O progresso, assim, é um bicho muito curioso: olhado de frente ele é colorido como um periquito *calopsita* e canta bonito como um sabiá. Mas não espiem seu traseiro: dele saem incalculáveis montanhas de fezes...

Não me esqueci não. Prometi a vocês, faz tempo, que iria contar como era o mundo em que eu vivi, quando menino. Falei sobre o "lixão" (mil vezes mais terrível que o "apagão") só para dizer a vocês que lá na roça onde eu vivi não havia lixo não. Porque não havia essas coisas que o progresso produziu e que vão se acumulando, acumulando... Havia coisas que a gente jogava fora sim. Mas elas eram biodegradáveis. Imagino que vocês nunca ouviram essa palavra. "Bio" vem do grego *bios*, que quer dizer "vida". Biodegradável é aquilo que pode ser "comido" pela vida, aquilo que é alimento para a vida. Por exemplo: as folhas mortas, numa floresta, são comida para o solo. O solo come as folhas mortas e elas, as folhas mortas, transformam-se em fertilidade para o solo. Do solo assim fertilizado nascem outras árvores. A natureza tem esse poder maravilhoso de transformar a morte em vida. A Adélia Prado – é preciso que vocês leiam os poemas da Adélia – escreveu assim: "Eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto. O que não parece vivo aduba. O que parece estático espera".

Os bichos eram os maravilhosos processadores das sobras de comida. Dentre eles os mais eficientes eram os porcos. Os porcos comiam qualquer coisa: sabugos de milho, cascas de abóbora, sobras de mandioca, chuchus, inhames, jilós... Pobrezinhos, nada sabiam do seu destino. Comiam, engordavam – sem imaginar que seriam transformados em linguiças, lombos, toucinho, torresmo e costelinhas. Nossas sobras eram transformadas em comidas para os porcos que, por sua vez, seriam

transformados em comida para nós. Como disse um cientista antigo, Lavoisier, “na natureza nada se cria; tudo se transforma”. Nós, também, como as folhas que caem das árvores e se tornam comida para novas árvores, iremos cair da árvore da vida e acontecerá conosco o que acontece com as folhas. É um giro constante... As galinhas eram outros processadores de sobras: cascas de banana, bem picadinhas, couve, almeirão, milho, repolho...

Pavlov é o nome de um cientista russo que ficou famoso por sua pesquisa com cães. Cães gostam de carne. Só de ver o bife, a boca deles fica cheia de saliva. Mas cães não salivam ao ouvir o som de um sino. Pois Pavlov resolveu ensinar os cães a salivar ao ouvirem o som de um sino. Ele fez assim: dava a um cão um pedaço de carne ao mesmo tempo em que tocava um sino. Depois de repetir essa coisa várias vezes seguidas, ele não deu a carne ao cão, mas tocou o sino. Pois o cão, só de ouvir o sino, salivou. A isso se dá o nome de “reflexo condicionado”. Pois lá na roça, sem nenhuma intenção científica, a gente criava reflexos condicionados nas galinhas. Galinha não vem para perto da gente se a gente bate o garfo no prato. Mas a gente, sem ter lido Pavlov, batia no prato enquanto dava as sobras de comida. Pois as galinhas, só de ouvirem o barulho do garfo batendo no prato, vinham correndo... Esse experimento deveria ter sido publicado nas revistas científicas internacionais! As pessoas da roça sabem muito de psicologia, animal e humana...

Havia também coisas que não eram biodegradáveis. Vidros e garrafas, por exemplo. Mas não eram jogados fora. Eram guardados, lavados e vendidos. Vidros eram vendidos a farmácias que os usavam de novo. E as garrafas eram vendidas a armazéns. Dessa forma, aquilo que entre nós é jogado fora e contribui para aumentar as montanhas de lixo, lá no mundo em que eu vivia continuava a ser usado; não virava lixo. Latas

vazias eram raras e preciosas. Latas de massa de tomate eram transformadas em canequinhas para tomar café. Latas maiores eram usadas para guardar coisas ou como vasos onde se plantavam flores e folhagens. Malva perfumada, por exemplo. Num mundo de pobreza nada se joga fora. Tudo é precioso. Tudo tem de ser usado de novo.

Chegará um dia, eu penso, em que as montanhas de lixo se tornarão insuportáveis. E então – quem sabe? – chegará a hora em que tomaremos consciência da doidice do progresso – pois uma coisa que produz tanto lixo só pode ser doida! Iremos reaprender, então, a sabedoria da vida pobre. Talvez a pobreza faça mais bem à vida que a riqueza...

PARA PENSAR



Os cientistas calcularam que, em média, cada habitante do mundo produz um quilo de lixo por dia. Você sabe o que é “em média”? É assim: eu produzo um quilo de lixo e você não produz nenhum. Em média, produzimos meio quilo cada um. Há pessoas que não produzem lixo algum, pessoas pobres, miseráveis, que não têm nem mesmo o que comer. Em compensação, nos países ricos as pessoas compram uma infinidade de coisas e produzem muitos quilos de lixo por dia. Então, um quilo de lixo, em média, por habitante. Faça o cálculo de quantos quilos de lixo a população do mundo produz, por dia. Depois multiplique por 365 para você saber quantos quilos de lixo são produzidos em um ano. Agora peça a seu professor de ciências para calcular o tamanho da montanha de lixo que os homens produzem por dia.



Para onde vai esse lixo? O que acontece com esse lixo?



Todo o lixo de sua casa vai para algum lugar. Os encanamentos de esgoto são transportadores de lixo. Quando você faz cocô ou xixi e dá a descarga, você fica com a ilusão de que cocô e xixi desapareceram. Desapareceram da sua vista. Foram para algum lugar: os rios ou o mar. Uma vez fui tomar banho na praia de Ipanema. Saí correndo. À minha frente havia um cocô linguiçoso flutuando. Pergunte a um médico quanto de cocô, em média, uma pessoa produz, por dia. Multiplique esse número pelo número de habitantes de sua cidade. Você saberá quanto de cocô sua

cidade lança no rio, diariamente. E as coisas que entram pelos ralos dos chuveiros e pias: sabonetes, detergentes. Tudo vai se misturar com as águas dos rios e do mar. O pior acontece com os resíduos químicos das indústrias. De vez em quando há mortandade de peixes: milhares de peixes aparecem mortos, flutuando, apodrecendo. Não aguentaram o envenenamento das águas.



Planeje, com seus colegas de classe ou amigos, visitar riachos e rios poluídos. E depois vão visitar o prefeito, os juízes, os padres e pastores, pedindo providências.



A providência mais fácil é separar o lixo. Isso se chama “coleta seletiva de lixo”. É fácil: basta querer. Arranjam-se recipientes separados, de cores diferentes, para receber o lixo: vidro, plásticos, papel, metal, restos – tudo separado. Esses lixos podem ser reusados, reciclados. Há, pelo Brasil, muitas organizações de pessoas que vivem de catar e revender o lixo reciclável.



Meu Deus, me dá cinco anos! Me cura de ser grande!

Adélia Prado

O CAMINHO DA HORTA À BOCA

Minhas netas: Um dia, faz tempo, levei vocês a passear na horta da minha casa, lá na roça onde eu vivia. Vocês não sabem o que é roça. Roça é um lugar longe da cidade, onde os homens vivem para a terra. Eles aram, semeiam, plantam, capinam, colhem... Era na roça que eu morava quando era pequeno.

Na roça a horta era muito importante. Na cidade, quando a gente está com fome, basta ir até a geladeira. Lá estão guardadas e conservadas as coisas para serem comidas. Se a geladeira está vazia, é só ir ao supermercado. Na roça não havia nem geladeira, nem supermercado. As coisas para serem comidas cresciam na horta. E lá estávamos nós, passeando entre abóboras, abobrinhas, chuchus, inhames, quiabos, mandiocas, jilós, batatas-doces, batatas-roxas, batatas comuns, pés de couve, ora-pro-nóbis, almeirão, tomatinhos silvestres, alhos, cebolas, vagem, milho... Tudo pra comer.

Mas existe um longo caminho a ser percorrido da horta até a boca. Vejam os bichos. Para eles, não existe caminho algum a ser percorrido. Para os bichos, as coisas que crescem na horta são o prato de comida, do jeito como crescem. Eles comem ali mesmo, sem maiores complicações. As vacas abocanham pés inteiros de couve. Diante do pé de ora-pro-nóbis elas param porque suas folhas são defendidas por espinhos afiados. Mas os cabritos não respeitam nem mesmo os espinhos: eles comem tudo. Os

cavalos se deleitam com o milho maduro que mastigam com a espiga seca. Os porcos enfiam os dentes nas abobrinhas de casca macia e nas abóboras de casca dura. De noite vêm os tatus, notáveis por suas unhas que fazem deles exímios cavadores de buracos e tocas. Tão extraordinários eles são que até puseram o nome de “tatuzão” numa máquina enorme que foi usada para fazer os túneis do metrô. Os tatus cheiram a terra, identificam o lugar onde se encontram enterrados batatas e outros tubérculos, cavam com suas unhas duras e se banqueteiam... (Tubérculo: vocês sabem o que é tubérculo? Não? Mas vocês sabem o que é dicionário. A palavra “tubérculo” está lá no dicionário, no lugar exato, determinado pela ordem alfabética. É muito divertido consultar os dicionários. Há um jogo que se faz com palavras difíceis, de sentido desconhecido. Chama-se “Academia”. É assim: o líder sorteia um cartão no qual está escrita uma dessas palavras difíceis, cujo sentido não se sabe. Os participantes, então, têm de “inventar” um sentido para elas. Se vocês quiserem brincar e não tiverem o jogo, um dicionário serve. É só procurar uma palavra cujo significado ninguém sabe...) E as lebres, que saem à procura de comida logo depois do anoitecer... Os passarinhos e insetos se banqueteiam com o resto...

Imaginem que vocês estão na horta e com fome. O que é que vocês comeriam ali mesmo, tirando diretamente da natureza, como fazem os bichos? Os tomatinhos sim. Redondos, vermelhos, azedinhos. Que mais? Milho? Mandioca? Abóbora? Quiabo? Berinjela? Chuchu? Jiló? Não. Não seria possível comer essas coisas. Duras demais. Sem gosto. O caminho entre as coisas que crescem na horta e a boca dos bichos é curto. Direto. Mas o caminho entre as coisas que crescem na horta e a nossa boca é longo, indireto, passa por vários lugares intermediários.

Veja o caso do milho. Milho maduro cru é muito duro – só podem com ele os dentes dos cavalos e os bicos das galinhas. Se eu tentar mastigar os grãos de milho maduro, meus dentes vão quebrar. Não tenho a menor ideia de como foi que os homens de dentes e mandíbulas fracos descobriram que seria possível transformar milho duro em comida se os grãos fossem esmigalhados. A primeira máquina de esmigalhar grãos de milho deve ter sido uma pedra grande onde se colocavam os grãos de milho, e uma pedra menor, arredondada, que era usada como martelo. Centenas ou milhares de anos se passaram até que os pilões fossem inventados. Um pilão é um tronco de árvore com um oco fundo onde se colocam os grãos e um pau roliço que é usado para esmigalhar os grãos. O homem que inventou o pilão era muito inteligente. Ele precisou pensar antes de fazer o pilão. Antes que o pilão existisse como objeto ele já existia na cabeça daquele homem, como pensamento. Sem ter ido à escola, ele sabia e aplicava uma lei de física que se ensina na escola – embora os alunos nem sempre a entendam. Essa lei diz que “força = massa x aceleração”. O braço do pilão, colocado sobre os grãos, dentro do oco, não esmigalha os grãos. É preciso que alguém levante o braço de madeira e o bata com força nos grãos que estão dentro do oco. É essa mesma lei que explica por que a picareta cava a terra, o martelo prega o prego, o machado corta a árvore. Aí, depois de milhares de anos, um outro homem pensou que seria possível substituir o braço pela força da água. E assim se inventou o monjolo. Um monjolo é um pilão movido a água. Inventado o monjolo, o homem podia descansar, enquanto aquela máquina trabalhava para ele.

Mario Quintana, um delicioso poeta gaúcho, brincou dizendo que todas as invenções são fruto da preguiça. Peçam ao seu professor de ciências para lhes explicar essa lei. É um engano pensar que ciência é

coisa moderna que só se faz em laboratórios. Para fazer ciência duas coisas apenas são necessárias: olhos e inteligência. Laboratórios não substituem a inteligência. Mas se descobriu que melhor que pancadas para triturar os grãos era ralar os grãos. Como ralar os grãos duros? Uma pedra em baixo. Em cima dela, os grãos. Sobre os grãos, uma pedra redonda que devia girar, girar. A princípio era uma pessoa que fazia a pedra girar. Depois os homens aprenderam a usar a força da água para fazer a pedra girar. Mas para usar a força da água há de haver cachoeiras. Os homens que moravam em lugares onde não havia cachoeiras pensaram, então, que a força da água poderia ser substituída pela força do vento. Essa pedra que a água ou o vento faz girar tem o nome de “mó”. Ainda hoje mós podem ser vistas como enfeites de jardins, em sítios do interior. E a máquina que faz girar a mó se chama “moinho”. Vocês devem se lembrar dos moinhos de vento da Holanda e dos moinhos de vento que D. Quixote atacou, pensando que fossem gigantes!

Finalmente, depois de todo esse trabalho, temos o grão duro do milho transformado em farinha. Orgulhoso, o moleiro (é assim que era chamado o dono do moinho) toma o produto da sua moderníssima máquina e leva-o para sua mulher. Ela queria tanto fazer um bolo! Ela vai ficar feliz! Mas, ao examinar a farinha, ela fica infeliz. A farinha está cheia de pedaços de grãos, e mesmo grãos inteiros que escaparam da ação da mó. Com essa farinha ela não vai poder fazer o bolo delicioso que havia imaginado! E aí, para evitar a enorme trabalheira de ir separando os grãos, um a um, manualmente, alguém pensou numa peneira. Com uma peneira na mão, a mulher sorri. Derrama nela a farinha, mexe a peneira num sentido e no outro, a farinha não segue o movimento da peneira, fica pra trás quando a peneira vai pra frente, vai pra frente quando a peneira vai pra trás... – e nesse escorregar para trás e para frente a farinha vai

passando pelos buracos da peneira e caindo numa bacia. Os fragmentos e grãos de milho indesejáveis não passam e ficam dentro da peneira, ficando assim separados da farinha fina. Por que a farinha não segue o movimento da peneira? Quem inventou a peneira já sabia que era assim que acontecia. Milhares de anos depois os cientistas descobriram o que o inventor da peneira já sabia, e deram a isso o nome de “lei da inércia”. Quando os passageiros de pé, num ônibus, são jogados para trás quando o motorista acelera, está acontecendo com eles a mesma coisa que acontece com a farinha na peneira...

PARA PENSAR


As invenções servem para a gente fazer menos força. Faça uma lista de invenções que ajudam a nossa preguiça...


Haverá alguma invenção que é para pôr fim à nossa preguiça?


Lembra-se da conversa entre o principezinho e o vendedor de pílulas contra a sede? Se você estivesse com eles, o que você diria?



A Criança Eterna acompanha-me sempre. A direção do meu olhar é o seu dedo apontando. O meu ouvido atento alegremente a todos os sons são as cócegas que ele me faz, brincando nas orelhas.

Alberto Caeiro

SÓ QUERO UM PRESENTE

Minhas netas: No dia 15 de setembro o vô vai ficar mais velho. Bobagem, porque a gente envelhece o tempo todo; o tempo não para; é como o rio. Só que a gente não percebe. Mas aí chega um dia que faz a gente parar e prestar atenção: o dia do aniversário. No dia do aniversário a gente diz: “Passou mais um ano da minha vida”. É o dia quando os números mudam. Quando me perguntam: “Qual é a sua idade?”, eu respondo: “69”. Mas depois do dia 15 a resposta será “70”.

Vocês crianças, quando pensam em aniversário, dão risada e ficam felizes. Aniversário é dia de festa e presentes. Toda criança quer que o tempo passe depressa para ficar mais velha, deixar de ser criança e ficar adulta. As crianças acham que ser criança é coisa ruim, porque crianças não são donas do seu nariz, não fazem o que querem. Bom mesmo é ser grande. Os grandes fazem o que querem e não precisam pedir permissão. Criança é passarinho sem asas. Adulto é passarinho com asas: voa bem alto e vai aonde a criança não pode ir. No dia do aniversário, as crianças olham para frente: imaginam que está chegando o dia quando elas terão asas e poderão voar.

Os grandes, no dia do aniversário, olham para trás. Eles têm saudades do tempo em que eram crianças. É só depois que a gente deixa de ser criança que a gente descobre que ser criança é muito bom.

Explico de outro jeito. Imaginem que vocês vão fazer uma viagem. A felicidade da viagem começa antes da viagem. A gente examina mapas, lê artigos sobre os lugares que vão ser visitados, conversa com amigos que já foram, olha fotografias. E só de imaginar fica feliz.

Depois de feita a viagem, é diferente. A felicidade ficou para trás. Só resta ver as fotos e conversar...

Criança é quem ainda não viajou e fica feliz imaginando a viagem. Viagem imaginada é sempre feliz. Adulto é quem já viajou e fica feliz olhando as fotos da viagem.

Foi por isso que resolvi mexer numa caixa de fotografias velhas – fotografias do tempo em que eu era menino. Foi o tempo mais feliz da minha vida. Caí muitas vezes, cortei o pé com cacos de vidro (eu andava sempre descalço), me espetei com espinhos e pregos, cortei a mão com faca e serrote, fiquei doente, tive dor de dente, me queimei (eu vivia correndo; entrei correndo na cozinha e dei uma topada com a cozinheira que carregava uma panela de água fervente. A panela virou, a água fervente entornou no meu braço e no meu peito; doeu muito; fiquei todo empolado), martelei o dedo, fui picado por marimbondos e abelhas, pus a mão em taturanas, caí de árvores, senti muita dor. Mas as dores passavam logo. E a alegria voltava. Fui um menino sempre alegre. Tudo no mundo me encantava. Menino, eu não imaginava que, um dia, eu seria velho...

Pois esse dia chegou. Meu aniversário me diz que agora sou velho. Ser velho tem vantagens. Uma delas é ser avô. Se eu fosse jovem não seria avô, não teria netas. E não estaria escrevendo agora pensando em vocês – porque vocês não existiriam. Houve um tempo em que vocês não existiam. Vocês só existem porque eu deixei de ser criança e fiquei velho. Vocês são, para mim, um motivo de alegria.

Acho divertido ver fotografias. Quando eu era menino, no sobradão do meu avô – um sobradão colonial, parecido com aqueles sobradões de Ouro Preto e Parati – havia um enorme armário amarelo (vejam só, que ideia: pintar um armário de amarelo!) em cuja gaveta estavam guardados dois álbuns de fotografias. Eu gostava de ver aqueles álbuns. As capas eram artísticas. Uma, de madeira entalhada, a outra, de veludo vermelho e letras douradas. E havia

linguetas rendilhadas de metal para fechá-los. Dentro, fotografias de homens sérios, de colarinho duro, gravata-borboleta, bigodes engomados torcidos para cima. As mulheres, todas com birotes, tranças ou cachos, e vestidos rendados até o pescoço, com camafeus pendurados. Ninguém ria. Todo mundo era sério. Riso, para eles, era sinal de criancice. Adulto não ri. E não fotografavam cenários. Só mereciam estar no álbum os rostos empalhados das pessoas importantes. Mas o sobradão pegou fogo e as fotos daquelas pessoas sérias viraram cinza e fumaça. Tudo o que é sério vira cinza e fumaça... O tempo é rio, o tempo é fogo: assim dizia um sábio muito antigo chamado Heráclito.

Naquele tempo era complicado tirar um retrato. Não havia essas câmeras inteligentes que hoje todo mundo tem e que tiram uma foto bastando, para isso, apertar um botão. Eram necessários longos preparativos com equipamentos trambolhosos e explosivos. Mas as fotografias que estou vendo são de tempos mais modernos. Ainda não havia fotografias coloridas, mas as pessoas já tinham permissão para sorrir e ser naturais. Numa dessas fotos eu estou nenê de quatro meses, de bruços, sobre uma almofada. Dessa almofada eu me lembro... Não sei por que mas essa foto me dá uma pitada de vergonha... Imaginem: eu já fui nenê! Duas outras, eu deveria ter uns dois anos: numa, concentrado, olhando um livro. Na outra, segurando uma gaiola vazia. Depois de adulto voltei à casa onde nasci. Ainda está lá, conservada e cuidada. Fotografei. E fotografei também o quarto onde nasci. Como vocês devem saber, naqueles tempos as crianças nasciam em casa, e quem fazia o parto era uma mulher prática chamada parteira. Lá, naquele quarto, câmera fotográfica na mão, eu pensei: “Foi aqui que entrei no mundo...”. Aí, há um longo período sem fotografias. Foram os anos quando meu pai, seu avô, ficou pobre. Fotografia custa dinheiro, é coisa de rico. Nos anos de pobreza a gente gasta o que é essencial: comida, roupa, remédio. Uma fotografia quer dizer: melhorou de vida. Melhoramos de vida. Mudamos para o Rio de Janeiro. E lá está uma foto minha: 12 anos, calça curta, assentado numa mureta de pedra, na Praia Vermelha. Essa praia me traz muitas memórias gostosas. Era próxima da casa

onde eu morava e se encontra numa baía que tem, à sua esquerda, o morro da Urca e o Pão de Açúcar. Foi aí que aprendi a nadar.

Aí, no meio das minhas fotos, três outras, de seus pais e sua tia. Também eles foram meninos. Numa delas o Sérgio, seis anos, está empinando uma pipa. Na segunda, o Marcos, dois anos, está soprando uma bolha de sabão. Na terceira, a Raquel – um ano – está dormindo.

No dia do meu aniversário os números vão mudar, como mudam no hodômetro, aquele aparelhinho no painel do carro que marca a quilometragem. Está lá “69” e aí, de repente, o “9” dá um pulo e aparece “70”. Esse é um jeito de marcar o tempo, contando os números.

Jeito bobo. Os números não dizem nada. Há um verso sagrado que diz: “Ensina-me a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos corações sábios”. Muita gente envelhece sem ficar sábio. O que é um sábio? Sábio não é quem sabe muito. Sábio é quem come a vida como se ela fosse um fruto saboroso. O sábio presta atenção nos prazeres e alegrias de cada momento. E o que dá prazer e alegria não são coisas grandes, festas com bolo, bexigas e presentes. O que dá alegria são coisas pequenas. Por exemplo: brincar com um cachorrinho. Balançar num balanço. Andar na água fria de um riachinho. Ver um ipê florido. Ler um livro. Armar um quebra-cabeça. Ver fotografias antigas.

Não quero presentes comprados. Não preciso de nada. Um presente que vocês, minhas netas, e os meus filhos poderiam me dar é simples: ler as coisas que eu escrevo. Cada coisa que eu escrevo – quero que cada uma delas seja gostosa como um morango vermelho... Escrevo para dar felicidade. Quero que vocês sejam felizes.

PARA PENSAR

Houve um filósofo que viveu há muitos séculos, na Grécia, chamado Heráclito, que dizia que o tempo é como um rio. “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”, ele afirmava. O que é que você acha disso? Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio?



Como as águas de um rio que nunca para, o tempo também não para. As coisas vão ficando para trás. Quantas coisas na minha vida e na vida de vocês já ficaram para trás!

Deixaram de existir. Agora só existem na memória. A memória se parece com uma máquina fotográfica. Nela estão guardadas as coisas que já existiram e não existem mais. Mas a memória é fraca. Esquece. Fotografamos os momentos felizes para não nos esquecermos deles. Ver fotografia é voltar ao passado, reviver momentos felizes. Ao tirar uma fotografia a gente deveria perguntar: Que momento feliz eu estou guardando para o futuro? Na sua casa deve haver muitas fotografias de momentos felizes que aconteceram antes de vocês nascerem. Por exemplo, fotografias de seu pai ou de sua mãe quando eles eram crianças. Peça para seu pai ou sua mãe lhes contar a felicidade dos momentos quando eles eram crianças.

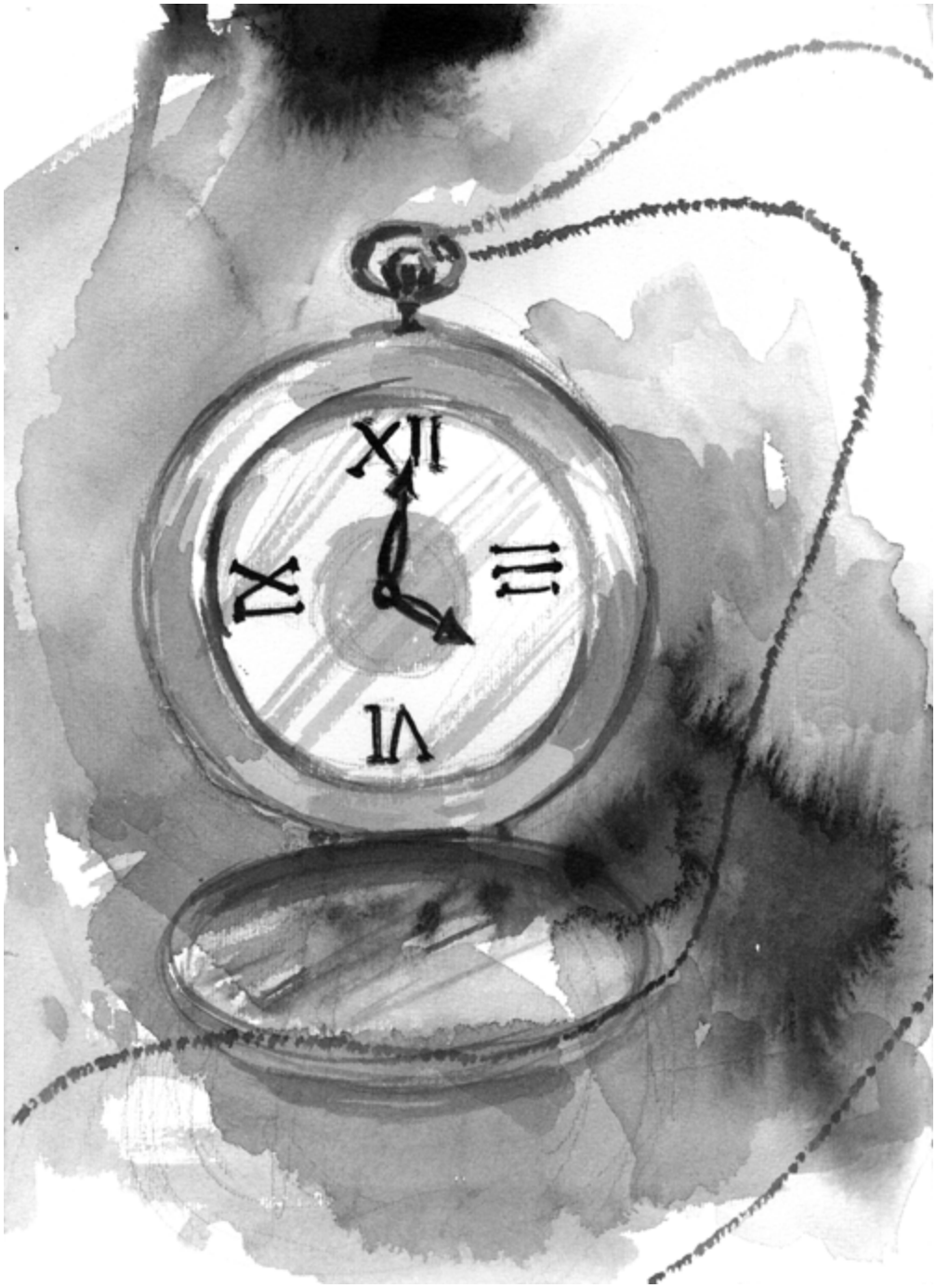


Das fotos em que você aparece, quais são aquelas que lhe dão mais felicidade? Faça um álbum com elas.



Sei de uma escola numa pequena cidade em que professores e crianças desenvolvem um programa bonito: convidam pessoas velhas para lhes contar histórias dos tempos antigos.

E, ao mesmo tempo, as crianças ensinam aos velhos coisas de agora. Por exemplo, a usar o computador, a navegar pela Internet. Frequentemente os velhos sofrem de grande solidão; vão ficando surdos, não ouvem direito e não estão a par das coisas que estão acontecendo hoje. As crianças poderiam trazer alegria e vida nova a esses velhos. Dentro de cada velho ainda mora uma criança.



Não há império que valha que por ele se parta uma boneca de uma criança.

Bernardo Soares

RELÓGIOS

Minhas netas: O lugar onde vivi quando criança se chamava “roça”. Vocês não sabem o que é “roça” porque roça quase que não mais existe. Não é fazenda. As fazendas de hoje não são “roça”. São um pedaço de cidade transportado para o campo. Nelas tem tudo o que as casas da cidade têm: telefone, geladeira, micro-ondas, ar-condicionado, carro importado na garagem, relógios de quartzo na parede. Nas fazendas, hoje, as pessoas não se assentam do lado de fora para contemplar o céu. Elas se assentam diante da televisão para ver as novelas.

O que é “roça”? “Roça” era um lugar onde não se usavam relógios. Na cidade, quando se quer saber as horas, consulta-se o relógio. Toca o despertador, são 6 horas da manhã. O despertador diz que é hora de levantar. Mas o relógio do corpo discorda. Diz que ainda é hora de dormir. O relógio do corpo e o despertador não estão de acordo. A quem a gente é obrigado a obedecer, contra a vontade do corpo? Ao despertador. A gente levanta com raiva, mal-humorado, por ser obrigado a fazer aquilo que o corpo não quer. São 7 horas, hora em que passa o ônibus da escola. É preciso estar no ponto para não perder o ônibus. São 7h30. No horário da escola... Preste atenção nessa palavra: “horário”. “Horário” é um programa para o corpo e para a cabeça, determinado por alguém que não nos consultou... Toca a campainha na escola. O horário diz que é hora de parar de pensar os pensamentos que vinha pensando e começar a pensar os pensamentos de ciências. O pensamento protesta porque ele está pensando

uma outra coisa muito mais importante para a vida que ciências. Mas o pensamento não tem escolha: o professor começa a falar em ciências. O horário me dá uma ordem: pare todos os pensamentos; pense só os pensamentos de ciências. Se eu continuar a pensar os pensamentos que vinha pensando vou ficar distraído, olhar perdido, e o professor vai me repreender. Pode ser que até ele me envie para o psicólogo... Mas meu corpo está dizendo: não consigo pensar em ciências. Sua cabeça não tem lugar para ciência. Que lhe importa saber uma fórmula de física ou uma equação de química? Força é igual a massa vezes aceleração. Ácidos, bases e sais. Mas no tempo vivo, tempo marcado pelo corpo, tempo que não se marca em minutos e horas, sua cabeça está cheia com a briga do seu pai e da sua mãe, na véspera. As coisas que eles disseram um para o outro foram muito feias. O relógio de ponteiro e tique-taque diz que a briga aconteceu num tempo que já acabou. Mas no relógio do seu corpo, onde o que vale são as batidas do coração, o tempo da briga não passou. A briga continua acontecendo. Você está muito triste e com medo. Você gostaria mesmo era de conversar com alguém para desabafar. Mas, infelizmente, o horário da escola não prevê uma hora para esse tipo de conversa. Ele diz que é hora de pensar ciências.

Eu, seu avô, gosto muito de um pensador francês chamado Roland Barthes, um dos homens mais sensíveis e inteligentes que conheci – por meio dos livros. Pois ele escreveu um ensaio (ensaio é um texto curto, sem pretensões científicas, que é escrito só para provocar o pensamento de quem lê) sobre a preguiça. Preguiça, coisa mais feia. A Igreja dizia que era um dos pecados capitais. Vocês sabem o que é pecado? Não? Nem eu. Pecado é uma palavra-morcego que perturba a beleza da alma. Caso isso não lhes tenha sido ensinado na escola, na aula de gramática, aprendam: há palavras-morcego, palavras-sabiá, palavras-martelo, palavras-

camaleão. Será que vocês são capazes de adivinhar algumas dessas palavras? Voltando à preguiça. Barthes disse que há dois tipos de preguiça. A primeira é a preguiça gostosa que se sente depois de comer bem – barriga cheia, vem um sono, e o corpo bate horas: é hora de dormir na rede. Ai, que delícia! É o céu! A segunda preguiça é uma preguiça diferente, infeliz. Ela existe, segundo Barthes, principalmente por causa da escola. Porque o horário da escola diz e obriga: é hora de estudar para a prova de história. Mas o corpo diz uma outra hora: é hora de ler *Harry Potter e a pedra filosofal*. História cai no vestibular. Harry Potter não cai no vestibular. Existe, então, uma briga entre a hora da escola e a hora do corpo. E como o corpo da criança e do adolescente é mais fraco que o horário da escola, o corpo vai se arrastando, devagar, sem querer ir: é a preguiça infeliz.

Na roça relógio não tem serventia. Na roça não é preciso relógio. Meu pai tinha um relógio de ouro, dos tempos em que ele era rico e morava na cidade. Ter um relógio de ouro era chique. Relógio era coisa rara, cara, só as pessoas importantes tinham relógio. Ele carregava o relógio no bolsinho da calça. Naquele tempo as calças tinham um bolsinho de colocar relógios. E o amarrava com uma correntinha na alça do cinto. Olhando para um homem, vendo a correntinha, já se concluía: “Ele tem relógio!”. Mas na roça o relógio não servia para nada. Virou objeto de decoração. Ficava dependurado num prego de um portal. Naqueles tempos, um relógio exigia cuidados diários. Era feito doença crônica. Doença crônica é doença que não tem cura e que precisa de remédio, na hora certa, para a pessoa continuar viva. Eu não tinha pensado nisso: “crônico” vem da palavra grega *chronos*, que quer dizer tempo. Daí a palavra “cronômetro”: máquina de medir o tempo. Diabetes é doença crônica. Se se tomar o remédio todo dia, ela não mata. O corpo continua a

viver. Mas, se não for cuidada, mata. Pois o relógio do meu pai era feito doença crônica: todo dia ele precisava de um remédio, para não parar. O remédio se chamava “corda”. Todo dia era preciso dar corda no relógio. Os relógios de hoje não são movidos a corda. São movidos a pilha. Pilha é uma coisinha cheia de energia elétrica engarrafada que se compra em lojas. A gente põe a pilha no relógio e a energia que está dentro dela vai fazendo o relógio andar. À medida que o relógio anda a energia vai sendo gasta, até que ela sai toda, a garrafa fica vazia e é preciso trocar a pilha. A “corda” era uma forma antiga de armazenar energia. Só que não era a energia elétrica que era armazenada. Era a energia do dedo, mecânica. O dedo polegar e o indicador agarravam um botão redondo que havia nos relógios, rodavam o dito botão para frente e para trás, movimento que ia enrolando uma espiral de metal que havia dentro do relógio, até que ficasse toda enrolada. Era essa espiral que tinha o nome de “corda”. À medida que o relógio ia funcionando, a corda ia desenrolando e ficando frouxa. Era, então, preciso “dar corda” de novo. Se se esquecia de dar corda, o relógio parava. As cordas eram também usadas nas vitrolas, que eram as bisavós dos aparelhos de som que temos hoje. Uma vitrola era uma caixa com uma manivela, um prato redondo e uma corneta grande, por onde o som saía. O disco ficava no prato redondo. Para fazer o prato rodar era preciso “dar corda” na vitrola. Quando a corda ia ficando frouxa o disco começava a rodar devagar e a música saía como se os cantores estivessem bêbados, cantando grosso e devagar.

Meu pai dava corda no relógio de dó. Queria que ele, o relógio, não morresse. Que ele continuasse a tiquetaquear, na ilusão de que marcava as horas. Mas a roça é o lugar onde os relógios não marcam a hora. Quem marca a hora é a natureza. Na roça, para saber que horas são, não se olha para o relógio: olha-se para as sombras no chão, para o voo dos pássaros,

para a floração das árvores, para a fome no estômago, para o sono nos olhos... Consulta-se o relógio do corpo e obedece-se ao que o corpo diz. Vejam esses versos da Cecília Meireles. Sem consultar relógios, ela sabia que horas eram...

> Esse odor da tarde, quando começa o cansaço dos homens.
> Quando os pássaros têm uma voz mais longa, já de despedida.
> Declina o sol – essa é a notícia que a terra sente, na floresta, no arroio...
> Uma nova brisa percorre a murta e resvala na relva...

Cecília está dizendo que horas são. Ela não consulta o relógio. Ela não diz “são seis horas”. Falar “seis horas” não diz nada. Diz só um mostrador de relógio. Para dizer as horas, ela se põe a pintar o que ela vê na natureza. Diz que a tarde tem um perfume, um odor especial. Ela sente a hora com o nariz. “Uma nova brisa percorre a murta...”. As murtas são arbustos de folhas pequenas e flores brancas, muito perfumadas, parecidas com as flores de laranjeira. Quando a brisa percorre a murta, o ar fica perfumado. A natureza marca as horas com perfumes. Quando as “damas-da-noite” acordam, abrem-se e soltam seu perfume, sabe-se que é noite. Não é preciso consultar o relógio. Quando a tarde chega, a natureza fica diferente. É a diferença da natureza que diz as horas. O voo dos pássaros, de manhã, é completamente diferente do voo dos pássaros, ao anoitecer. Um outro escritor que amo, Albert Camus, contemplando o voo dos pássaros ao final do dia, escreveu o seguinte: “Se durante o dia o voo dos pássaros parece sempre sem destino, ao cair da noite dir-se-ia reencontrar sempre uma finalidade. Voam para alguma coisa...”. Com certeza vocês já observaram isto: durante o dia os pássaros voam adoidados, em todas as direções. Eles estão à cata de bichinhos. Mas, ao anoitecer, o voo dos

pássaros se parece com flechas. Não é mais hora de catar bichinhos. É hora de voltar para casa.

Se os ipês estão roxos, amarelos e brancos, sabe-se que é inverno. Se os *flamboyants* estão vermelhos, sabe-se que o verão está próximo. Se o capim-gordura está florido e os campos estão cor-de-rosa, sabe-se que é agosto. As cores das flores dizem as estações. Se os galos desatam em cantoria – canta um aqui, retruca outro lá longe, contesta um outro mais longe ainda – é que a noite está terminando. Se as galinhas, que ciscaram o dia inteiro, param de ciscar, voltam para o galinheiro e começam a esticar os pescoços na direção dos poleiros, é que a noite está chegando. Se o corpo ficou com fome, é hora de comer. Se ficou com sono, é hora de dormir. Se o corpo ficou cansado, é hora de parar de trabalhar.

O relógio é o símbolo da nossa escravidão ao tempo urbano, ao tempo do "horário" que a cidade-máquina determinou. Pois a cidade é uma grande máquina que, para funcionar, todas as partes têm de estar sincronizadas. Com um relógio no pulso, nós mesmos nos transformamos numa peça da grande máquina cuja vontade é mais forte que a vontade do corpo. Antigamente, quando os relógios eram coisa rara, as fábricas apitavam de manhã, para acordar os operários. O apito das fábricas punha um fim ao tempo do corpo, ao tempo do sono. Os relógios são miniaturas dos apitos das fábricas. São símbolos de que já não somos seres da natureza. Já não sabemos o tempo pelos perfumes, pelo voo dos pássaros, pelas florações das árvores... Que pena isto – havermos perdido contato com a pulsação da vida e havermos nos transformado em engrenagens de uma máquina morta...

PARA PENSAR



Há uma infinidade de maneiras de marcar o tempo. Eu tenho um relógio solar que os peregrinos a Santiago de Compostela usavam pendurado ao pescoço, como colar, para marcar as horas da sua caminhada. Sei de um anel que se usava para marcar o tempo. Na parte interna do anel há traços indicando as horas. E, num certo lugar do anel, há um furo pelo qual a luz do sol passava. O traço da parte interna do anel iluminado pelo raio de sol que passava pelo furo era a hora. Contaram-me que esse relógio de sol foi o presente de um príncipe para sua namorada, para que ela não chegasse atrasada aos encontros. Que romântico!



Imagine: qual foi a necessidade que fez com que as pessoas começassem a marcar as horas? Não será possível viver sem relógios? O que aconteceria se os relógios fossem abolidos?



Você e sua classe poderiam fazer uma pesquisa sobre a história dos relógios. Em livros de arte frequentemente aparecem os mais variados aparelhos para medir o tempo.



Uma das formas mais simples de medir o tempo é fincando uma vareta no chão. Como é que uma vareta fincada no chão pode dizer que horas são?



Uma das coisas boas das férias é que nelas os relógios podem ser esquecidos...



... tendo as crianças por nossas mestras e os olhos cheios de natureza...

Ricardo Reis



Minhas netas: Vamos brincar de faz de conta. Vamos fazer de conta que eu sou o professor, vocês são minhas alunas, e eu lhes passo uma lição de casa: fazer uma redação sobre o ovo. O que vocês escreveriam? Se eu fosse uma de vocês, acho que minha redação seria mais ou menos assim:

O OVO

Os ovos são comprados em supermercados e guardados em geladeiras. Eles vêm em caixinhas de papelão, algumas com 6, outras com 12 ovos. Todos os ovos têm a mesma forma, a forma oval. Eles se compõem de três partes: a casca, a gema amarela e a clara transparente. Os ovos são distinguidos pela cor da casca: há os ovos de casca branca e os ovos de casca parda. Os ovos são muito úteis na cozinha e podem ser comidos crus, quentes, cozidos ou fritos. Em misturas, eles são usados para fazer ovos mexidos, omeletas, bolos e pães. E há também os doces: fios de ovos, papo de anjo. E mesmo licores. Para serem usados, é preciso quebrar a casca, o que exige uma certa prática. Não se quebrando a casca do jeito certo, o ovo arrebenta e a mão fica toda lambuzada com a mistura de gema e clara. Os ovos precisam ser tratados com muito cuidado, por causa de sua fragilidade. De uma pessoa cheia de cuidados usa-se dizer: “Está andando sobre ovos”. Se ficam guardados durante muito tempo fora da geladeira, os ovos apodrecem e fedem muito se quebrados. Por essa razão, eles são frequentemente usados por cidadãos descontentes que os jogam nos políticos que os enganaram. Não sei se a palavra “ovacionar” vem desse costume. Li num livro de ciências que os ovos saem de dentro das galinhas. Eu acredito porque está escrito no livro. Mas eu nunca vi uma galinha botando um ovo. Li também no mesmo livro de ciências que os ovos, se aquecidos a uma temperatura determinada durante 21 dias, produzem pintinhos, que são os filhinhos amarelos das galinhas. Meu pai me disse que os ovos constituem um problema filosófico impossível de ser resolvido. “O que foi que veio primeiro: o ovo ou a galinha?”. Se dissermos que foi o ovo que veio primeiro, fica a pergunta: onde

estava a galinha que o botou? Se dissermos que foi a galinha que veio primeiro, fica a pergunta: e onde estava o ovo de onde ela teria de ter saído como pintinho?

Essa é uma redação que escrevi de brincadeira, para contar a vocês a minha experiência com os ovos, quando eu era pequeno, na roça. Os ovos que conheci são muito diferentes dos ovos que vocês conhecem. As pessoas da cidade, quando pensam em ovos, pensam nas comidas que podem ser feitas com eles. Pensam do ovo para frente... Eu pensava do ovo para trás. O que me fascinava era o nascimento dos ovos. Na roça os ovos não se compravam em supermercados. Eles eram encontrados e colhidos em ninhos. Que coisa mágica é um ninho! Encontrar um ninho escondido no meio do mato, cheio de ovos, é uma experiência de grande felicidade, inesquecível! Gaston Bachelard: não se assustem com esse nome complicado. Foi um homem maravilhoso, que escreveu coisas incríveis. Espero que vocês, um dia, tenham a alegria de viajar pelo mundo encantado que se encontra nos seus livros, muito mais fantástico que o mundo do Harry Potter. O mundo do Harry Potter, a gente sabe que nunca existiu. Mas Bachelard mostra um mundo maravilhoso, mágico, encantado, no meio do mundo real em que vivemos. Para ele, uma experiência mágica é encontrar um ninho com uma passarinha a chocar seus ovos, num arbusto do jardim. Para mim, cinco anos, não havia nada que se comparasse em fascínio a uma galinha botando um ovo. Ela, deitada no ninho, esforçando-se para botar seu ovo diário. Eu, atrás, agachado, observava atentamente o seu fiofó que pulsava, abrindo e fechando, até que o ovo aparecia. Eu cutucava o ovo com a ponta do dedo. Saído o ovo, a galinha se levantava, observava sua obra e saía pelo quintal, cacarejando em altos brados o seu feito.

Como as galinhas são animais inteligentes! Inteligentes, as galinhas? Que nada. Galinhas são animais estúpidos. Inteligentes são os golfinhos, as focas, os cães, os cavalos, os elefantes, os ursos. Tanto que são animais de circo. Mas eu nunca soube de uma galinha que fosse artista de circo.

A burrice das galinhas se revela num fato muito simples: toda vez que um carro delas se aproxima, numa estrada, elas atravessam a estrada correndo e gritando espavoridas. Nunca aprendem que é mais seguro ficar onde estavam. A despeito disso, eu insisto: as galinhas são inteligentes. Como é que a gente identifica a presença da inteligência? É simples. Uma amiga, sabendo que gosto de brinquedos, me deu um carrinho feito com uma lata de sardinha e rodas cortadas de uma sandália havaiana. Quando vi o carrinho, percebi logo que ele fora feito por um menino pobre. Menino rico não faria carro com lata de sardinha. Compraria um carrinho na loja. O dinheiro faz mal à inteligência. E percebi mais: aquele menino, que eu não conhecia, era um menino inteligente. Por que concluí que ele era inteligente? Porque o carrinho que ele havia feito era um objeto muito inteligente. Há objetos que são inteligentes, como há objetos que são muito estúpidos. Sempre que tivermos na mão um objeto inteligente – um livro, um brinquedo, uma máquina, uma escultura –, podemos concluir: “Foi feito por uma pessoa inteligente”.

E agora eu pergunto a vocês: pode haver uma coisa mais inteligente que o ovo? Se o ovo é um objeto inteligente, temos que concluir que a galinha que fez e botou o ovo é inteligente. Todas as aves do mundo botam ovos. Botam ovos porque, mesmo antes de botarem um ovo, já mora nelas a ideia inteligentíssima do ovo. As aves já nascem com essa ideia. Temos, então, que concluir que dentro da galinha, tal como acontece com todas as aves, mora a ideia inteligentíssima do ovo. Mora onde? Não mora na cabeça da galinha, que é estúpida. Mora no corpo da galinha, sem

que a cabeça saiba disso. As galinhas são estúpidas com a cabeça e inteligentíssimas com o corpo. Existe também o contrário, entre os humanos: pessoas que são inteligentíssimas com a cabeça e totalmente estúpidas com o corpo.

O corpo da galinha sabe muito de geometria. Foi o ovo que me contou. Porque o ovo é um objeto geométrico construído segundo rigorosas relações matemáticas. A galinha nada sabe sobre geometria, na cabeça. Mas o corpo dela sabe. Prova disso é que ela bota esses assombros geométricos.

Sabe muito também sobre anatomia. O ovo não é uma esfera. Ele tem uma parte mais grossa e uma parte mais fina. Há uma razão físico-anatômica para isso. É a mesma razão por que os pregos têm uma ponta fina: para entrar melhor no buraco. Você já enfiou uma linha no buraco de uma agulha? Primeiro é preciso afinar a ponta da linha com saliva e dedo. É a ponta afinada da linha que entra no buraco da agulha. Depois que a ponta fina passa pelo buraco, é fácil puxar a linha, fazendo passar a parte grossa. Pois o ovo tem de ter uma ponta fina para facilitar sua passagem pelo fiofó da galinha. Se não tivesse a ponta fina, ia ser mais difícil, ia doer mais...

O corpo das galinhas é também um grande conhecedor de arquitetura. A forma do ovo dá resistência máxima a seus frágeis materiais. Se o ovo fosse chato, ele se quebraria quando a galinha se deitasse sobre ele, para chocar os pintinhos. Quando eu era pequeno, eu e meus amigos brincávamos de pegar um ovo, ponta fina na palma da mão, ponta grossa contra os dedos pai de todos e seu-vizinho (espero que vocês tenham aprendido o nome dos dedos: minguinho, seu-vizinho, pai de todos, fura-bolo, mata-piolho) e apertar. Pois o ovo não quebrava. Mas não vá fazer essa experiência com esses ovos brancos, de granja. São ovos

degenerados. Esses ovos se quebram só de olhar. A forma do ovo faz com que as forças que sobre ele se exercem não o quebrem. É o mesmo princípio que os arquitetos usam para fazer arcos de janela, de portas e abóbadas gigantescas das catedrais em estilo românico, antes do concreto e do ferro. Se vocês não sabem o que é o estilo românico, perguntem a seu professor de história. Aquilo que os arquitetos aprenderam depois de muito pensar, o corpo das galinhas sabe por nascimento, sem precisar pensar.

Mas há ainda um outro assombro: a casca do ovo não pode ser muito mole porque, se fosse, o ovo se quebraria quando a galinha pisasse nele. A casca tem de ser dura o suficiente para suportar o peso da galinha, sem quebrar. Mas a casca também não pode ser muito dura. Como vocês sabem, as galinhas “chocam” os ovos. Deitam-se sobre eles por 21 dias para, com seu calor, realizar a transformação da gema em pintinho. Quem foi que ensinou isso para a galinha? Ninguém. O corpo dela nasceu sabendo. A ideia já está lá. Ao cabo de 21 dias, os pintinhos estão prontos para sair. Para isso eles têm de quebrar a casca do ovo com o bico. Ora, se a casca do ovo fosse muito dura, o pintinho não conseguiria furá-la e morreria. Como é que a galinha faz esse complicado cálculo físico de resistência de materiais, casca nem muito mole, nem muito dura? Não sei. Só sei que ela sabe. Há um saber no seu corpo que faz cálculos engenhariais exatos.

Nosso corpo é assim: ele sabe muitas coisas que nossa cabeça não sabe. Se dependêssemos, para viver, dos conhecimentos que temos em nossa cabeça, há muito teríamos desaparecido da Terra. O corpo é muito sábio. Acham que estou doido? Vocês já ouviram falar em Guimarães Rosa, o escritor? Pois ele disse: “O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende...”. Com o que Nietzsche, o filósofo que mais

amo, concorda: “Há mais razão no seu corpo que na sua melhor sabedoria...”.

Os gregos antigos, filósofos, diziam que a gente começa a pensar quando fica abobalhada diante de um fato corriqueiro. Haverá coisa mais corriqueira que um ovo? Pois o ovo me faz pensar...

PARA PENSAR



Eu disse que as galinhas são estúpidas na cabeça e inteligentes no corpo, pois é com a inteligência do corpo que elas fazem os ovos. Será que isso vale também para nós? Será que temos uma inteligência com a cabeça e uma inteligência com o corpo? Converse com seu professor de biologia sobre a inteligência do corpo.



E as plantas? Terão uma inteligência no corpo (raízes, tronco, galhos, folhas são o corpo das plantas...)? Se não têm uma inteligência no corpo, como é que elas são capazes de se reproduzir, produzir flores, frutos, perfumes, cores? Essas coisas não são produtos de inteligência?



A partir desses exemplos, sugira o que é inteligência.



As pessoas de boa memória serão, por isso, inteligentes? Muitas pessoas débeis mentais têm memórias prodigiosas. Sobre isso o médico-neurologista Oliver Sacks escreveu coisas interessantíssimas. Guarde esse nome.



Sigmund Freud foi um cientista extraordinário, fundador da psicanálise. Segundo a psicanálise, a mente humana se parece com um lago. Um lago tem uma superfície que todos podem ver. Mas há profundidades muito maiores que a superfície, que não podem ser vistas. Nas profundezas invisíveis vivem muitos seres surpreendentes, alguns lindos, outros muito feios. Há uma inteligência de superfície e há uma inteligência de profundezas... Os poetas e artistas sabem que sua arte é gerada pela inteligência das profundezas.



O fresco olhar da criança é mais transcendente que o pressentimento do mais resoluto dos visionários.

Novalis

O VAZIO

Minhas netas: Hoje quero que vocês me respondam a uma pergunta: o que é que vale mais: o cheio ou o vazio? Ah! Pergunta boba! Todo mundo sabe que o cheio vale mais que o vazio. Quem gostaria de receber uma caixa vazia como presente de aniversário? O que a gente quer é uma caixa cheia. É o cheio que vale. Tanto é assim, que o cheio custa dinheiro. Mas o vazio não custa nada. Ninguém compra o vazio.

Parece óbvio que o cheio vale mais que o vazio... Mas será mesmo? É gostoso comprar uma sandália nova. Mas uma sandália é para a gente pôr os pés dentro dela. Mas para pôr os pés dentro dela é preciso que o "dentro dela" esteja vazio. Se o "dentro dela" estiver cheio, o pé não entra. É o vazio da sandália que a torna útil. Vocês gostam de refrigerante. Querem pôr o refrigerante no copo. Mas para pôr o refrigerante no copo é preciso que o copo esteja vazio. Um copo é um vazio cercado de vidro por todos os lados, menos o de cima. Aí vocês dão uma risadinha e dizem: "Nós não precisamos de copo. Usamos um canudinho de plástico...". Mas o canudinho só funciona se estiver vazio. É preciso que ele esteja vazio para que o refrigerante passe por dentro dele quando vocês chupam. Na escola o professor já lhes explicou como são os pulmões? Eles se parecem com uma esponja: são cheios de buraquinhos vazios. Os buraquinhos têm de estar vazios para que o ar entre neles. Coisa ruim é quando, resfriados, os pulmões ficam "cheios". Pulmão cheio não deixa respirar. Coisa gostosa é andar de bicicleta. A gente pedala, as rodas rodam, e lá vamos

nós, sentindo o ventinho fresco no rosto. Mas as rodas, para girarem, precisam ter um buraco no meio. É nesse buraco que entra o eixo. É o vazio no centro da roda que a torna útil. Vocês gostam de bolo. Eu também. Para fazer um bolo a gente procura a receita num livro de receitas. A primeira coisa que aparece numa receita são os “ingredientes”: farinha, ovos, açúcar, manteiga, leite e outras coisas. Mas eu nunca vi, em livro de receitas, explicado que se não misturar uma pitada de vazio com os ingredientes, o bolo não fica bom. Fica “embatumado”, pesado, ruim. É o vazio que faz o bolo ficar fofinho e leve. O fofo é o vazio... Aí vocês me perguntam: “Mas como faz para misturar o vazio na massa do bolo?”. É simples. É para isso que se batem as claras dos ovos. As claras, sem bater, são só o “cheio”. Mas, depois de batidas, estão cheias de vazio. Vocês sabem bater claras? É divertido. A gente pega um garfo e vai enrolando a clara com movimentos circulares rápidos. Para quê? Para pescar vazio. Depois de batidas as claras, olhem bem: elas se transformaram numa espuma, milhares de bolhas minúsculas. Dentro de cada bolha está um pouquinho de ar. O fermento faz o mesmo efeito. Misturado com a massa, o fermento começa a produzir bolhas bem pequenas de um gás, semelhantes àquelas que existem dentro das garrafas de refrigerantes. A casa também é um vazio cercado de paredes. Para isso servem as paredes: para pegar o vazio e permitir que ele seja usado. Os arquitetos e as arquitetas são os artistas que sabem a arte de pegar vazios por meio de paredes. E as janelas? Também são vazios. Buracos. Já imaginaram uma casa sem janelas? Seria horrível viver numa casa sem janelas. Só conheço uma casa sem janelas: os prédios do Congresso Nacional, em Brasília. Parece que a ausência de janelas não faz bem nem para os sentimentos, nem para os pensamentos... É o espaço vazio entre os meus olhos e o jardim que me permite ver o jardim. É o vazio chamado “silêncio” que me

permite ouvir a música. E o espelho? Para ser bom, para refletir seu rosto, é preciso que seja vazio.

Agora uma de vocês me diz: “Mas, vô: faz tempo que você está contando como era sua vida de menino, na roça! E agora você começa a falar sobre o vazio...”. Aí eu explico: “É que a roça é o lugar onde o vazio é grande. A cidade é o lugar onde o vazio é pequeno”. Na cidade a gente olha para fora e os olhos logo batem num edifício, num muro, nos automóveis. Na cidade a gente vê curto. Na roça, porque o vazio é grande, os olhos veem longe, muito longe: os campos, as matas, as montanhas no horizonte, o Sol que morre, a Lua que nasce, as estrelas... Que coisa bonita é ver a cortina branca da chuva que vai chegando... Quando o vazio é grande, o mundo cresce. Coisa que eu gostava de fazer quando menino: deitar no capim e ficar vendo as nuvens. Pareciam navios navegando no mar do céu, mudando de forma, sem parar: o pato virava regador, o regador virava elefante... Eu não entendia uma coisa: como é que as nuvens não caíam! De vez em quando elas caíam como chuva de água ou chuva de pedra de gelo. Disso eu concluía que nuvem era água e gelo. Aí eu me perguntava: como é que a água e o gelo ficam lá em cima, flutuando como se fossem flocos de algodão? E os urubus? Todo mundo acha que urubu é ave feia. Discordo. Vocês já pararam para ficar olhando o voo dos urubus? Pensando no voo dos urubus, eu me lembrei de uns versos da Cecília Meireles:

> Os dias felizes estão entre as árvores, como pássaros: viajam nas nuvens, correm nas águas, desmancham-se na areia. Todas as palavras são inúteis, desde que se olha para o céu. A doçura maior na vida flui na luz do Sol, quando se está em silêncio. Até os urubus são belos, no largo círculo dos dias sossegados...

Os urubus voam muito alto – parecem uns pontinhos negros no azul vazio do céu. Para voar eles nem batem asas. Eles flutuam nas correntes de ar quente que sobem. Foram os urubus que ensinaram os homens a voar com asa-delta. Se não fosse o vazio do céu, não haveria nem o voo dos pássaros, nem o voo dos homens.

Na roça, porque o vazio era grande, a liberdade era grande também. O vazio é um lugar bom para brincar. Se não fosse o vazio do céu, como é que eu poderia empinar uma pipa? Se não fosse o vazio debaixo da árvore, como é que eu ia balançar, até bater com a ponta do pé na folha do galho alto? Os campos eram imensos vazios, sem cercas. De manhã, depois do café com leite, pão e manteiga, eu saía para fora. Não era preciso prestar atenção no tráfego para não ser atropelado. Não havia automóveis correndo e buzinando. No vazio eu era um menino livre, brincalhão... Meus pensamentos voavam com as nuvens e os urubus...

E havia também um vazio chamado silêncio. Silêncio é quando não há ruídos e barulhos. Na cidade não há o vazio do silêncio: nossas casas são invadidas pelo ronco das motocicletas, das buzinas, do som a todo volume. Quando o espaço está vazio de barulhos a gente pode escutar as músicas da natureza. Há 150 anos um chefe índio dos Estados Unidos escreveu uma carta ao presidente daquele país falando sobre as cidades dos ditos civilizados. Disse ele:

> Não há lugar calmo nas cidades do homem branco. Nenhum lugar para escutar o desabrochar das folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. A barulheira ofende os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode escutar o choro solitário de um pássaro ou o coaxar dos sapos à volta de uma lagoa, à noite?

Vocês já ouviram a música das folhas das árvores sacudidas pelo vento? Já ouviram o canto de um sabiá no meio da mata, ao entardecer? O zumbido das abelhas em busca de flores?

A vida precisa do vazio: a lagarta dorme num vazio chamado casulo até se transformar em borboleta. A música precisa de um vazio chamado silêncio para ser ouvida. Um poema precisa do vazio da folha de papel em branco para ser escrito. E as pessoas, para serem belas e amadas, precisam ter um vazio dentro delas. A maioria acha o contrário; pensa que o bom é ser cheio. Essas são as pessoas que se acham cheias de verdades e sabedoria e falam sem parar. São umas chatas, quando não são autoritárias. Bonitas são as pessoas que falam pouco e sabem escutar. A essas pessoas é fácil amar. Elas estão cheias de vazio. E é no vazio da distância que vive a saudade...

A roça é o lugar onde o vazio é grande. O vazio grande da roça, com seus espaços e silêncios, é o colo da natureza, nossa mãe de onde saímos e para onde haveremos de voltar... Assentados no colo da mãe, o medo se vai e tudo fica bom... A cidade é o cheio. A roça é o vazio. Tenho saudade do vazio da roça...

PARA PENSAR



Você conhece o jogo de damas? O jogo de damas se joga num tabuleiro quadriculado: casas brancas e casas pretas. Para que o jogo seja jogado é necessário que haja casas vazias porque é para elas que os jogadores movimentam suas pedras. Se não houvesse os vazios, as pedras ficariam paradas, sem se mover. Não haveria jogo. Pois pensar se parece com o jogo de damas. As pedras são as informações que temos. Mas ter informações não é pensar. As enciclopédias estão cheias de informações e não pensam. Pessoas há também assim, que sabem um mundo de coisas. Mas suas informações estão paralisadas, não se movem, não dançam. Responder a todas as perguntas de uma prova, tirar 10, não é prova de inteligência, de

pensamento. Pode ser apenas indicação de que o aluno tem boa memória. Pensar são os movimentos que se fazem com as pedras da memória para chegar aos lugares que desejamos.


Nas férias a gente esvazia o corpo e a cabeça das coisas que estavam lá para colocar outras coisas no vazio que ficou... Isso dá felicidade. Descansa.


Para dormir é preciso que a cabeça fique vazia de pensamentos.


Há um ditado que diz: “Cabeça vazia é oficina do Diabo”. O que é que você pensa disso?


O poeta Alberto Caeiro disse uma coisa estranha: “Pensar é estar doente dos olhos”. Imagine que você está olhando para uma flor. Se você está olhando para a flor de verdade, o que é que deve estar dentro de sua cabeça? Dentro de sua cabeça deve estar a flor que você está vendo. Assim você está vendo direito. Mas se enquanto você está olhando para a flor você começar a pensar outras coisas, o que acontece? O que vai estar dentro de sua cabeça? O que é que você vai ver? Entendeu agora o que o poeta queria dizer? Para ver bem é preciso que haja vazio dentro da cabeça.



Sim, julgo às vezes, considerando a diferença hedionda entre a inteligência das crianças e a estupidez dos adultos, que somos acompanhados na infância por um espírito da guarda, que nos empresta a própria inteligência astral, e que depois, talvez com pena, mas por uma lei mais alta, nos abandona, como as mães animais às crias crescidas...

Bernardo Soares

BRINQUEDOS

Minhas netas: Quando eu era menino eu brincava muito. Brincar é a coisa mais gostosa. Algumas pessoas grandes têm vergonha de brincar; acham que brincar é coisa de criança. O resultado é que elas ficam sérias, preocupadas, ranzinzas, amargas, implicantes, chatas, impacientes. Perdem a capacidade de rir e ninguém gosta da sua companhia. Quem brinca não fica velho. Pode ficar velho por fora, como eu. Mas por dentro continua criança, como eu...

Naquele tempo o jeito de as meninas e os meninos brincarem era muito diferente do jeito de hoje. Hoje, falou brincar, falou comprar brinquedo. E os brinquedos se encontram nas lojas e custam dinheiro. Mas lá na roça onde eu morava não havia lojas. E mesmo que houvesse, eu era um menino pobre. Não tinha dinheiro para comprar brinquedos.

Eu brincava. Brincava sem comprar brinquedos. Não precisava. Eu fazia meus brinquedos. Na verdade, fazer os brinquedos era a parte mais divertida do brincar.

Já lhes contei sobre o carrinho de lata de sardinha que tenho guardado entre meus brinquedos. Quando o vi, lembrei-me de mim mesmo, fazendo meus brinquedos. O menino que fez aquele carrinho era um menino pobre. E eu o vejo trabalhando para fazer o brinquedo que ele não podia comprar. E imagino o orgulho que ele sentiu quando o carrinho ficou pronto. “Fui eu que fiz!”. Um amigo meu, o Vidal, me deu um caminhão que ele mesmo fez, como presente de Natal. É um caminhão-

tanque. O tanque é feito com uma lata de óleo deitada. A cabine, com janelas e espelhos retrovisores, é feita com uma lata de azeite. As antenas e o cano de escapamento são feitos com pedaços de antenas velhas que ele encontrou em lojas onde se consertam rádios. E as rodas, ele as fez cortando, com um serrote, fatias de um cabo de enxada, iguais às fatias que se cortam de um salame.

Para fazer um brinquedo é preciso usar a imaginação. A imaginação é um poder mágico que existe na nossa cabeça. Magia é transformar uma coisa em outra pelo poder do pensamento. A bruxa fala: “Sapo” – e o lindo príncipe vira sapo... O menino que fez o carrinho com a lata de sardinha teve de usar sua imaginação mágica também. Ele olhou para a lata de sardinha abandonada e disse: “Carrinho”. E foi esse carrinho que ele viu com o pensamento que fez com que ele trabalhasse para fazer seu carrinho-brinquedo.

A imaginação gosta de brincar. A brincadeira de que ela mais gosta é o faz de conta. É brincando de faz de conta que ela constrói brinquedos. Faz de conta que uma lata de sardinha é um carrinho. Faz de conta que o cachorrinho de pelúcia é um cachorrinho de verdade. Faz de conta que o travesseiro macio é uma pessoa de quem a gente gosta muito. Faz de conta que esses bolinhos de barro são brigadeiros. Faz de conta que a minha mão com o dedo esticado é um revólver. Faz de conta que o cabo de vassoura é um cavalinho que se chama Valente. Faz de conta que esse pedaço de bambu é uma espada...

A Raquel, minha filha, tinha quatro anos. Eu a levei ao cinema para ver o *ET*. O cinema é também uma brincadeira de faz de conta. Enquanto a gente está lá, a gente vive, ri e chora “como se” tudo fosse verdade. Prestem atenção nisto – esta é uma das coisas mais extraordinárias dos seres humanos –: temos a capacidade de viver e sentir coisas que não

existem, coisas que são produto da imaginação, como se elas fossem reais. Quem não chorou vendo o filme *O Rei Leão*? Quem não ficou com raiva da Madrasta e da Drizela? Quem não torceu pelos cãezinhos dálmatas? Pois a Raquel saiu do cinema e chorou, chorou, chorou... Não houve o que a consolasse. Depois do jantar, resolvi consolá-la. Para consolá-la eu precisava entrar no jogo de faz de conta. Aí eu lhe disse: “Vamos lá fora ver se achamos a estrelinha que é a casa do ET!”. Ela se levantou, animada. Mas aí, decepção. O tempo tinha mudado. O céu estava coberto de nuvens. Não havia estrelinhas para serem vistas. Pensei rápido. Uma mudança de tática era necessária. “Olha lá, Raquel, atrás da palmeira! O ET está lá!”. Ela não sorriu, como eu esperava. Não entrou na minha brincadeira. “O ET não existe, papai”, ela respondeu, séria. Então eu disse: “Ah, é? Se não existe, por que é que você estava chorando?”. Ela me respondeu: “Por isso mesmo: porque ele não existe...”. Que coisa mais misteriosa, mais bonita: que nós sejamos capazes de ter alegrias e tristezas por causa de coisas que não existem.

As crianças são as que melhor sabem brincar o jogo do faz de conta com a imaginação. Os grandes vão perdendo progressivamente essa capacidade. Acho que é por efeito de uma doença que, creio eu, eles pegam na escola. As escolas e seus programas não sabem o que fazer com a imaginação, porque não há formas de fazer testes de múltipla escolha. Imaginem uma prova com esta questão: “Marque a alternativa certa: ( ) Um cavalo verde; ( ) Um cavalo com chifre no nariz; ( ) Um cavalo com asas; ( ) Um cavalo com tronco de homem; ( ) Um cavalo falante”. Parece absurdo. Mas todos esses cavalos são personagens da literatura. Perguntem aos pais de vocês; eles têm obrigação de saber. À medida que as pessoas vão crescendo elas vão perdendo a capacidade de imaginar. Os adultos acham que quem imagina é meio doido. Uma vez vi um filme com

os quadros pintados por um homem que alguém (deve ter sido um parente dele) mandou trancar num hospital de loucos. Eram quadros absolutamente fantásticos. Enquanto o filme mostrava os quadros, a voz de uma psicanalista invisível ia interpretando as telas para mostrar a doideira do artista. E a maior prova de sua doidice foi um quadro que ele pintou de uma árvore no alto de uma montanha com um barco flutuando no céu. A tal voz não sabia que arte é uma brincadeira de faz de conta, onde tudo é possível. O pintor Chagal pintou uma noiva camponesa voando, e Dalí fez um retrato dele mesmo que parece uma panqueca mole mantida em pé por uma série de bengalas parecidas com ganchos de estilingue. Se é que vocês não sabem, todas as coisas que os artistas fazem são brinquedos. Na escola e na ciência as pessoas aprendem a olhar para a coisa e ver a coisa. Mas as crianças e seus amigos artistas olham para as coisas e veem outras. E é assim que surgem as obras de arte e os brinquedos, que são a mesma coisa.

Mas a imaginação sozinha não faz arte. Quem faz a obra de arte é o artista. Para isso ele tem de saber usar as ferramentas apropriadas: martelo, cinzel, pincel, tinta... Eu, para fazer meus brinquedos, tive de aprender a usar ferramentas. Aprendi a usar o canivete, a afiar o canivete, a usar o martelo (é uma delícia pregar um prego numa tábua mole, sem entortar...), o serrote, o alicate, as agulhas, os barbantes, a régua, as cordas, o fogo. O fogo tinha múltiplos usos. Um arame em brasa serve para furar um bambu. E o fogo era indispensável também para fazer ferver a mistura de água e polvilho com que se fazia grude, necessário para colar o papel de seda dos papagaios. Me cortei muitas vezes, martelei o dedo, me feri com o serrote e a agulha, me queimei. Mas não há jeito de aprender a usar as ferramentas sem se machucar. E aprendi a cuidar dos meus ferimentos, sem precisar chorar.

Fazer um brinquedo é um trabalho que se faz com prazer, sem precisar que alguém mande. Tudo o que se faz com prazer é brinquedo. Ninguém tem preguiça de trabalhar fazendo um brinquedo. Quando a gente está com preguiça de trabalhar (ou de estudar) é porque aquilo que se está fazendo não é brinquedo, é trabalho forçado. Não é coisa que dê prazer.

PARA PENSAR E FAZER...



Para fazer certos brinquedos não é preciso quase nenhuma ferramenta. Por exemplo, um barco de papel, um chapéu de jornal. Outros se fazem só com uma tesoura, uma faca, cola. Recortar bonequinhos de papel com as mãos dadas, *origamis*. Mas é bom ter algumas ferramentas simples. Como presente de aniversário ou de Natal, seu pai poderia lhe dar uma caixa de ferramentas: martelo, serra, canivete, tesoura, alicate, agulha, barbante, linha, régua, pregos, arame, lixas.



Com as ferramentas, você pode aprender muito sobre física mecânica. Peça que seu professor lhe explique: por que o martelo tem de ter um cabo; por que se deve pegar na ponta do cabo e não perto da cabeça; por que é preciso bater no prego para que ele entre; por que a lixa esquenta depois de esfregada na madeira; por que o arame quebra se for dobrado muitas vezes; por que é mais fácil cortar um arame segurando nas pontas dos cabos de um alicate que próximo às lâminas de corte; por que a broca da furadeira esquenta.



O sábio é tímido e humilde – o mundo não o entende. Ele se comporta como uma criança pequena.

Tao-Te-Ching

BRINCAR É DIFÍCIL...

Minhas netas: Eu gosto de ler as revistinhas do Pato Donald. Pois o professor Pardal, aquele inventor maluco, teve uma ideia genial. Imaginou que seria legal se ele inventasse, para o Huguinho, o Zezinho e o Luizinho, brinquedos que lhes dessem alegria sempre. Pois há brinquedos que não dão alegria: pipa em dia sem vento não voa e fica no chão; pião que não gira quando se puxa a cordinha e vai rolando pelo chão; taco de beisebol quando erra a bola e o menino fica com cara de bobo. Quando essas coisas acontecem os brinquedos não dão alegria; dão tristeza. “Pois eu vou inventar brinquedos que deem alegria sempre”, disse o professor Pardal. “Uma pipa que voe sempre, um pião que gire sempre e um taco de beisebol que acerte a bola sempre!” Dito e feito! O professor Pardal entrou no seu laboratório, pensou, trabalhou e inventou os três brinquedos que, segundo ele imaginava, dariam alegria sempre. De fato, os três patinhos ficaram felicíssimos quando receberam os brinquedos mágicos. Mas a alegria durou pouco. Porque não existe nada mais chato do que um brinquedo que acerta sempre. Brincar só é divertido quando existe a possibilidade de não dar certo. Brinquedo divertido exige luta, esforço: lutar com o vento, lutar com o pião, lutar com o taco, para ver quem pode mais...

Em algumas roças se fazia um jogo muito concorrido por ser muito engraçado: num cercadinho cujo chão era lama pura, bem mole, colocavam um porquinho bem redondo, não sem antes besuntá-lo com graxa. Ele ficava liso, escorregadio e quase impossível de segurar. A seguir, colocavam lá dentro três meninos que queriam pegar o porquinho: quem o agarrasse ficava com ele. Acontece que o porquinho não era bobo e não queria ser pego. Corria, fugia, e

os meninos atrás... Bastava que um menino o agarrasse para que o porquinho escorregasse e o menino caísse de cara na lama! Todo mundo morria de rir, inclusive os meninos. Agora imaginem se, em vez de um porquinho, fosse uma tartaruga... Qual seria a graça? Nenhuma. Pegar uma tartaruga é coisa muito fácil. Pegar uma tartaruga não é desafio. Todo brinquedo tem de oferecer um desafio. “Desafio” é isto: uma coisa que a gente quer fazer mas é difícil fazer. Num brinquedo a gente está sempre “medindo forças” com alguma coisa: com a água (nadar é brincar com a água), com uma árvore (subir na árvore é brincar com a árvore), com uma pessoa (o “pique”: quem corre mais rápido), com uma adivinhação (todo problema é um enigma a ser decifrado)... Alpinista não acha graça subir em morro baixo: o que ele quer é escalar montanha alta, muito alta, que poucos conseguem escalar. Como os picos Aconcágua e Everest. Essas montanhas são tão difíceis que muitas pessoas já morreram na escalada. E, no entanto, outros alpinistas continuam a tentar a escalada. Por quê? Nada os obriga a isso! Porque as montanhas os desafiam. Olhando para um pico, os alpinistas sentem que ele está lhes dizendo: “Estou aqui. Será que vocês podem comigo?”. Um quebra-cabeça de 16 peças: que graça tem? É só olhar para saber onde as peças se encaixam. Mas um quebra-cabeça de 500 ou mesmo 1.000 peças: isso sim é um desafio. Aquele monte de peças em cima da mesa está nos dizendo: “Veja se você é capaz de nos ajuntar de forma que todas fiquemos encaixadas umas nas outras e desse encaixe apareça um quadro...”.

Minha mãe gostava de me ensinar brinquedos. Um dos primeiros brinquedos que ela me ensinou, lembro-me muito bem: eu deveria ter quatro ou cinco anos. Ela estava me dando banho, na banheira. Aí ela me disse: “Veja!”. A seguir ensaboou bem as mãos, fechou a mão direita, abriu um pouco os dedos, de modo que ficasse um buraquinho entre o mata-piolho e o fura-bolo, e começou a soprar suavemente. Do outro lado do buraco uma bolha de sabão começou a tomar forma e foi crescendo, crescendo, até que estourou! Fiquei encantado! Quis aprender. A gente sempre tem vontade de aprender

quando fica encantado. Levou tempo mas aprendi. Aí, dominada a técnica, os desafios aumentaram: fazer bolhas cada vez maiores. E, por fim, com um gesto rápido, libertar a bolha da minha mão para que ela flutuasse sozinha. Mais tarde aprendi a produzir bolhas de forma mais técnica: colocava um pedacinho de sabão dentro de uma canequinha com água quente, esperava que o sabão derretesse, enfiava um canudinho cortado de um mamoeiro dentro da água, e soprava: e era aquela felicidade, vendo as bolhas que saíam e flutuavam. Uma bolha é um vazio que uma película de sabão prendeu e arredondou...

Outro brinquedo de criança pequena é assobiar. Que inveja dos meninos maiores! E eu soprava que soprava, mas só saía o barulho do vento. Até que um dia, assobiei. Aí passei a assobiar o tempo todo e fui me aperfeiçoando. Até que ficou fácil. Assobiar deixou de ser um desafio. Mas um outro desafio surgiu: aquele assobio forte que se produzia pondo dois dedos na boca, debaixo da língua. Tentei muitas vezes e não aprendi. Ainda hoje tenho inveja...

Como a gente era pobre e não tinha dinheiro para comprar brinquedos, a gente fazia os brinquedos. Minha mãe me ensinou a fazer chapéus de Napoleão com jornais, a recortar bonequinhas, todas de mãos dadas, a fazer corrupios com botões e linha, a fazer barquinhos de papel, que eu colocava na enxurrada... Hans Christian Andersen, um contador de estórias dinamarquês, contou a estória de um soldadinho de chumbo de uma perna só, apaixonado pela bailarina da caixinha de música, que navegou num barquinho de papel nas águas da chuva que corriam pela sarjeta, até naufragar num bueiro, que o levou ao rio, onde foi engolido por um peixe...

Para fazer brinquedos a gente tinha de desenvolver duas habilidades. A primeira era um jeito especial de olhar para as coisas. Tendo, na cabeça, o brinquedo que se queria, a gente começava a olhar para os objetos à nossa volta, procurando aqueles que poderiam ser usados para fazê-lo. Tudo podia se transformar em brinquedo: pedaços de madeira, carretéis de linha, pedaços de

barbante, vidros vazios (são excelentes assobios), lâmpadas velhas (podem ser transformadas em lentes), chaves, botões, câmaras de ar de bicicletas, pneus, caixas de fósforo vazias (com elas se fazem matracas), bambus (eles têm mil e uma utilidades), latas de massa de tomate (com elas se fazem telefones), rolhas, folhas de coqueiro, retalhos, sementes, batatas (com quatro palitos espetados se transformam em bois...), sabugos de milho, caixas de sapato... Bolas se faziam com meias velhas. Bonecas... A tia Anastácia fez a Emília com retalhos velhos, agulha e linha. E o Visconde de Sabugosa, com um sabugo de milho. Os grãos de milho serviram de botões na sua casaca feita com as palhas do milho. Distraído, um frango se aproximou e comeu um dos seus botões... Hoje se compram pipas prontas nas lojas. Não tem graça. Eu fazia minhas pipas. Era preciso produzir as varetas, cortando-as de pedaços de bambu e alisando-as com uma faca até ficarem bem iguais e bem lisas, para que a pipa não ficasse desequilibrada. E, para colar o papel, eu fazia grude, dissolvendo polvilho em água e pondo no fogão de lenha para ferver, mexendo sem parar para não empelotar.

Mas, de todos os brinquedos, aqueles de que eu mais gostava eram os balanços. O primeiro desafio era fazer o balanço: conseguir a corda, descobrir um galho horizontal de mangueira, subir lá em cima, amarrar as cordas, fazer o assento. Depois de feito, balançar, cada vez mais alto, sem que ninguém empurrasse, até encostar a ponta do pé na folha do galho que me desafiava...

PARA PENSAR

Faça com seus amigos uma lista de brincadeiras que você sabe brincar e que não necessitam de brinquedos comprados.

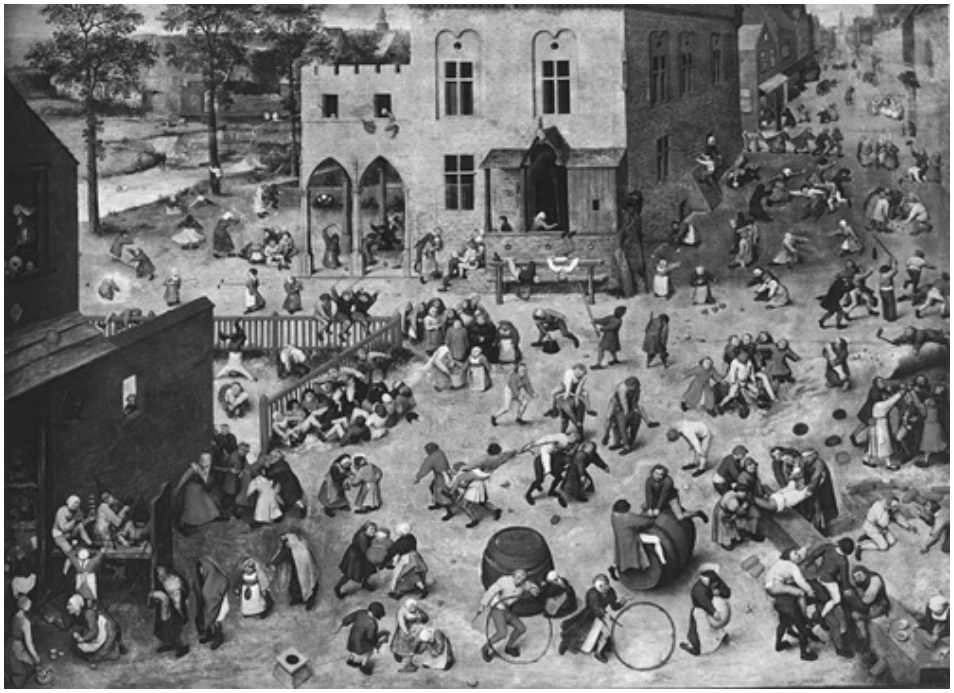
O pintor holandês Pieter Bruegel (1525-1569) pintou um quadro em que aparecem crianças brincando as brincadeiras daquele tempo. São brincadeiras que existem até hoje e não custam nada. Eu contei mais de 60 brincadeiras no quadro *Jogos infantis*, de Bruegel. Mas sei que minha contagem está errada. Sugiro que você refaça minha contagem, dê nome às brincadeiras, se você as conhece, e experimente brincá-las com seus

amigos.

Hoje, quando escrevo, está chovendo sem parar. Já está chovendo sem parar há três dias. Imagine umas brincadeiras legais para dias de chuva. Não vale *videogames* e televisão...

Sugira, para seu pai e sua mãe, que em vez de ficarem todos vendo televisão, à noite, vocês juntos façam alguma brincadeira: xadrez chinês, varetas, ou aquele jogo que ensinei e que se faz com o dicionário...

O brinquedo é uma atividade muito importante para a saúde e a felicidade dos seres humanos. Não é só coisa de criança. O brinquedo desenvolve a inteligência. Pensar é brincar com ideias. Cada ideia é um brinquedo! Já imaginou? Tudo que se faz pode ser transformado em brinquedo: cozinhar, tomar banho, conversar, comer, plantar, ouvir música, ler, escrever, trabalhar, namorar... Brinquedo é qualquer atividade que dá alegria.



Reprodução de *Jogos infantis*, tela de Pieter Bruegel, O Velho, 1560.



O objetivo da vida é ser criança.

Groddeck

As dores...

Menino na roça, eu estava acostumado com as dorzinhas; dorzinhas fazem parte da vida. Solto, pés descalços, correndo sem prestar atenção por onde ia, o pé dava topadas em pedras – por vezes a ponto de arrancar a unha do dedão –, pisava em espinhos, levava tombos. Me queimei muitas vezes, brincando com fogo. E brincando, martelando o dedo, me cortando com faca. Havia também as picadas de abelhas e marimbondos e as queimaduras de taturanas, que eram brasa pura. Minha mãe foi picada por um escorpião. Eu pensei que ela fosse morrer...

Havia também as dores, maldades dos adultos: beliscões, palmadas, coques... Coque é assim: você fecha a mão e bate com a articulação pontuda e dura do pai de todos na cabeça da criança. Cora Coralina foi uma mulher que viveu em Goiás. Ela viveu a vida inteira vida comum de mulher, fazendo o que faziam as mulheres do interior naqueles tempos quando não havia nem televisão nem eletrodomésticos, máquinas que, segundo Mario Quintana, foram criadas por causa da preguiça... Quem tem a máquina não precisa fazer... Pois assim viveu Cora Coralina, sem tempo para a preguiça, cuidando da casa, varrendo, cozinhando, costurando, pregando botões, fazendo pães, roscas e doces, cerzindo meias... Cerzindo meias! Ah! Vocês não sabem o que é isso! As meias, com o uso, ficavam esburacadas. Hoje meia esburacada é jogada fora. Nem mendigo aceita... Naqueles tempos não se jogava nada fora. O dinheiro era pouco. À noite, sem rádio ou televisão, as famílias se reuniam

na sala para contar casos. As mães, então, pegavam suas cestinhas de cerzir meias onde havia meias furadas, agulhas, linhas de várias cores e um ovo de madeira! Para que o ovo de madeira? Enfiava-se o ovo de madeira dentro da meia até o lugar do furo, a meia ficava esticada, e a mãe então tecia sobre o buraco, para que a meia continuasse a ser usada... Isso, até as nove horas, quando todo mundo ia para a cama... Pois quando a Cora Coralina ficou velha aconteceu com ela o que acontece com a pipoca. Pipoca é milho duro, muito duro, não dá para mastigar. Mas, de repente, na gordura fervente, ele dá um estouro e vira uma coisa completamente diferente, branca, macia, delícia de ser comida com sal. Pois a Cora Coralina, depois de velha, de repente, deu um estouro, e a mulher comum virou poeta. Escreveu poemas lindos, falando como era a vida. E ela conta que, naqueles tempos, os grandes se valiam do seu tamanho e da sua idade para maltratar as crianças, com a desculpa de que era necessário para lhes dar boas maneiras. Tive sorte. Meu pai e minha mãe – seus bisavós – nunca me bateram. Mas havia pais e mães cujo prazer era fazer os filhos sofrer: davam-lhes surras com chinelos, cintas de couro e varas. Ainda hoje há muitos que fazem coisas assim com seus filhos. São pessoas doentes que nunca deveriam ter tido filhos. E as escolas! Eu me lembro de uma professora que dava reguadas na cabeça das crianças. Em tempos mais antigos que os meus a educação se fazia com palmatórias. Palmatórias eram peças de madeira, parecidas com colheres de pau. Meu tio Agenor relatava que, na sua escola, após o professor haver tomado as lições dos alunos, ele cheirava rapé – fumo ralado preto que, ao entrar no nariz, faz espirrar – para, a seguir, chamar aqueles que não haviam decorado a lição para então aplicar-lhes a correção dolorosa de bolos de palmatória, denominados de complementos

educacionais. Eles achavam que a dor é um estímulo à aprendizagem. Os tempos mudaram, felizmente. As palmatórias também mudaram...

Dessas dores eu me lembro pouco. A primeira dor de que me lembro mesmo foi a dor de dentes. Doía, doía, doía. Eu chorava. Disse para o meu pai que felizes eram as galinhas, por não terem dentes. O remédio era bochechar com chá de malva quente...

Vocês se lembram que nossa viagem pelo passado se iniciou quando entramos na minha "Máquina do Tempo"? Viajando na Máquina do Tempo, saímos do presente e entramos no passado. Vocês se lembram também que, à medida que entrávamos no passado, as coisas que existem agora iam desaparecendo: desapareceram os *shoppings*, os cinemas, os supermercados, a Coca-Cola, os tênis... É claro. No passado eles não existiam. Mas eu me esqueci de dizer que desapareceram também as farmácias, os hospitais, os dentistas e os médicos. Aí vocês me perguntam: "Mas, então, no seu tempo não havia médicos, dentistas, farmácias e hospitais?". Havia sim. Nas cidades. Mas não no lugar onde eu morava, a roça. E é assim que ainda hoje vivem milhões de brasileiros, perdidos em lugares muito distantes. Lá, não adianta gritar... A roça é o lugar onde se sofre muito. Quando as dores são pequenas, a gente aguenta. Com o tempo elas passam. Mas, e quando as dores são grandes e não passam?

Eu já experimentei dois tipos de dores grandes. Primeiro, cálculo renal. Sobre essa palavra "cálculo" eu quero contar para vocês uma coisa divertida. Ela vem do latim. Vocês devem saber que nossa língua é filha do latim, língua que os conquistadores romanos, que dominaram o mundo, espalharam por onde foram. O latim foi a primeira língua da globalização. Razão por que, no passado, na Igreja Católica só se falava latim. Hoje a língua da globalização é outra, chamada dólar... Pois em latim "cálculo" quer dizer "pedrinha". Mas a palavra cálculo significa também "fazer

contas”, como em matemática. Há, nas universidades, um curso de cálculo, horror dos estudantes, que é o que mais reprova e faz sofrer. É que, a princípio, antes das calculadoras e dos computadores, as contas eram feitas com auxílio de pedrinhas... Eu sofri a dor do cálculo renal, uma pedrinha muito pequena que o organismo produz e se intromete na canalização por onde passa a urina. Dói muito, dói muito. Normalmente a dor passa com uma injeção de um remédio chamado Buscopan. No meu terceiro cálculo renal eu tomei uma injeção de Buscopan. Não passou. Tomei outra. Não passou. Fui para o hospital. Tomei mais três. Não passou. Nesse momento eu já estava esverdeado e comecei a vomitar de tanta dor. Aí o médico disse para a enfermeira: “Aplique uma Dolantina”. Ela aplicou. Cinco minutos depois eu estava no céu. Nenhuma dor. Percebi, então, a coisa absolutamente maravilhosa que é simplesmente não sentir dor. Curioso: milhões de pessoas, neste momento, não estão sentindo dor e não se apercebem da felicidade que é, simplesmente, não sentir dor. Mas, e se eu estivesse vivendo na roça? O que acontece com as pessoas que, vivendo na roça, têm um cálculo renal?

A outra dor grande que tive foi de hérnia de disco. O que é hérnia de disco? A coluna vertebral, como o nome está dizendo, é uma coluna de vértebras encaixadas umas nas outras. Entre elas existe um espaço, para que o corpo possa se movimentar e tenha flexibilidade. Pela coluna passa um feixe de nervos – semelhante a um feixe de fios elétricos – que se espalham pelas várias partes do corpo para lhes dar movimento e sensibilidade. Pois pode acontecer de um desses nervos vir a ser comprimido. Vem então a dor, uma dor insuportável, tão terrível ou mais terrível que a dor de cálculo renal. No passado, antes dos recursos médicos que há agora, era uma dor sem esperança. Um amigo meu, médico, disse-me que num livro francês do século XIX está escrito que a

única forma de acabar com a dor de hérnia de disco é a morte. A cirurgia me livrou da hérnia de disco. Eu fico a me perguntar sobre o que aconteceu com os milhares de pessoas que tiveram a dor de hérnia de disco, na roça... Sim, qual terá sido o fim da sua dor?

Pensando sobre as grandes invenções da ciência, eu acho que a mais maravilhosa de todas foi o domínio da dor. Pois, de que me vale tudo o que o progresso me pode dar, se meu corpo está sentindo dor? Quando a gente sente dor, o mundo inteiro desaparece. Nada interessa. O mundo de uma pessoa com dor de dentes se resume... no dente que está doendo: ela não quer chocolate, não quer sorvete, não quer queijo, não quer beijo... Para que a gente sinta o prazer das coisas boas da vida é preciso que não se esteja sentindo dor.

Na roça se sofria muito, sem esperança. Na roça a dor mandava. É por isso que se dizia, quando uma pessoa morria: “Descansou...”.

PARA PENSAR



Faça uma lista das dores que você já sentiu, das dores que você viu outras pessoas sentirem, das dores sobre que você ouviu. Para ajudar vou começar: picada de abelha, espinho no pé, martelada no dedo, topada do minguinho do pé na ponta da mesa, encostar a mão na panela quente, beliscão, palmada... Agora você continua e peça que seus conhecidos o ajudem. É possível que um deles tenha sentido uma dor rara como picada de escorpião...



As dores têm uma função importante. São sinais de alarme. Uma dor quer dizer que algo errado está acontecendo no organismo. Por isso é importante descobrir a causa da dor. Pode ser um apêndice inflamado...



Há a dor que, acho, você nunca sentiu: a dor da fome. Há milhões de pessoas que sentem a dor da fome; há milhões de pessoas que morrem sentindo a dor da fome. Enquanto alguns morrem de fome, há outros que sentem a dor de ter comido demais. Comer mais do que o corpo pede se chama gula. Os teólogos (teólogos são as

pessoas que estudam o que as religiões falam sobre Deus) diziam que gula é pecado. Há alguma coisa errada num mundo em que uns morrem de fome e outros esbanjam comida. Por que será que há pessoas que não têm o que comer? O que se deveria fazer para que todos tivessem o que comer?


Na sua casa faça um relatório sobre a comida que se perde: frutas que apodrecem, pão que fica velho, sobras de comida jogadas no lixo.


Nos aviões se serve comida aos que viajam. Sobra muita comida. Essa comida que sobra daria para matar a fome de muita gente. Faça uma pesquisa nas empresas aéreas e descubra o que elas fazem com a comida que sobra.



A maturidade de um homem consiste em achar de novo a seriedade que se tinha como criança – ao brincar.

Nietzsche

DOENÇAS E REMÉDIOS

Minhas netas: Quando vocês estão com dor de cabeça vocês sabem que aspirina é o remédio. É uma tosse fraquinha? É só comprar um xarope na farmácia. A tosse não passa, está com febre? É melhor ir ao médico. Pode ser pneumonia. O médico examina, escuta os pulmões com um estetoscópio. Muitas palavras a gente usa sem saber o que significam. Estetoscópio é uma delas. Quem batizou esse instrumento, possivelmente o seu inventor, juntou duas palavras gregas: *stethos*, que quer dizer "peito", e *skopein*, que quer dizer "ver, examinar". Então estetoscópio é um instrumento que se usa para ouvir o que está dentro do peito. Antes do estetoscópio o médico usava era mesmo o ouvido. Li, não sei onde, e nem sei se é verdade, que quem inventou o estetoscópio era um médico muito tímido que ficava vermelho de vergonha toda vez que tinha de encostar seu ouvido no peito de uma mulher, especialmente se os seios dela eram grandes e ele tinha de usar suas mãos para afastá-los. Para se livrar desse embaraço, ele passou a usar um canudo de papelão, e descobriu que assim se ouvia muito melhor. O resto foram melhorias... Pois o médico escuta os pulmões, diz que há um ronco estranho na base do pulmão esquerdo, pede uma radiografia para confirmar o que o ouvido ouviu. Radiografia, como vocês sabem, é um tipo especial de fotografia. O aparelho de Raio X, que faz a radiografia, é uma máquina fotográfica que fotografa aquilo que os olhos não veem, o que está dentro do corpo, usando raios que atravessam os músculos. O médico vê a fotografia dos pulmões, encontra uma mancha no lugar onde o estetoscópio havia detectado um ronco, e dá o diagnóstico, isto é, diz a sua conclusão. "É, você está com pneumonia. Tem de tomar um antibiótico". A pessoa toma o antibiótico e fica boa. Nós

procedemos assim porque confiamos nos remédios e nos médicos. Confiamos nos remédios porque eles são produzidos com os resultados da ciência. E confiamos nos médicos porque seus saberes são os saberes da ciência. Nós mesmos não sabemos. Fazemos o que os médicos mandam porque confiamos neles.

Mas lá na roça não havia remédios para comprar porque não havia farmácias nem médicos que identificassem a doença e conhecessem o remédio certo. Na roça a farmácia não era de comprimido, xarope e injeção. Na roça a farmácia crescia na horta: ervas medicinais. E cada pessoa tinha de saber transformar a erva em bebida. O processo era simples: tomavam-se as folhas e colocavam-nas em água fervente. Virava chá. Chá de guaco, chá de camomila, chá de hortelã, chá de folha de laranja, chá de funcho, chá de boldo, chá de carqueja, chá de losna... A lista não tem fim. E cada pessoa tinha de ser o médico: tinha de saber identificar as doenças: vento virado, espinhela caída, nó na tripa, estupor, dor de barriga, indigestão, caganeira, torcicolo, batedeira do coração, congestão, galo, queimação no *estrambo*, erisipela, *furunco*, cabeça-de-prego, barriga-d'água, derrame, reumatismo, mal dos sete dias, picadura de cobra, picadura de aranha, picadura de escorpião, queimadura, espinho, hérnia, dor de cabeça, sangue pisado, corte, queimadura de taturana, coceira de urtiga, enjoo de *estrambo*, crupe, coqueluche, tétano, *morroida*, nervosia, perna quebrada, bicho-de-pé, berne, lombriga...

Quem faz chás já sabe um pouco de química: sabe que água fervendo é solvente poderoso que pode extrair das folhas das plantas os seus líquidos curativos. O que me intriga é a história de como os homens descobriram as plantas que curam. Porque plantas há aos milhares. Como é que eles ficaram sabendo que essa planta é boa para isso, aquela outra é boa para aquilo? Conhecimento não cai do céu. Ele nasce da experiência. Por vezes, vendo o efeito da planta num animal. Conta a lenda que foi assim que se descobriu o café: um pastor de cabras, no Oriente, percebeu que suas cabras ficavam mais ativas e vivas depois que comiam umas frutinhas vermelhas. Ele ficou curioso,

começou a experimentar as frutinhas, teve a ideia de torrar as sementes e moê-las para misturá-las com água fervente – e foi assim que o café foi descoberto. Por vezes a experiência era outra: o animal comia a planta, estrebuchava e morria. A conclusão era clara: aquela planta era veneno. Quem bebe veneno morre. Mas podia ser usado em pontas de flechas. O filósofo Sócrates foi condenado por um tribunal da cidade de Atenas a morrer, bebendo o suco de uma planta venenosa chamada cicuta. Peçam ao professor ou ao pai de vocês que lhes conte a história de Sócrates e lhes explique o que ele ensinava. Os venenos sempre foram usados com fins políticos, para matar os inimigos. Prestem atenção quando forem ao restaurante: quando se serve vinho, o garçom põe o vinho primeiro no copo daquele que vai pagar a conta, e ele bebe e aprova. Dizem que é para ver se o vinho está bom. Não é não. Esse ritual tem suas origens em tempos muito antigos: o anfitrião (aquele que convidou) bebia do vinho diante dos convidados como que para lhes dizer: “Podem beber. Não está envenenado!”. Hoje, para matar os inimigos, os políticos não usam mais bebidas envenenadas. Eles usam palavras envenenadas... O interessante é que os venenos, se usados em doses mínimas, podem ter efeitos curativos.

Eu mesmo experimentei e ainda experimento os poderes dos chás. Um deles, terrível, chama-se losna. É uma planta que cresce no mato. Eu já era mais crescidinho e fiz uma maldade. Peguei uma saracura numa arapuca. Saracura é uma ave do tamanho de um franguinho. Pois eu matei a saracura e pedi para a cozinheira fazer um ensopado de saracura. Ela fez. Eu comi. Castigo da saracura: tive uma dor de estômago terrível. A cozinheira, apelidada Tofa (seu nome era Astolfina), me disse: “O remédio é chá de losna”. Ela fez o chá de losna e eu bebi. Juro: não existe no mundo coisa mais amarga que losna. Foi o chá de losna cair no meu estômago e a saracura saiu voando pela minha boca... Fiquei curado da minha dor.

E os poderes do maracujá? O maracujá é calmante. Há muitos remédios em nossas farmácias feitos à base de maracujá. Sobre o maracujá há uma linda

lenda. O nome científico do maracujá é *passiflora*: do latim *passio*, que quer dizer “paixão”, e *flora*, que quer dizer “flor”: flor da paixão. Que paixão? A paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, na cruz. A flor do maracujá é roxa. A lenda explica por que ela é roxa. Havia até uma poesia que começava assim: “Maracujá já foi branco/ Eu posso inté lhe jurá/ Mais branco que o argodão/ Mais branco que o luá...”. O resto, eu esqueci. Mas me lembro da estória. Ao pé da cruz de Cristo havia um pé de maracujá florido com suas flores brancas. Mas o sangue de Cristo pingou nas flores, e elas ficaram roxas. É por isso que se chama *passiflora*, flor da paixão. É claro que isso é apenas uma lenda... bonita... Refresco de maracujá é bom para quem tem insônia. Um copo de refresco de maracujá antes de dormir dá sono tranquilo...

Quando eu estava com tosse – a maldita tosse de cachorro, aquela que raspa na garganta e dói –, minha mãe me dava um chá de canela e punha angu quente no peito. Angu quente porque não havia bolsa de água quente. Minha mãe sabia que o calor ajudava a dissolver os catarros que ficam nos brônquios e nos pulmões. Claro, não era angu quente, direto no peito. Derramava-se o angu mole num pano, embrulhava-se o angu no dito pano e se colocava o calor embrulhado sobre o peito. Era bom. O calor ajuda a aliviar a dor. Para dor de garganta, gargarejo de água morna e sal. Ou um pano embebido em álcool (pinga faz o mesmo efeito) e enrolado no pescoço.

Quando eu era menino e estava na escola não gostava de estudar história. História amargava feito losna. Eu tinha de decorar datas, nomes de batalhas, nomes de homens sem sentido, acontecimentos políticos que não me interessavam, guerras. Acontecia o que aconteceu com o ensopado de saracura: eu vomitava, esquecia... Mas eu teria amado estudar a história dos homens na sua luta contra a dor, contra a doença e a morte!

No princípio era a dor... Foi a dor que fez os homens pensarem. Pensaram no que fazer para parar de sofrer. A ciência começa sempre com a dor. E todo o conhecimento científico que os homens criaram e acumularam

através dos milênios tem um objetivo apenas: fazer com que soframos menos. É preciso não sofrer para poder ter alegrias. Assim, a ciência, que tira a dor, está a serviço da arte, que dá alegria.

PARA PENSAR



É bom haver médicos nos quais se pode confiar. É bom haver farmácias onde se podem comprar os remédios. Mas há situações em que não há tempo para chamar o médico, nem há farmácias por perto para comprar os remédios. Eu já tive de fazer respiração boca a boca num nenezinho para que ele não morresse asfixiado. O que fazer para fazer parar uma hemorragia? Hemorragia é quando o sangue jorra sem parar de um corte. O que fazer quando se quebra um braço ou uma perna? O que fazer quando uma pessoa engasga com uma espinha de peixe? O que fazer quando uma pessoa perde os sentidos? O que fazer quando uma pessoa tem uma convulsão? O que fazer quando se sofre uma queimadura? Acho que as crianças deveriam aprender aquilo a que se dá o nome de “primeiros socorros”.



Os nossos antepassados – os índios, os homens da roça – aprenderam que muitas plantas têm poder curativo. Hoje muitos cientistas estão fazendo pesquisas para aprender os remédios que os antigos sabiam e que foram esquecidos. Há livros sobre isso. Acho que você gostaria de aprender sobre as plantas que curam. Faça uma pesquisa sobre plantas que curam para que você possa se valer delas quando não houver nem médicos nem farmácias por perto.



Um projeto divertido seria plantar, na sua escola, uma horta de plantas medicinais.



No capítulo “O dente da Camila”, propus uma adivinhação: o que foi que, nos últimos 500 anos, mais contribuiu para a saúde dos seres humanos. Qual foi o seu palpite?

Parece que o que mais contribuiu para a saúde foi o sabão. Houve um tempo em que os homens não sabiam da existência de micro-organismos (“micro” quer dizer “muito pequeno”. “Micro-organismo”: organismos muito pequenos, invisíveis, micróbios, bactérias, vírus). Por isso eles não sabiam que muitas doenças eram produzidas por “bichos” invisíveis. Por isso eles não sabiam da necessidade da limpeza. Uma das pesquisas mais fascinantes da história da medicina foi feita por um médico chamado Ignac Semmelweis, no Hospital de Viena, sobre a razão por que as mulheres que tinham dado à luz e que ficavam numa ala do hospital morriam muito mais que mulheres que ficavam na outra ala. Ele descobriu que a razão era que os médicos da ala de maior mortalidade

tocavam as mulheres com mãos sujas, sem lavá-las com sabão. O sabão salva vidas.



“De médico e de louco todo mundo tem um pouco”: o que você acha desse ditado popular?



Vocês dizem: “Cansa-nos ter de conviver com as crianças”. Têm razão. Vocês dizem ainda: “Cansa-nos porque precisamos descer ao seu nível de compreensão”. Descer. Rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado. Estão equivocados. Não é isso o que nos cansa, e sim o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível de sentimentos das crianças. Elevar-nos, subir, ficar nas pontas dos pés, estender a mão. Para não machucá-las.

Janusz Korczak

MONJOLOS E CARROS DE BOIS

Minhas netas: Os animais, para sobreviver, precisam apenas de uma coisa: de seus corpos. Os corpos dos animais – cada um deles é uma caixa de ferramentas onde estão guardadas as ferramentas de que eles têm necessidade para sobreviver. Dentes, garras, carapaças, escamas, asas, ferrões, venenos, disfarces, fedores, perfumes, cascos... Os gambás são fedidos: com isso eles afastam os inimigos. O bicho-pau se parece com um pedaço de pau seco. Com isso ele se esconde dos pássaros que gostariam de comê-lo. Os castores têm dentes enormes e afiados, verdadeiros formões que usam para cortar árvores para fazer as represas em que vivem. Há um besouro terrível, chamado “bicho-serrador”. Pois o danado, de noite, corta galhos de árvores com a precisão de uma serra. E os vaga-lumes (“vaga-lume” quer dizer “luz que anda”) possuem lâmpadas que se acendem durante a noite, para atrair as namoradas. As namoradas dos vaga-lumes não olham para a cara do vaga-lume. Olham é para a luzinha que acende e apaga. Nenhum pássaro é louco de engolir uma taturana. Os pelos das taturanas, tão bonitos, verdes, vermelhos, marrons, abóbora, são fogo puro. E a cascavel, cobra pacífica, não quer briga: adverte aqueles que estão se aproximando, com o chocalhar dos guizos que têm na ponta do rabo. Esse animal chamado homem, que somos nós, ao contrário, tem uma caixa de ferramentas muito inadequada para a vida. Se os homens, como os animais, tivessem de se virar só com seu corpo, há muito teriam desaparecido. Mas, como eles não queriam desaparecer, gostavam de viver, eles se puseram a pensar. O pensamento nasceu de nossa fraqueza. E, com essa ferramenta chamada pensamento, eles se puseram a inventar coisas para melhorar seu corpo deficiente. Cada invenção é uma melhoria do corpo. O que

é uma rede de pescar? É uma melhoria das mãos que, sozinhas, não conseguiriam agarrar os peixes. Uma rede é uma mão com mil dedos! E o que é um cesto? É uma melhoria dos braços e das mãos que, sozinhos, não conseguiriam carregar mais que seis ovos. Com uma cesta eu posso carregar 50 ovos! Acabo de ler um livro em que se falava de uma velhinha que usava uma corneta para ouvir melhor. A orelha é da forma como é – boca de corneta – para colher os sons. Quando a pessoa vai ficando surda, os sons que a orelha colhe não são suficientes. Aí, então, o pensamento inventou uma melhoria para a orelha: uma corneta maior, de metal. O fio dental é uma melhoria da unha. Aquele pedaço de carne entre os dentes, irritante, a unha não chega lá. A primeira ideia é melhorar a unha com um pauzinho pontudo, o palito. Mas mesmo o palito não consegue cutucar as carnes mais fundas. Aí o pensamento inventou o fio dental. Pense no seu corpo nu: todos os objetos que não são o corpo e que estão ao seu redor e que ele usa têm o nome de tecnologia. A tecnologia é uma extensão do corpo, uma melhoria do corpo. O corpo inventou a tecnologia para viver melhor, para sofrer menos, para fazer menos força... Enquanto o corpo dorme, o monjolo trabalha...

Ah! Vocês não sabem o que é um monjolo... Vou explicar. Tudo começou quando um homem percebeu que havia coisas duras demais para os nossos dentes. O milho maduro, por exemplo, que os dentes dos cavalos trituram sem dificuldade – se um homem tentar comer uma espiga de milho maduro ele quebra os dentes. Aí o pensamento pensou um jeito de ajudar os dentes. Um jeito de quebrar o milho, de transformá-lo em farinha. O pensamento pensou e, com o que já sabia, teve a ideia de bater no grão de milho com uma coisa dura e pesada, uma pedra. Funcionou. A pedra quebrou o milho, mas o milho se espalhou por todos os lados e foi um trabalhão ajuntar tudo. Aí a inteligência pensou que, se o milho estivesse dentro de um buraco num pau, ele não se espalharia quando batido. Só que, para bater no milho, no fundo de um buraco num pau, não era possível usar uma pedra. A inteligência pensou que o mesmo resultado da pedra podia ser obtido com um pau comprido que o homem

seguraria numa ponta enquanto a outra bateria no milho, dentro do buraco. Assim foi inventado o pilão. Pilões, vocês podem encontrar em casas de antiguidades. Mas ficar batendo no milho com o pau dava uma canseira... Aí houve um homem, gênio maior que o de Einstein, que imaginou se não seria possível pôr a água para trabalhar para a gente... Ele conhecia o poder da água. Já havia sentido sua força nas cachoeiras. A questão era como transferir a força da água das cachoeiras para o pilão. E foi então que, num estalo de gênio, esse homem bolou uma máquina, o monjolo. Toda máquina é uma coisa que transfere a força de um lugar para outro. Pensem numa gangorra. O monjolo é uma gangorra: um pau grosso que oscila sobre um eixo. Uma das pontas dessa gangorra, que é a madeira grossa de que é feito o monjolo, é cavada por um artesão, formando um vazio, como se fosse uma colher imensa. Na outra ponta, fincado na madeira da gangorra, está o pau do pilão. E, debaixo dele, o pilão onde se põe o milho. Como é que funciona? Essa máquina é construída debaixo de um cocho por onde a água corre. A água do cocho cai no vazio da gangorra. Quando a água enche o vazio, a gangorra se desequilibra e se inclina para o lado do vazio, agora cheio de água. Mas, ao se inclinar, a água que enchia o vazio escorre. O vazio fica de novo vazio. Vem novo desequilíbrio. A gangorra se desequilibra para a outra extremidade do monjolo onde está preso o pau do pilão. A gangorra desce com força e o pau bate no fundo do pilão, quebrando o milho... E assim o monjolo trabalha a noite toda, enquanto os homens dormem. Trabalhando, o monjolo canta uma música, num compasso binário. Quando se levanta, ele dá um gemido de dor. E quando ele bate no fundo do pilão é como o tocar de um bumbo: ai – bum, ai – bum, ai – bum. O “ai” é longo, lamentoso, sofrido. O “bum” é rápido e seco.

Canta o monjolo noite e dia.
O milho duro vira fubá macio.
No forno o fubá vira bolo.
Comer o bolo: que alegria!

Geme e canta o monjolo, fazendo música. Ao longe, canta um outro músico, o carro de bois! Vem carregado de lenha, carregado de milho... O carro de bois era uma alegria para a meninada. A gente corria atrás e subia nele, pra andar um pouquinho. Quem não tem cão caça com gato. Quem não tem automóvel anda de carro de bois. Era fácil subir. Andava muito devagar. Boi não corre. Quem corre é cavalo e até há os hipódromos, lugares onde acontecem corridas de cavalos. Mas nunca ouvi de corrida de bois. Há, na Espanha, um costume cruel e sangrento, que a bondade e a razão há muito deveriam ter abolido: as corridas de touros. Touradas. Aqueles touros correm e ai do toureiro que se distrair! Mas touro não é boi. Boi foi touro. O touro, fortíssimo, não serve pra puxar carro porque touro tem vontade própria. Ele faz com sua força aquilo que ele quer. Os homens compreenderam que, para usar a força do touro, era preciso tirar dele sua vontade. Para isso castraram o touro, tiraram seus hormônios de macho que corria atrás das fêmeas, tiraram-lhe a vontade. E os touros ficaram fortes e obedientes. Por isso eles andam tristes, olhando pra baixo. E os homens puseram a força do boi para puxar carro da mesma forma como puseram a força da água para bater o monjolo. Tecnologia é isto: usar uma força que não é nossa para realizar nossos desejos.

Quando os homens sentiram que as mãos eram pequenas para carregar as coisas, eles inventaram as cestas. Quando perceberam que as cestas eram pequenas para carregar muitas coisas, inventaram o carro. O carro é uma melhoria das mãos. Mas não só isso. Carregar uma cesta cheia cansa os braços. Cansa as pernas. Cansa os músculos. Carregando as coisas no carro, o corpo descansa. Em vez do corpo do homem, os corpos dos bois. Mas melhoria maior ainda para as pernas são as rodas. A roda foi uma das mais importantes descobertas da história dos homens. Quem será que inventou a roda? Como será que a ideia da roda apareceu na sua cabeça? É sempre assim: a ideia aparece antes da invenção. O homem que fez a primeira roda foi um gênio de inteligência.

O carro de bois é guiado pelo carreiro que caminha ao lado dos bois. Na mão, ele tem uma vara comprida com um prego na ponta: é o ferrão. Com o ferrão, ele espeta o boi que está fazendo corpo mole, ou o boi que está indo na direção errada. E os bois obedecem. É impossível não obedecer às ordens da dor. Quem não tem vontade própria fica à mercê do ferrão dos outros...

Mas o orgulho do carreiro está na música que o carro faz. Carro de bois é instrumento musical. A madeira do eixo, girando apertada na madeira do encaixe, produz um som contínuo, lamentoso, como se fosse um gemido sem fim. Quando o carro canta, o carreiro sobe em cima, segura o ferrão na vertical como se fosse uma lança, e sorri, orgulhoso, como se fosse um artista.

Tenho saudade dessas músicas, a música do monjolo, a música do carro de bois. Dentro de mim elas continuam. E eu gostaria que ainda houvesse monjolos e carros de bois para que vocês, minhas netas, pudessem sentir o que eu sinto...

PARA PENSAR



Quando eu era menino, na escola, a aula de história era uma chatura. A gente era obrigado a decorar nomes de homens importantes, nomes e datas de batalhas, frases pomposas. Ensinaram-me que um navio holandês naufragou na costa do Nordeste. Ensinaram-me mais: que o comandante do navio afundou com o navio, dizendo: “O mar é o único túmulo digno de um almirante bátavo”. Decorei, sem saber o que era bátavo. Levou tempo para que eu desacreditasse e perguntasse: Se ele falou quando o navio estava afundando, quem estava no navio para ouvir o que ele falou? Falou em que língua: holandês? Os portugueses entendiam holandês... A maioria das frases das chamadas grandes personalidades históricas foi invenção dos que escreveram. Assim, é bom não acreditar muito. Não tenho o menor interesse nessa história de nomes, frases, datas... Mas fico fascinado por saber como é que homens de outros tempos viviam. Como faziam suas casas, as relações entre eles, a língua que falavam, seus costumes, seus deuses, suas tecnologias.



O carro de boi e o monjolo são tecnologias muito, muito antigas. Poderiam ter existido há seis mil anos. Isso quer dizer que o meu mundo de carro de bois e monjolo estava mais próximo de povos e civilizações de seis mil anos atrás que do mundo em que

vivemos.



Quem sabe mais? Os “primitivos” de seis mil anos atrás, índios, matutos da roça, ou nós, que vivemos hoje? As tecnologias antigas eram simples. Basta olhar para um monjolo, um carro de bois, um pilão, um fogão de lenha, a comida, para saber como são feitos. Os “primitivos” eram educados aprendendo a fazer as coisas necessárias para sua vida. Mesmo os relógios, dos antigos, com engrenagens e corda, tecnologia muito mais avançada, se a gente os desmontar compreende como são feitos. Saber uma coisa é saber como ela é feita. (Pense sobre isso!) Hoje nós temos infinitamente mais objetos que os antigos. Usamos esses objetos, mas nossa ignorância sobre a forma como são feitos é total. Sabendo como uma coisa é feita podemos construí-la de novo, se ela ficar velha, ou consertá-la, se ela enguiçar. Um menininho da cidade, visitando pela primeira vez uma fazenda, e vendo as vacas serem ordenhadas, o leite espumante saindo de suas tetas, recusou-se a bebê-lo, com nojo, e disse chorando para o pai: “Pai, não quero beber leite de bicho. Quero beber leite de saquinho”. Uma coisa tão simples como o leite: ele não sabia de onde vinha. Coisas que uso no meu dia a dia mas nada sei sobre como são feitas: relógio, computador, televisão, elevador, micro-ondas, telefone, mais misterioso ainda, o telefone celular, os remédios, caneta Bic, semáforos, sopa de saquinho, tecidos, portas automáticas, as máquinas de banco onde se tira dinheiro (elas nunca erram na contagem das notas?), bichinho virtual (você se lembra deles?), brinquedos eletrônicos, aviões, tênis, chicletes... Faça sua lista de coisas que você usa e não sabe como funcionam.



Aquela pergunta que fiz no capítulo “A máquina do tempo” pode ser respondida agora. Sobreviveriam os índios, porque eles sabem fazer as coisas necessárias para sobreviver e nós não sabemos.



Num homem real se esconde uma criança... que deseja brincar...

Nietzsche

A MUDANÇA

Minhas netas: E sem de nada nos avisar, meu pai chegou e anunciou, sorridente: “Vamos nos mudar!”.

Quando é que as pessoas mudam? As pessoas mudam por duas razões. Primeiro, se elas são obrigadas a mudar. Foi o que aconteceu com os índios. Eles eram donos de tudo por aqui. Vieram os portugueses, com armas de fogo, e por tiro e força os obrigaram a mudar para os lugares distantes da selva onde hoje eles se encontram. Foi o que aconteceu com os negros que viviam na África. Aprisionados pelos brancos, foram arrancados de suas casas e mudados à força para o Brasil, amarrados em navios negreiros, para trabalhar nas plantações como escravos, sob pena de chicote e morte. Foi o que aconteceu com muitas pessoas no Brasil no tempo da ditadura que, para fugir da prisão e da morte, tiveram de se mudar para outros países. Para esses, mudar foi uma tristeza e um alívio. Segundo: elas mudam quando querem. Mudam quando não estão felizes no lugar onde moram. Mudam para ter uma vida melhor. Foi o que aconteceu com os imigrantes portugueses, italianos e japoneses: deixaram seus países e se mudaram para o Brasil porque a vida, no lugar onde viviam, estava difícil. É o que acontece com os nordestinos que deixam o Nordeste para trabalhar em São Paulo. Cansados da vida dura e da pobreza, sonham que, se se mudarem para São Paulo, vão ficar ricos. E é o que acontece também com aqueles que, cansados com a vida da cidade, vão para o interior, na esperança de encontrar tranquilidade.

Mas eu estava muito feliz lá na roça. Para mim não havia vida melhor. Na roça minha única experiência ruim era quando eu tinha dor de dente. Por mim eu não mudaria. “Mudar para onde?”, perguntei. Eu queria saber o destino que me aguardava. Meu pai percebeu o que estava acontecendo dentro de mim. E em vez de me responder dizendo o nome da cidade, ele respondeu falando sobre uma coisa que logo me fascinou: “Vamos nos mudar para uma cidade que tem trem de ferro!”.

Eu não sabia o que era um trem de ferro. Eu nunca ouvira falar em trem de ferro. Perguntei então: “E o que é trem de ferro?”. Meu pai não respondeu. Foi até a prateleira onde se encontrava a enciclopédia... *Encyclopaedia*: era assim que estava escrito. Antigamente as palavras não eram escritas da forma como as escrevemos hoje. A forma como eram escritas contava sobre os países onde haviam nascido, as línguas de onde provinham, seus sentidos originais. Nisso as palavras se parecem conosco: elas nascem!

Vocês nunca se perguntaram sobre quando e onde uma palavra nasceu? Por exemplo: a palavra “bola”. Quem será que, pela primeira vez, disse os sons “bola” para significar uma bola? Por que será que esses sons “bola” e não outros foram os escolhidos? E o interessante é que uma outra pessoa tem de ter entendido o que se queria dizer com esses sons. Se falo um som que ninguém entende, esse som não é palavra. Ainda hoje as palavras nascem. Palavras novas que não estão no dicionário têm o nome de “gíria”. Mas quem será que inventou a palavra “gíria”? Ela não é gozada? Os jovens inventam palavras novas, saem por aí falando, os outros jovens os entendem, mas nós velhos não entendemos. Muitas das palavras que usamos nasceram em outros países onde se falavam línguas que não entendemos: o grego e o latim, por exemplo. Pois a palavra *encyclopaedia* se escrevia assim para dizer de que língua ela nascera e

com que palavras menores fora formada. Ela é formada pela junção de duas palavras gregas: *enkyklios*, que quer dizer “num círculo”, e *paideia*, que quer dizer educação. Uma enciclopédia é um livro ou uma coleção de livros que põe, num círculo, as coisas que são importantes para a educação. Quando a gente quer saber uma coisa, a *encyclopaedia* explica.

Vocês se lembram de que eu lhes disse que meu pai, seu bisavô, foi rico e ficou pobre. Todas as coisas caras que tinha – casas, automóveis, fábricas – tiveram de ser vendidas para pagar as dívidas. Das coisas que tinha, sobraram apenas: o piano “Playel” da minha mãe, com castiçais para velas, presente de casamento importado da França; um relógio de bolso de ouro; uma coleção de livros chamada *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* (foi nessa coleção que meu pai me leu, pela primeira vez, a estória de Robinson Crusoé); e a *Encyclopaedia*... Como eu estava dizendo, meu pai foi até a prateleira onde se encontrava a *Encyclopaedia* e procurou o volume com a letra “L” gravada na capa preta, em ouro, e dentro, usando a ordem alfabética (se ele não soubesse a ordem alfabética ele nunca teria encontrado o que procurava; a ordem alfabética é a chave para abrir o conhecimento dos dicionários e enciclopédias), procurou a palavra “locomotiva”. (Perguntem ao pai de vocês ou a seu professor sobre a origem da palavra “locomotiva”... Ela é formada pela junção de que outras palavras? Esse joguinho é muito divertido. Igual a detetive: esclarecer os “antecedentes” das palavras...) Aí ele me mostrou fotografias de locomotivas. Mostrou e explicou. Disse que eram feitas de ferro. Que eram muito pesadas. Que suas rodas eram enormes. De tão pesadas não podiam andar nas estradas comuns, de terra: afundariam. Andavam sobre trilhos de aço presos no chão. Dentro delas havia uma fornalha com fogo aceso. O fogo aquecia a água, presa dentro de uma caldeira. Me explicou o que era uma caldeira. Pois a tampa da chaleira, quando a água estava

fervendo, não subia? Era o vapor da água que fazia a tampa da chaleira subir. Uma caldeira era uma chaleira enorme que não deixava o vapor escapar. O vapor preso ficava muito poderoso. Tão poderoso que fazia girar as rodas da locomotiva. A panela de pressão é um tipo de caldeira. A força do vapor, dentro dela, é tão grande que, para abrir, é preciso ou deixar que o vapor saia, levantando-se um chapéu pesado que cobre um pino, ou diminuir a pressão do vapor, pondo a panela debaixo da água fria. Meu pai nada falou sobre panelas de pressão. Naquele tempo elas ainda não haviam sido inventadas. Disse que o vapor, passando por um cano, fazia a locomotiva apitar. O maquinista puxava uma corda para fazer a locomotiva apitar. O apito era a buzina da locomotiva. Quem estivesse sobre os trilhos que fugisse, pois a locomotiva não podia desviar. Na cabina ficavam o maquinista, encarregado de controlar a locomotiva, fazê-la andar, frear, apitar. E o foguista, que jogava lenha na fornalha, para que o fogo estivesse sempre aceso. Engatados na locomotiva vinham os vagões onde ficavam os passageiros. Da chaminé da locomotiva saíam brasas aos milhares, em virtude do fogaréu que havia lá dentro. De noite era uma beleza! Era como se de dentro da barriga da locomotiva saíssem milhares de estrelas! Mas era preciso ter cuidado. Vez por outra uma dessas brasas entrava pela janela do vagão onde estavam os passageiros e ou fazia um buraco no terno de um homem ou iniciava um pequeno incêndio na cabeleira de uma mulher... Por isso aqueles que viajavam de trem se protegiam com casacos chamados “guarda-pó”, vestidos sobre os ternos, e usando chapéus ou bonés...

Meu pai ria enquanto me explicava a locomotiva. E eu já estava encantado, ao ouvi-lo falar. Queria me mudar para a cidade onde havia locomotivas. Quem sabe, algum dia, eu chegaria a ser maquinista de uma locomotiva? Ele era assim: espalhava risos quando falava. Ele tinha a

capacidade mágica de tornar alegres até mesmo as coisas tristes. E, naquele momento, ele precisava ter alegria. Tinha 40 anos, havia perdido tudo, tinha de se mudar para começar vida nova, a partir do zero, tendo apenas ele próprio, um relógio de ouro e sua capacidade de falar. E seria indispensável morar numa cidade onde houvesse trem de ferro. Seu novo trabalho exigiria que ele viajasse. Ele seria viajante: iria de cidade em cidade vendendo coisas...

Eu não me lembro direito do dia da mudança. Lembro-me de que me acordaram muito cedo. E me espantei de ver o céu coberto de estrelas. Para mim, menino, céu coberto de estrelas acontecia de noite, quando se ia para a cama. Que estranho! Eu estava me levantando, era manhã, e o céu estava coberto de estrelas...

E foi assim, com o céu coberto de estrelas e o horizonte se avermelhando, que eu deixei o mundo onde meus companheiros eram os cavalos, as vacas, as galinhas, os riachinhos, e me mudei para o mundo desconhecido onde corriam os trens de ferro movidos a fogo e vapor...

PARA PENSAR



Os trens de ferro inspiraram poetas, fotógrafos, compositores. Com o compositor Villa-Lobos virou música de orquestra: “O trenzinho do caipira”. Com a Adélia Prado virou poema: “Um trem de ferro é uma coisa mecânica, mas atravessa a noite, a madrugada, o dia, atravessou minha vida, virou só sentimento”. E com o Milton Nascimento virou canção: “Maria-fumaça não canta mais para moças, flores, janelas e quintais...”.



As palavras nascem, vivem e morrem. Muitas das palavras que eram usadas quando eu era menino não se usam mais. Você sabe o que é “dentifrício”? Esse era o nome que se usava para “pasta dental”. E “aeroplano”? Era uma palavra que se usava para “avião”. Sabe de onde nasceu a palavra “avião”? Da palavra latina *avis*, ave, pássaro. Avião é um passarão... “Retrato” é outra palavra que está morrendo. Hoje se fala mais

“foto”. Um amigo, já velho, pediu ao neto: “Será que você pode me trazer o embrulho que está no automóvel?”. O neto ficou quieto. O avô repetiu. O neto não se moveu e perguntou: “Vô, o que é automóvel?”. Outras palavras são inventadas e estão no dicionário mas ninguém as usa: “Vamos fazer um convescote?”; “Você gosta de balípodo?”. O que querem dizer essas palavras? Para isso há o dicionário. E qual é a origem da palavra dicionário? Vem do verbo latino *dicere*, dizer. Uma brincadeira: fazer um dicionário de palavras ou expressões que vocês, crianças e adolescentes, usam e os mais velhos não entendem. E peçam para alguém já velho fazer um dicionário de palavras que eles usavam mas não podem mais usar porque ninguém entende. Junto com as novas tecnologias vêm muitas palavras que não são da língua: escanear, salvar, deletar, parquear. Um imigrante português que vivia nos Estados Unidos disse para a esposa ao ouvir a campainha da porta: “Estão a ringaire...”. Ele provinha de uma zona rural de Portugal, onde não havia campainhas. Ele não tinha, portanto, uma palavra para dizer esse acontecimento. O que ele fez: pegou o verbo inglês *to ring* e o aportuguesou, “ringar”. Os poetas são especialistas em inventar palavras: *borboletra*, por exemplo. O que será que o poeta queria sugerir ao inventar essa palavra? Para aprender um jeito diferente de usar as palavras leia o livro do poeta mato-grossense Manoel de Barros. E o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Homenagem

Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontens...
não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.
Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.
E sabes que serás assim para sempre.
Não queiras marcar a tua passagem.
Ela prossegue:
É a passagem que se continua.
É a tua eternidade.
És tu.

(Cecília Meireles, Cântico II)

Nós, da Papirus Editora, gostaríamos de manifestar nossa felicidade em poder comemorar com você, Rubem Alves, seus 70 anos. É uma honra para nós tê-lo como autor da casa.

A produção deste livro foi feita com muito carinho e dedicação, procuramos não esquecer nenhum detalhe. Mais do que publicá-lo, queríamos oferecer a você e a seus leitores uma bela edição que, entre

crônicas, ilustrações e epígrafes, valesse por “álbum de fotografias” de sua meninice e sua mineirice.

Aproveitando a oportunidade, também o parabenizamos pelo seu trabalho como escritor. Seus relatos nos levam a indagações essenciais, a ver o lado divertido do cotidiano, a perceber a beleza do pequeno e a apreciar a grandeza de viver. Seus leitores se identificam com as sensações que você descreve – ficamos, todos, encantados com a leitura...

Sabemos que você adora escrever e o faz com paixão, revelando muito de sua vida nos seus textos. A infância em Minas, o olhar agudo sobre os temas educacionais e as reflexões sobre religião são fragmentos de sua experiência que você proporciona para a degustação das pessoas – como as iguarias preparadas por Babette.

Temos imensa alegria em fazer parte de sua história, assim como você também já faz parte da nossa. Desde nosso “primeiro encontro” com o livro *O enigma da religião*, de 1984, passando por tantos outros títulos muito bem-sucedidos, como *O retorno e terno* (1ª ed. 1992) e *O amor que acende a lua* (1ª ed. 1999), até o grande sucesso *Fomos maus alunos* (1ª ed. 2003) – este último, em estimulante parceria com Gilberto Dimenstein. Sempre caminhamos lado a lado, trabalhando muito para que sua obra chegasse a todos, em edições à altura de seu conteúdo.

São anos de parceria e companheirismo e, nesta data tão especial, para você e para nós, gostaríamos de lhe desejar muitas felicidades e muito mais sucesso. Que continuemos ainda durante muitos anos compartilhando alegrias, estórias, ideias, livros...

Sobre o autor

Rubem Alves



Nasceu em Boa Esperança (MG), em 1933. De Minas para Campinas, depois para Lavras, onde serviu como pastor numa comunidade presbiteriana, sua trajetória profissional e intelectual teve início com o estudo da Teologia. Em Princeton (Estados Unidos) realizou seu doutorado.

Professor da Unicamp e psicanalista, sua luta e sua alegria, hoje em dia, associaram-se definitivamente à palavra. Como autor de vários artigos e livros publicados, tem obras que se destacam: *O retorno e terno*, *A maçã e outros sabores*, *A festa de Maria*, *Cenas da vida*, *Concerto para corpo e alma*, *E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais*, publicadas pela Papirus Editora. Também escreve livros infantis: *A menina e o pássaro encantado*, *A pipa e a flor* (Loyola) e *O passarinho engaiolado* (Papirus).

Outros livros de Rubem Alves

A alegria de ensinar

O aluno, o professor, a escola (em coautoria com Celso Antunes)

Amor

O amor que acende a lua

Aprendiz de mim

Caindo na real (com ilustrações de Aida Xavier)

Cenas da vida

Conversas com quem gosta de ensinar

Concerto para corpo e alma

As cores do crepúsculo

Desfiz 75 anos

E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais

Encantar o mundo pela palavra (em coautoria com Carlos Rodrigues Brandão)

Ensinar, cantar, aprender (inclui CD com músicas de Marcílio Menezes)

A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir

Está na mesa (em coautoria com Christian Bauer)

Estórias de quem gosta de ensinar

A festa de Maria

Fomos maus alunos (em coautoria com Gilberto Dimenstein)

O médico

As melhores crônicas de Rubem Alves

A música da natureza

Palavras para desatar nós

O passarinho engaiolado (com ilustrações de Marília Cotomacci)

Pensamentos que penso quando não estou pensando

A poesia do encontro (em coautoria com Elisa Lucinda)

Por uma educação romântica

Quer que eu lhe conte uma estória? (com ilustrações de Karen Elis)

O retorno e terno

Retratos de amor

Reverência pela vida

Sete vezes Rubem

Sobre o tempo e a eternaidade

Vamos construir uma casa?

Siga-nos nas redes sociais:



>> >> >>



>> >>

Acesse também nosso catálogo on-line

Capa: Fernando Cornacchia
Ilustração: Paulo Branco
Copidesque: Lúcia Helena Lahoz Morelli
Revisão: Anna Carolina Garcia de Souza, Maria Lúcia A. Maier e Solange F. Penteado

ePUB
Coordenação: Ana Carolina Freitas
Produção: DPG Editora
Revisão: Daniele Débora de Souza

eISBN 978-85-308-0988-1

Algumas crônicas que compõem esta obra foram publicadas no jornal *Correio Popular* e encontram-se também em outras obras do autor.

Exceto no caso de citações, a grafia deste livro está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa adotado no Brasil a partir de 2009.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra de acordo com a lei 9.610/98. Editora afiliada à Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papirus Editora
editora@papirus.com.br | www.papirus.com.br